



**Jadna Rodrigues Barbosa**

**A Representação da Mulher e os Dispositivos  
Midiáticos em Godllywood: Um Estudo de Caso**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, do Departamento de Comunicação da PUC-Rio.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Adriana Andrade Braga

Rio de Janeiro,  
Abril de 2025



**Jadna Rodrigues Barbosa**

**A Representação da Mulher e os Dispositivos  
Midiáticos em Godllywood: Um Estudo de Caso**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, do Departamento de Comunicação da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

**Prof<sup>a</sup>. Adriana Andrade Braga**

Orientadora

Departamento de Comunicação – PUC-Rio

**Prof. Antônio Carlos Alkmim dos Reis**

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Elaine Vida Oliveira**

Departamento de Comunicação – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Bela Feldman-Bianco**

Unicamp – SP

**Prof<sup>a</sup>. Marta Regina Cioccarri**

UFRRJ – RJ

Rio de Janeiro, 30 de abril de 2025

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

## **Jadna Rodrigues Barbosa**

Bacharela em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Máster en Comunicación Corporativa (EAE Business School, Espanha). MBA em Gestão de Negócios (IBMEC-Rio). Pós-Graduada em Comunicação e Imagem pela PUC-Rio (especialização).

### Ficha Catalográfica

Barbosa, Jadna Rodrigues

A representação da mulher e os dispositivos midiáticos em godllywood : um estudo de caso / Jadna Rodrigues Barbosa ; orientadora: Adriana Andrade Braga. – 2025.

156 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2025.

Inclui bibliografia

1. Comunicação Social – Teses. 2. Godllywood. 3. Gênero. 4. Religião. 5. Representação. 6. Mídias. I. Braga, Adriana Andrade. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. III. Título.

CDD: 302.23

À minha mãe Honorina, minha força e inspiração eternas (in memoriam).  
Ao Tadeu, meu grande amor e companheiro de vida.

## **Agradecimentos**

Ao Tadeu e à Renata Eckhardt Theobald, pelas trocas e por me fazerem acreditar que seria possível sempre que eu tropeçava.

Aos meus irmãos Jader e Ricardo, meus companheiros de vida.

Às minhas sobrinhas Julia, Olivia e Maria.

Ao Nacho e ao Pepe, meus companheiros de jornada.

Aos meus amigos e às minhas amigas que me acompanham.

À minha orientadora Adriana Andrade Braga, pelo interesse.

À banca, pela admiração.

Ao corpo docente do PPGCOM da PUC-Rio, pelo conhecimento.

À Marise Lira e à Juliana Pecis, secretárias do PPGCOM da PUC-Rio sempre tão presentes e amorosas nesta minha trajetória.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

## Resumo

Barbosa, Jadna Rodrigues; Braga, Adriana Andrade. **A representação da mulher e os dispositivos midiáticos em Godllywood: um estudo de caso.** Rio de Janeiro, 2025. 156p. Tese de Doutorado – Departamento de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As mais diversas denominações religiosas encontraram nas mídias um potente instrumento da conquista e fidelização de novos/as fieis, além da construção de novas culturas e costumes de evangelização. Dentro deste novo formato está “*Godllywood*”. Ancorada em estudos de gênero, pretendo apresentar neste trabalho a representação do ideal de uma mulher evangélica neopentecostal *godllywoodiana* a partir da análise de seis palestras virtuais transmitidas via YouTube, diretamente do Templo de Salomão, em São Paulo. A partir do crescimento deste movimento, que se pauta em discursos ideológicos aparentemente ultrapassados, propondo “a renovação das mentes femininas e uma mudança de comportamento a partir dos preceitos da palavra de Deus”, o objeto desta pesquisa é entender a construção desta mulher que busca a santidade.

## Palavras-chave:

Godllywood, gênero, religião, representação, mídias

## **Abstract**

Barbosa, Jadna Rodrigues; Braga, Adriana Andrade (Advisor). **The representation of women and media devices in Godllywood: A Case Study**. Rio de Janeiro, 2025. 156p. Tese de Doutorado – Departamento de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The most diverse religious denominations have found the media to be a powerful instrument for gaining and retaining new believers, in addition to building new cultures and customs of evangelization. Within this new format is “Godllywood”. Anchored in gender studies, I intend to present in this work the representation of the ideal of a Godllywoodian neo-Pentecostal evangelical woman based on the analysis of six virtual lectures transmitted via YouTube, directly from Solomon's Temple, in São Paulo. From the growth of this movement, which is based on apparently outdated ideological discourses, proposing "the renewal of female minds and a change in behavior based on the precepts of the word of God", the object of this research is to understand the construction of this woman who seeks holiness.

## **Keywords:**

Goddlywood, gender, religion, representation, media

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	12
2- Mídia e religião: dos púlpitos de madeira aos espaços midiáticos .....	18
2.1. Religião e Comunicação: compreensão à luz da ecologia das mídias .....	18
2.2. A religião se rende ao poder das mídias.....	21
2.3. Mídia e religião: os pentecostais experimentam; os neopentecostais disfrutam .....	27
2.4. A “fagocitose religiosa” e a Teoria da Prosperidade .....	30
2.5. A (in)significância do gênero nas mídias (neo)pentecostais .....	36
2.6. A construção cultural dos corpos femininos.....	40
3- A REPRESENTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO SOCIAL	19
3.1. Uma <i>outsider</i> em campo: dificuldades em furar a bolha .....	19
3.2. Relato de uma <i>outsider</i> : o mundo empírico se torna uma representação.....	52
3.3. Representação e interação sociais: uma angulação teórico metodológica .....	59
3.4. Amostragem: um recorte em meio a infinitas possibilidades .....	61
4- A CONSTRUÇÃO DA MULHER <i>GODLLYWOODIANA</i> : DA GÊNESE À REPRESENTAÇÃO .....	66
4.1. “Um desejo de Deus”: mulheres virtuosas são contra <i>Hollywood</i> ..	70
4.2. A fachada de <i>Godllywood</i> : submissão para agradar a Deus .....	76
4.3. Ternura e a suavidade em prova: um outro lado da <i>Big Sister</i> .....	94
4.4. Mulheres submissas à moda antiga: agência para decidir .....	100
4.5. Estamos <i>live</i> ? O primeiro encontro virtual Godllywood Autoajuda .....	105
4.6. Bispo Edir Macedo em <i>Godllywood</i> : a dominação masculina.....	114
5. CONCLUSÃO.....	70
6. Referências bibliográficas .....	125



## Lista de figuras:

Figura 1: Uso de elementos judaicos no Tempo de Salomão .....	33
Figura 2: Menorás, os candelabros judaicos, decoram as paredes .....	34
Figura 3: Edir Macedo na reunião de Godllywood usando o talit .....	34
Figura 4: Templo de Salomão repleto de mulheres na.....	69
Figura 5: Evelyn Higginbotham , co-fundadora de Godllywood.....	77
Figura 6: Cristiane Cardoso caminhando em direção ao altar: abertura do vídeo institucional.....	78
Figura 7: Cristiane assume um perfil de mulher executiva para explicar o início de Godllywood .....	79
Figura 8: Imagens das primeiras jovens e mulheres godllywoodianas em Houston.....	81
Figura 9: Godllywoodianas aprendendo a ser virtuosas: roupas e gestos femininos.....	81
Figura 10: Maria, dificuldade com a criação dos filhos.....	84
Figura 11: Vanessa, perdão para enfrentar a violência doméstica.....	86
Figura 12: Godllywood School naturaliza o cuidado como trabalho feminino.....	87
Figura 13: Crianças da Godllywood School: lições de tarefas domésticas .....	92
Figura 14: Meninas da Godllywood School aprendendo a se comportar e a se vestir .....	92
Figura 15: Jovens modernas à moda antiga .....	93
Figura 16: Lições de boas maneiras: delicadeza .....	93
Figura 17: Cristiane Cardoso: o outro lado da líder godllywoodiana .....	96
Figura 18: A impaciência de Cristiane na forma de olhar e pelo movimento corporal: beliscões .....	98
Figura 19: Godllywoodianas de Presidente Tancredo Neves convidam para a reunião .....	101
Figura 20: Todos os comentários foram positivos: conteúdo aprovado .	102
Figura 21: Cristiane olha a câmera não acreditando que está on-line ...	107

Figura 22: Cenas de “bastidores” na “área de fachada”: Cristiane arruma os cabelos, amiga olha o celular .....	108
Figura 23: Cristiane e suas amigas na oração inicial: referência à Pentecostes.....	109
Figura 24: Edir Macedo ora de costas para a plateia antes de iniciar a palestra .....	115
Figura 25: Ator (de calça escura) afirma estar “endemoniado” desde o ventre da mãe: culpa feminina .....	118

*Eu creio porque é absurdo.*

Santo Agostinho

# INTRODUÇÃO

Nos anos 70, a hegemonia católica no Brasil era absoluta: 91,8% da população se declarava católica contra 5,2% de evangélicos. O Censo (2010)<sup>1</sup> do IBGE, no entanto, mostra que vem acontecendo uma mudança no campo religioso do país nas últimas seis décadas. Apesar de ainda possuir a maior população católica do mundo, hoje 22,2% do/as brasileiro/as se declaram evangélico/as e 64,6% católico/as (IBGE, 2010). A expectativa é que até 2040, esta proporção seja mais próxima. Atualmente, os/as evangélicos/as já somam 25,3 milhões de fiéis (Nascimento, 2019)<sup>2</sup>.

Tão crescente quanto a população evangélica é o acesso por esse segmento da população às mais avançadas mídias digitais. A internet permitiu a ampliação da presença midiática dos mais diversos setores da sociedade a fim de otimizar suas atividades e objetivos. Dentre os diversos campos sociais, estão as instituições e grupos religiosos das mais variadas denominações, que se apropriam e utilizam destes recursos tecnológicos de comunicação para aumentar seu número de fiéis nos mais recônditos lugares do mundo.

Com o advento das novas mídias, as igrejas, especialmente as neopetencostais, passam a ter um protagonismo realçado, amplificando sua presença por meio dos púlpitos eletrônicos. Primeiramente, por meio das mídias radiofônicas, depois das televisivas e, mais recentemente, com a utilização massiva das mídias eletrônicas com o uso da internet e seus produtos como os sites, blogs e redes sociais (YouTube, Facebook, Instagram, Twitter, Whatsapp, Threads, TikTok e muitos outros).

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD<sup>3</sup>) desde a sua fundação em 1977, destacou-se por seu rápido crescimento fazendo o uso destes dispositivos

---

<sup>1</sup> Citei o Censo de 2010 porque os dados do último, realizado em 2022, ainda não estavam disponíveis no período da minha pesquisa.

<sup>2</sup> As maiores denominações evangélicas pentecostais são: Assembleia de Deus (12,3 milhões); Igreja Batista (3,7 milhões) e a Congregação Cristã no Brasil (2,2 milhões). Na terceira onda, chamada de neopetencostal, a Igreja Universal do Reino de Deus reúne 1,87 milhão de fiéis, quase empatada com a Evangelho Quadrangular (1,8 milhão de fiéis). Estas duas últimas, segunda Nascimento (2019), se não estão em maior número pode ser consideradas as mais ruidosas e controversas (Nascimento, 2019).

<sup>3</sup> A Igreja Universal do Reino de Deus também é chamada e reconhecida entre os seus/suas seguidores/as por IURD, sendo esta sigla também utilizada nesta tese.

mediáticos. Em 10 anos já possuía mais de 500 templos em todo o país, além de um conglomerado de mídias que ajudam a fortalecer suas estratégias de evangelização. Na primeira década do século XXI, já se encontravam registrados como propriedade da IURD ou de pessoas físicas ligadas à instituição 62 emissoras de rádio, diversas afiliadas de televisão, sendo a Rede Record – que reúne 63 emissoras, sendo 21 delas ligadas diretamente à Igreja Universal (Fonseca, 2003) – seu principal canal. Hoje a instituição já está em 95 países e possui dez mil templos nos cinco continentes (Nascimento, 2019).

O advento da internet traz uma nova forma de poder e visibilidade aos discursos religiosos na contemporaneidade. O tradicional espaço físico das igrejas com capacidade para um público limitado torna-se obsoleto e ganha uma nova roupagem. Transforma-se em um palanque eletrônico capaz de chegar a um universo ilimitado de fiéis que pode ser alcançado em qualquer lugar e a todo momento.

Já se mostrava evidente na IURD, desde a sua fundação, a apropriação das mídias como uma estratégia de disseminação da prédica, segundo um modelo herdado dos Estados Unidos: o discurso religioso à frente de um auditório repleto de pessoas escutando passivamente. No entanto, este formato foi adaptado de programas seculares de televisão, nos quais as entonações dos discursos no púlpito foram substituídas por uma oratória e desempenho de um apresentador de TV. Dentro deste novo formato, tornou-se possível filtrar os assuntos de maior interesse dos fiéis visando à formação de lideranças religiosas que se enquadravam nos padrões de apresentadores e apresentadoras de televisão. “A transformação é a característica comum da tecnologia e da simbolização, e um conceito-chave para os estudos da ecologia das mídias” (Strate, Braga; Levinson, 2019).

Nesse contexto, a televisão e a internet, com seu poder de penetração, alcance e disponibilidade a qualquer tempo tornou a escrita obsoleta. Já não é mais preciso ter em mãos um livro ou qualquer outro tipo de publicação para saber mais sobre algum assunto. Basta ligar a TV ou, mais ainda, ter um *smartphone* em mãos para ter a prédica do seu/sua pastor/a no momento que quiser, onde estiver. E mais: não é preciso refletir sobre o conteúdo. Ele já chega aos ouvidos dos fiéis carregado da ideologia que se pretende transmitir.

Sob essa nova realidade que se apresenta, a partir da perspectiva de gênero, desperta minha atenção o projeto *Godllywood*, voltado inicialmente para o público

feminino da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que se define como “um movimento que levanta a bandeira da ‘Santidade ao Senhor’ por meio da formação de uma “mulher virtuosa”. Ancorada em estudos de gênero, pretendo apresentar nesta pesquisa a representação da mulher construída segundo os preceitos de *Godllywood* a partir da análise de cinco palestras virtuais transmitidas via YouTube, diretamente do Templo de Salomão, em São Paulo, no período de 2015 a 2024.

A conduta destas mulheres *godllywoodianas* pauta-se nas palestras ministradas pela sua líder Cristiane Cardoso – que é a filha primogênita do fundador da IURD, o autoproclamado bispo Edir Macedo – realizadas bimestralmente na sede da igreja na cidade de São Paulo, conhecida como Templo de Salomão. Estas palestras são transmitidas em tempo real para todas as demais unidades da igreja espalhadas pelo Brasil. A proposta deste movimento é atrair mulheres que querem “agradar a Deus acima de tudo e de todos” (*Godllywood*, 2024) seguindo os atributos necessários para a construção da “Mulher Virtuosa” – ou a “Mulher V” – descrita pelo profeta Salomão no Antigo Testamento.

A primeira vez que ouvi a palavra *Godllywood* pensei se tratar de algum estúdio cinematográfico exclusivo para mídias religiosas, tal como *Bollywood*<sup>4</sup> ou mesmo a pioneira *Hollywood*. Mais tarde descobri que se tratava de movimento de mulheres dentro da Igreja Universal do Reino de Deus, uma denominação religiosa que despertava minha atenção pelo crescimento vertiginoso. Investigar *Godllywood* seria uma maneira de cultivar o interesse que sempre tive em outras religiões desde a minha infância. Melhor ainda seria poder aliar este interesse aos meus estudos de gênero para saber como era essa mulher *godllywoodiana* e como ela era construída.

A escolha deste objeto, no entanto, causou-me mais incômodos do que eu poderia imaginar. Sou filha de uma família de berço católico do interior de Minas Gerais e feminista. Estar próxima a este campo com valores, prédicas e práticas completamente diferentes dos meus não foi uma tarefa fácil. A aproximação com o meu objeto e a forma como ele se apresentava à minha frente foi mais desconfortável do que eu poderia imaginar. A curiosidade em torno dele muitas vezes se transformou em desconforto. Wright Mills (1995) ensina que a “Ciência Social é como um ofício: exige método, teoria e dedicação” (p. 212). Essas regras foram meus pilares para que meu objeto pudesse ser estudado.

---

<sup>4</sup> Indústria de cinema de língua hindi.

Ancorada no referencial metodológico das representações sociais e do interacionismo simbólico, o presente estudo tem como objetivo analisar como é a construção da “mulher virtuosa” para entender o crescimento deste movimento que se pauta em posicionamentos aparentemente ultrapassados, propondo “a renovação das mentes femininas e uma mudança de comportamento a partir dos preceitos da palavra de Deus”. Além do Brasil, o movimento hoje tem uma presença relevante também em diversos países das Américas (incluindo os Estados Unidos), Europa, África, Ásia e Oceania, mas nesta pesquisa o recorte será feito a partir do movimento apenas no território brasileiro.

Acredito ser importante pesquisar a religião sob o aspecto de gênero nos campos da Comunicação e das Ciências Sociais por meio de suas mais diversas manifestações nos espaços midiáticos. O binômio mídias/religião tem proporcionado subjetividades e novas formas de entender o mundo. Os seres sociais não se delineiam mais a partir de mídias específicas, mas de instrumentos diversos e sutis dispostos nas mais avançadas tecnologias. Esses dispositivos midiáticos contribuem para uma mudança na concepção de realidade, de padrões morais e estéticos e da própria forma de se comunicar. Para Adriana Braga (2011), é possível afirmar que o surgimento de uma nova tecnologia gera mudanças na vida das pessoas que interagem com elas.

O estudo está dividido em três partes. Na primeira, tenho como intenção apresentar a importância das mídias no desenvolvimento e na difusão dos preceitos das igrejas neopentecostais e a influência delas nas mudanças dos discursos e formas de apresentar seus dogmas religiosos. Ao se apropriarem dos espaços midiáticos, os líderes neopentecostais precisam se adaptar à novas linguagens discursivas e representacionais. Os templos deixam de ser os espaços dedicados à devoção pois as pregações transpassam os muros dos espaços religiosos para estar presente em todos os lugares. Assim sendo, os/as fiéis não precisam mais estar agrupados para rezar e cultivar suas crenças. Eles/as podem estar sozinhos/as em seus lares ou em qualquer lugar onde disponham de uma rede de internet ou mesmo pelo acesso via *wire-fidelity* (wi-fi). Finalizo esta parte fazendo um paralelo entre o crescimento dos discursos religiosos nas mídias e a representação de gênero a partir deste acontecimento.

A segunda parte é dedicada à trajetória metodológica escolhida para este estudo, baseada no modelo de representação social e do interacionismo simbólico.

O método da representação social no campo da comunicação social passou a ocupar um papel de destaque, pois envolve o uso da palavra, de signos, de imagens, de conteúdos de pensamentos e conjuntos de ideias da sociedade e da própria forma representacional dos indivíduos. O suporte metodológico da interação simbólica visa a reforçar o conceito das representações sociais, uma vez que os indivíduos, de acordo com o antropólogo canadense Erving Goffman (1985), selecionam a representação mais adequada a ser desempenhada de acordo com o momento social.

Em poucas décadas as sociedades se tornaram mais complexas, exigindo novas formas de entender o mundo. A presença cada vez mais sistemática e constante de dispositivos midiáticos na vida dos indivíduos – sem barreira de tempo ou distância – tem trazido como consequência uma troca cultural significativa. Mas para o sociólogo Stuart Hall (1997), as mídias têm disponibilizado representações hegemônicas para contextualizar diferenças e determinar que certos modos de ser sejam produzidos e circulem socialmente, sustentando o *marketing* do produtos e ideias.

As mudanças culturais decorrentes da disponibilização das mídias afetam os modos de ser, de estar, do próprio eu e do sentido da vida. Dentro deste contexto, entendo que o estudo da representação se torna necessário, uma vez que seu significado encontra-se no fato de “(...) usar a linguagem para dizer algo com sentido sobre, ou para representar de maneira significativa o mundo a outras pessoas.” (Hall, 2016, p. 2). Ainda a partir de Hall (2016, 9), as representações impactam sobre as identidades, pois estas estão ligadas ao fato de como temos sido representados e como podemos nos representar. No mundo contemporâneo, onde estamos imersos nos mais diversos e acessíveis dispositivos midiáticos, Hall (2016) ressalta a fragmentação do indivíduo moderno, gerando mudanças estruturais em nossa sociedade, que está sendo construída ao longo de discursos, práticas e posições.

Na terceira parte dedico-me a analisar a representação da mulher *godllywoodiana* a partir de cinco filmes disponíveis pelo canal *Godllywood* no YouTube no período de 2015 a 2024. Tal período se justifica por marcar a abertura de um grupo fechado – restrito às mulheres fiéis à Igreja Universal do Reino de Deus – para se tornar um movimento aberto ao público feminino de qualquer credo. A partir desta abertura, passa a se denominar “*Godllywood* Autoajuda”, e a se posicionar como um serviço de apoio para mulheres que precisam de



aconselhamento à guisa dos preceitos da Bíblia – e dos valores da Igreja Universal do Reino de Deus.

A relevância deste trabalho está em conhecer mais profundamente, no campo da Comunicação e das Ciências Sociais, sob a perspectiva de gênero, como a representação e a interação social no movimento *Godllywood* Autoajuda possibilitam a disciplina e a construção de uma mulher idealizada nas mais diversas faixas etárias; e, ainda, observar a generalização de um modelo performativo dos corpos femininos, transformando-os em uma nova linguagem de estímulo mútuo, interação e controle.

## **2- Mídia e religião: dos púlpitos de madeira aos espaços midiáticos**

### **2.1. Religião e Comunicação: compreensão à luz da ecologia das mídias**

A pesquisa da religião no campo das Ciências Sociais e da Comunicação torna-se importante porque o binômio religião/mídias tem proporcionado subjetividades e novas formas de entender o mundo. Os seres sociais não se delineiam mais a partir de mídias específicas, mas de instrumentos diversos e sutis dispersos nas mais avançadas tecnologias. Em poucas décadas as sociedades se tornaram mais complexas, exigindo uma nova forma de enxergar a realidade.

Os dispositivos tecnológicos possuem suas próprias características discursivas e sociais e a presença destes têm sido cada vez mais sistemática e constante na vida dos indivíduos. Transpondo barreiras de tempo e de espaço, as novas mídias têm trazido como consequência uma nova maneira de se comunicar, visto que remetem também a situações de produção, recepção e circulação discursivas (Borelli; Regiani, 2021). Partindo do pressuposto de Neil Postman (1994) de que nenhuma mídia é neutra e todas as que surgem trazem com ela alguma ideologia, é preciso aprofundar o conhecimento para entender a subjetividade nas representações trazidas por estes meios.

A expansão das mídias e a popularização dos dispositivos midiáticos motivou um estreitamento de fronteiras entre diferentes campos sociais, entre eles o da religião. Nestes dois campos existem a capacidade humana de criar formas de interação, mecanismos culturais e midiáticos para a construção e disseminação de sentidos.

Na perspectiva da Ecologia das Mídias, entende-se como mídia não apenas as que utilizam tecnologias. Apesar da evolução dos artefatos tecnológicos se tornarem objetos de interesse de pesquisadores/as, o uso de mídias pelos indivíduos não é algo contemporâneo. Ele sempre existiu, segundo Rodrigues e Braga (2014).

Adriano Rodrigues conceitua que a comunicação está na “troca de experiência entre os seres humanos”. A utilização de dispositivos técnicos torna-se uma necessidade para realizar de forma artificial “as competências que os seres humanos realizam espontaneamente quando interagem entre si com o mundo” (Rodrigues, 2011, p. 25). De acordo com o cientista social português, a criação e o

uso de dispositivos técnicos passam a ser imperativas para que o indivíduo possa dar conta de suas necessidades de comunicação e da própria existência.

Rodrigues e Braga (2014) sustentam que a linguagem é o primeiro e o mais importante dispositivo midiático utilizado pelo ser humano. É através dela que o ser humano consegue expressar suas emoções e ideias e, também, receber, processar e armazenar informações através de símbolos e de significados. Por isto que, desde os tempos mais remotos, as invenções técnicas sempre primaram pela sua perpetuação.

A partir da linguagem, várias outras formas de mídias vão sendo adicionadas por meios de objetos e dispositivos técnicos que possibilitam uma visão mais ampla acerca da realidade. O corpo, segundo Rodrigues (2011), é o primeiro dispositivo de mediação. Nele “se desencadeiam os processos sensoriais que presentificam de algum modo, o mundo, dispondo-o de acordo com a maneira como o corpo está sensorialmente equipado e colocado à nossa disposição” (p. 69). Isto porque o seu funcionamento não é intrínseco. Ele precisa de estímulos artificiais, que Rodrigues (2011) chama de “dispositivos culturais” para acionar o mundo de uma forma melhor.

A passagem da comunicação oral para a escrita foi lenta, mas uma vez criada, transformou a consciência humana. A escrita se diferencia da oralidade porque permite a reflexão, ao contrário da linguagem. Esta, além de exigir o contato com outra pessoa e a precisão verbal, permite o improviso, a espontaneidade. O discurso oral facilita diferentes interpretações, o que pode favorecer a modificação do seu sentido. O que está escrito em um livro parece ter muito mais força do que aquilo que é dito. E, assim, passa a se tornar uma verdade (Ong, 1998).

No século XV, a invenção da prensa tipográfica revolucionou a escrita e a leitura, pois permitiu a democratização da informação através de publicação de livros e o acesso a eles pelas mais diversas camadas sociais. Antes da prensa tipográfica, o poder da informação ficava restrito à igreja e à monarquia (Meyrowitz, 1985). Rodrigues e Braga (2014), no entanto, afirmam que as estratégias de dominação não podem estar relacionadas às ferramentas midiáticas, mas sim com o dispositivo da linguagem que é utilizada e dos seus diferentes lugares de fala.

A criação de novas tecnologias midiáticas tornou-se necessária para que se pudesse ultrapassar a noção do tempo e do espaço. Assim, Rodrigues e Braga

(2014) explicam que a impressão, o telégrafo, o telefone, o rádio, a TV e, por fim, a cibernética abriram uma rota indefinida não apenas de tempo e de espaço, mas também do número de usuários/as.

Braga (2011) afirma que as principais ideias de McLuhan têm sido resgatadas para a compreensão desta época virtual. De acordo com a pesquisadora, duas teorias do filósofo e pesquisador canadense podem se consideradas para este entendimento: a da “*rear-view mirror*” [espelho retrovisor] (McLuhan, 1994) e a póstuma “*tetrad theory*” [teoria tetrádica] (McLuhan & McLuhan, 1988).

McLuhan (1964) teoriza que a cultura funciona como um espelho retrovisor à medida em que uma nova mídia faz com que a anterior se torne obsoleta ao mesmo tempo em que absorve seu conteúdo. A partir deste arcabouço teórico, Paul Levinson (1999) aprofunda este pensamento e entende que, por exemplo, a cultura escrita não está subordinada ao imediatismo da cultura oral; mas destaca a imposição das mídias oral, visual e escrita na cultural virtual. Levinson (1999) “sustenta que uma cultura conectada, imediata e tribal distinguiu-se da mídia eletrônica apenas pelo potencial da tecnologia de satélite, que conecta as pessoas instantaneamente com os eventos de todo o planeta” (Levinson, 1999 apud Braga, 2007). Desta forma, a escrita não se tornou obsoleta, ela se adaptou ao conteúdo de uma nova mídia. E o surgimento de novos dispositivos midiáticos se fazem necessários quando o anterior já não dá mais conta de suportar o excesso de informação.

Para Braga (2007), a teoria tetrádica [*tetrad theory*] é a que se mostra mais funcional nesta era dos dispositivos midiáticos digitais, pois prevê quatro efeitos que surgem ao ser introduzida uma nova ferramenta de mídia: melhoria (*enhance*), ao ampliar alguns aspectos da sociedade; obsolescência (*obsolece*), uma vez que uma nova mídia envelhece a que está em predominância; recuperação (*retrieve*), pois ressalta aspectos tornados obsoletos previamente; e transforma (*flip into*), ao revitalizar mídias em decorrência do pleno funcionamento do potencial daquela que surge.

Neil Postman (1994, p. 18) explica:

O telégrafo e o jornal diário mudaram o que antes chamávamos de “informação”. A televisão muda o que antes chamávamos de “debate político”, “notícia” e “opinião pública”. O computador muda a informação mais uma vez. A escrita mudou o que antes chamávamos de “verdade” e “lei”; a imprensa mudou-as mais uma vez e, agora, a

televisão e o computador tornam a mudá-las. Essas mudanças ocorrem com rapidez, sem dúvida, e em certo sentido em silêncio.

Com o advento da cibercultura, Braga (2007) defende que o tema “aldeia global”, cunhado por McLuhan, tornou-se bastante contemporâneo. Ainda que opositores a este termo enfatizem que a ideia de uma comunicação sem fronteiras torna-se pouco factível devido a limites econômicos e políticos, todos se convergem ao aforismo mais famoso de McLuhan: “o meio é a mensagem”, pois como postula Neil Postman (1994), nenhuma mídia é neutra. Todas elas trazem uma ideologia.

Postman (1994), motivado pelas possibilidades oferecidas pela comunicação digital, chama a atenção para o efeito bilateral de cada nova mídia tecnológica: ela dá, mas toma; faz, mas desfaz; é uma dádiva, mas também um fardo. Postman (1994) ressalta a fala de Harold Innis, pai dos estudos da comunicação moderna, sobre os “monopólios do conhecimento” (p. 19) porque “aqueles que cultivam a competência no uso de uma tecnologia nova tornam-se o grupo de elite ao qual aqueles que não têm essa competência garantem autoridade e prestígio imerecidos” (p. 18).

No entanto, nem o próprio inventor/a de uma mídia pode prever seus usos e as alterações que sua criação pode causar na sociedade. Por isto, de acordo com Braga (2007), a ecologia das mídias está mais interessada nas alterações provocadas por estes dispositivos midiáticos do que em sua própria eficiência, uma vez que:

As novas tecnologias alteram a estrutura dos nossos interesses: as coisas *sobre* as quais pensamos. Alteram o caráter dos nossos símbolos: as coisas *com* que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual os pensamentos se desenvolvem (Postman, 1994, 29).<sup>5</sup>

## 2.2. A religião se rende ao poder das mídias

Em poucas décadas, as sociedades se tornaram mais complexas, exigindo novas formas de entender a realidade. As novas ferramentas midiáticas têm trazido com elas uma nova concepção do mundo, modificando padrões morais e estéticos e da própria forma de se comunicar. Para Braga (2011), o surgimento de uma nova

---

<sup>5</sup> Grifo do autor.

tecnologia gera mudanças na vida das pessoas e de quem interage com elas. A tecnologia dos dispositivos midiáticos contemporâneos cria não apenas novos caminhos para a circulação da informação. Ela também produz novas estratégias de comunicação e novas formas de recepção e emissão de conteúdos.

Mesmo antes da escrita, os seres humanos sempre tiveram a necessidade de expressar seus sentimentos, desejos, conquistas, necessidades e realizações. Faziam isto por meio de figuras, símbolos e interações de práticas rituais, encontradas principalmente em manifestações culturais e religiosas para a construção e disseminação de sentidos e o entendimento da realidade (Borelli; Regiani, 2021). “É nos artefatos que os seres humanos parecem pretender perpetuar-se a si próprios e ao mundo, além da efemeridade de sua existência mortal” (Rodrigues; Braga, 2014, p. 194).

A palavra escrita sempre ocupou uma posição central nas três maiores religiões: o cristianismo, o judaísmo e o islamismo. Todos os ensinamentos baseiam-se na cultura literária dos seus três livros mais sagrados, respectivamente, a Bíblia, a Torá e o Alcorão, que moldaram uma realidade cultural. Jesus Cristo, de acordo com a Bíblia, é a própria “Palavra Encarnada” com quem podemos nos comunicar por meio da oração. Mas embora muitas tradições religiosas ainda se mantenham vivas e relevantes no campo social, o surgimento de novas tecnologias e dispositivos midiáticos implicou na necessidade de novas configurações na maneira pelos quais os dogmas e valores religiosos necessitam ser preconizados e comunicados para garantia da autoridade e da legitimidade (Borelli; Regiani, 2021).

Rodrigues (1999) define a secularização como uma marca da modernidade e este movimento concebe também a dessacralidade da experiência. Como o próprio autor ressalta “é a época da autonomização do campo dos *media*” (p. 2). Para manterem-se conectados e ampliar sua presença junto aos mais diversos públicos, alguns campos têm necessitado adequar seus modos de funcionamento. A cada novo dispositivo tecnológico de mídia que surge, novas demandas, estratégias de comunicação e de apresentação precisam ser elaboradas, também no campo da religião, a fim de que as necessidades do público sejam preenchidas e ele se mantenha fiel e conectado.

Muitas denominações religiosas têm adequado seus templos aos mais diversos dispositivos tecnológicos de mídias para marcar presença e conexão com seus/suas fiéis, conseguindo não apenas uma maior visibilidade como, também,

uma legitimidade que ultrapassa as fronteiras do tempo e do espaço geográfico. Desta forma, as mídias estão se tornando não apenas um campo de mediação, mas também de voz e visibilidade não apenas à sociedade, mas também a religiões de várias origens (Borelli; Regiane, 2021).

Assim como a ser humano interage e vai se adequando às mudanças sociais impostas pelas novas tecnologias, as religiões seguem também acompanhando este processo. A midiatização da sociedade – e consequentemente da religião – segundo Fausto Netto (2007) tem criado um novo modo de vida e de ser no mundo porque as transformações causadas pelos novos dispositivos têm gerado novas culturas e estabelecido novos protocolos de linguagem, de representação e de simbolismos nestes campos. Borelli e Regiani (2010) vão além:

Não se trata apenas de uma transposição de linguagem, técnicas ou uso de dispositivos para permanecer em contato com os fiéis, mas na transformação das religiosidades, visto que os atores envolvidos nessas processualidades passam a vivenciar a experiência religiosa de outro modo (Borelli; Regiani, 2014 apud Borelli, 2010).

Mais que avançadas tecnologias midiáticas, o sucesso do alcance desse público também está ligado à adequação do discurso e da representação. Não é uma mera reprodução das cerimônias realizadas nos templos físicos. As lideranças religiosas ao se apresentarem nas mídias buscam se adequar a cada uma delas por meio de posturas, linguagens corporais e tons de voz, além de recursos técnicos como iluminação, sonorização, vestuário e maquiagem (Borelli; Regiani, 2021). Tudo é pensado e executado de forma que o ambiente do templo chegue aos ambientes mais íntimos do público.

A coloquialidade dos ministrantes de culto; a gestualidade da membresia; o som; a iluminação; as escrituras projetadas eletronicamente ao fundo do púlpito iluminado com a luz de neon; o olhar do pastor que se dirige ao público, mas também às câmeras; o isolamento acústico dos templos e a dinâmica de celebração, divididas em rezas curtas, testemunhos rápidos, cantos, aplausos, adorações apontam para a intensificação do movimento de convergência entre as práticas religiosas e as lógicas midiáticas (Rosa *et al*, 2010, p. 6 apud Behs, 2009, p. 59).

A modernidade fez com que os públicos estejam espalhados territorialmente (Bauman, 2001) por meio das mais diversificadas mídias. Fazendo uso de um discurso elaborado e seguindo os processos técnicos exigidos pelas ferramentas tecnológicas, as igrejas ultrapassaram os templos de alvenaria e utilizam toda a esfera midiática em buscas de novos fiéis e fidelização daqueles já conquistados e, assim, a sociedade tem opções de praticar e vivenciar sua religiosidade em diferentes formatos (Sauchotene; Borrelli, 2009). Cada vez mais, novas comunidades midiáticas surgem para arrebanhar seus devotos digitais, que buscam soluções para seus problemas familiares, financeiros, emocionais e espirituais etc.

Se a natureza midiática é uma realidade na experiência humana, o mesmo pode se dizer em relação à natureza midiática da religião. Assim como ela afeta a vida dos seres sociais, as denominações religiosas também têm caminhado para se enquadrar nestes novos formatos, com as adequadas técnicas e os simbolismos necessários, modificando até mesmo o fazer religioso. Fausto Netto (2005, p. 5 apud Sanchotene; Borelli, 2021) argumenta que a midiatização não é apenas a interferência dos meios de comunicação. É um conceito muito mais amplo, que modifica até mesmo movimentos processuais. Desta forma, embora as religiões busquem conservar referências contextuais, linguísticas e simbólicas, alguns rituais são submetidos a transformações para se adequarem às exigências tecnológicas impostas por estas próprias mídias.

A grande oferta midiática trazida pela tecnologia fez com que os atores sociais, inclusive os religiosos, começassem a se adaptar e elaborar processos contínuos de arranjos linguísticos e discursivos para se manterem conectados com seus/suas fiéis e aumentarem sua visibilidade em busca de outros/as novos/as. Para uma liderança religiosa desempenhar seu papel não é preciso que ela se concentre apenas nos fundamentos teórico-religiosos e dogmáticos do seu credo. Ela precisa também conhecer a lógica de funcionamento dos mais diversos meios. Como afirma Borelli (2009, p. 2), estas lideranças precisam alinhar “seu pertencimento a uma comunidade que não é apenas religiosa, mas também midiática”.

Mais especificamente no caso religioso, a utilização de ferramentas midiáticas e de seus mecanismos adequados fortalecem a sua presença e também uma nova maneira de se relacionar com o “sagrado”, pois cria uma comunidade midiática que se relaciona presencialmente nos templos, mas também através das ferramentas digitais (televangelismo) e outra que se relaciona de forma



individualizada, unidas meramente por grupamentos virtuais (Igreja Eletrônica)<sup>6</sup>. Para este último grupo, o contato com a religião não precisa ser direto, presencial. As próprias mídias cumprem o papel de trazer os templos religiosos onde seus/suas fiéis estiverem. Para estes, as mídias são uma extensão dos espaços físicos e limitados (Borelli, 2009).

A midiática cria comunidades distantes, dispersas e fragmentadas, mas unidas pelo sentimento de pertença àquela doutrina religiosa. O senso de pertencimento – ainda que no interior dos lares – é o mesmo sentido por aqueles/as que frequentam um templo físico. Acompanhar a igreja midiática é um momento “sagrado” na vida dos/as fiéis (Borelli, 2009).

Mais além de se tornar um novo e poderoso caminho de evangelização, os dispositivos midiáticos também criam mercados, especialmente no caso religioso. Para Stuart Hall (1997), as mídias têm disponibilizado representações hegemônicas para contextualizar diferenças e determinar que certos modos de ser sejam produzidos e circulem socialmente, sustentando o *marketing* de ideias e de produtos. As mídias ajustam e hierarquizam olhares perante a sociedade hoje e acabam também demarcando o ritmo da vida (Rodrigues, 1999).

Os discursos são minuciosamente trabalhados para estarem a serviço da evangelização – e também da divulgação de produtos. Ambos têm a finalidade de engajar novas pessoas e aumentar assim não apenas a sua “fatia no mercado”, mas também a sua receita (Fonseca, 2003, p. 278). Nos programas religiosos dispostos nas mídias, o serviço de evangelização se imbrica com temas seculares, como saúde, bem-estar, família, relacionamentos e problemas financeiros que desdobram em campanhas (por que não dizer publicitárias?) com amplas ofertas de produtos e serviços à disposição dos/as fiéis para a solução de seus problemas ou o aumento do sentimento de pertença àquela denominação religiosa (Borelli, 2009).

Hoje os campos religioso e midiático convivem de forma consubstancial e o progresso dos dispositivos midiáticos vão reconfigurando o conceito de religiosidade, apontando frentes para se viver a religião. “Ao invés do ato social, a rede. Do vínculo, o fluxo. Do contrato social, à terceirização generalizada.

---

<sup>6</sup> O pesquisador Pedro Gilberto Gomes criou dois grupamentos para identificar a forma com a qual os/as fiéis se relacionam com suas igrejas. O grupo dos/das fiéis que se relacionam pessoalmente e também por via das mídias digitais, é o chamado **Televangelismo**. O outro grupo o da **Igreja Eletrônica**, composto por seguidores/as cuja relação com sua igreja é apenas por mídias digitais e a evangelização é feita sempre à distância, sem a necessidade de presença física.

Referências fundacionais são mandadas pelos ares, consequência da lógica reinante da sociedade, segundo a qual ‘vivemos no ar’” (Rosa et al., 2009, p. 4).

Para esse/as pesquisador/as citado/as acima é o trabalho das mídias que hoje garante a visibilidade das instituições religiosas e dos demais campos para atingir diferentes e maiores públicos que ainda não foram impactados por seus canais. Como esclarece Gomes (2006), as relações diretas e próximas dos templos passam a ser priorizadas para atingir um público disperso e anônimo por meio dos canais digitais. “A mensagem dá lugar à encenação e os/as fiéis passam a ser denominados/as telespectadores/as” (p. 2) – ou mais contemporaneamente, resignificando este termo, passam a ser seguidores/as.

A sociedade está imersa no fenômeno da midiatização e esta tem se mostrado hoje uma das principais ferramentas de evangelização das instituições religiosas. E é um processo que vai estar cada vez mais superposto porque caminham *pari-passu*. Os dispositivos midiáticos têm sido usados de formas amplas e bem utilizadas para que as religiões cheguem até seus/suas fiéis seguidores/as.

Borelli (2009) explica que dentro dessa nova ambiência, surgem novas referências que vão muito além da realidade na qual se vive. O sentimento de pertencimento ultrapassa barreiras físicas e de instituições tradicionais, como escola, família e igreja, pois os sujeitos se integram a novas referências influenciados pela amplitude proporcionada pelas ferramentas midiáticas.

(...) As transformações observadas no mundo atual apontam para uma “multiplicação de referentes, desde aqueles com os quais o sujeito se identifica enquanto tal, pois o descentramento não só da sociedade, mas também dos indivíduos, que agora vivem uma integração parcial e precária das múltiplas dimensões que os conformam (Martín-Barbero, 2006, p. 60).

Compreender este processo social enquanto ele acontece não é uma tarefa fácil. Por isto, apropriar-se dele torna-se tão necessário nos campos da religião e da comunicação porque este movimento pode permitir transformações de forma cada vez mais aceleradas e difusas, dificultando a demarcação de aberturas e fechamentos de ciclos para que se possa entender realmente o que se passa (Borelli; Regiane, 2021, p. 114).

### **2.3. Mídia e religião: os pentecostais experimentam; os neopentecostais disfrutam**

A maioria das igrejas neopentecostais já nasceu nessa era da cibercultura e da midiatização da sociedade, completamente adequada às suas lógicas de funcionamento para se legitimar como um novo modelo de vivenciar e fazer a religião. Mas a gênese do encontro da mídia com as instituições religiosas no mundo começou com o pentecostalismo. E no Brasil a história não foi diferente.

No início do século XX, em um país bastante agrário e de uma população pouco alfabetizada, o Brasil mostrou-se um terreno propício para o crescimento de denominações religiosas diversas, em detrimento à hegemonia da igreja Católica (Alencar, 2022). De uma forma bastante didática, o sociólogo Paul Freston (1993) divide o surgimento e o crescimento do movimento pentecostal em três ondas. A primeira, que começa no início do século XX, ele denomina “pentecostalismo clássico”; a segunda situada entre os anos de 1940 e 1980, já conta com o suporte dos dispositivos midiáticos que começavam a se popularizar no Brasil (o rádio, nos anos 50 e a TV nos anos 70) e; a terceira, o “neopentecostalismo”, nos anos 80, já utiliza com robustez e intimidade as mais diversas mídias em sua difusão.

Na primeira onda, Freston (1993) cita a chegada a Congregação Cristã no Brasil (CCB) e da Assembleia de Deus. Ambas fundadas no início do século XX por imigrantes europeus pobres, que haviam conhecido o pentecostalismo nos Estados Unidos. Nestas duas denominações religiosas, as pregações e atividades eram baseadas nos dons do Espírito Santo – mas divergentes na forma de aplicá-los. Os primeiros pentecostais também se afirmavam protestantes, ou seja, herdeiros da Reforma que Martinho Lutero havia iniciado na Europa no século XVI, contestando a igreja católica com suas 95 teses (Nascimento, 2019).

De origem presbiteriana, o imigrante italiano Louis Francescon (1866-1964), depois de morar alguns anos nos Estados Unidos, fundou no sudeste do Brasil em 1910 a Congregação Cristã do Brasil. No ano seguinte, os suecos Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1884-1963), de origem Batista, começaram no norte do Brasil a Assembleia de Deus, que, posteriormente, veio acompanhando o movimento migratório da população rumo às áreas mais centrais do país (Freston, 1993).

A partir dos anos 50, com o país já mais urbano, industrializado e a expansão dos meios de comunicação, Freston (1993) afirma que começa a segunda onda pentecostal com a chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular, de origem estadunidense, em 1951, e o surgimento das igrejas Brasil para Cristo, em 1955, e Deus é Amor, em 1962, estas duas últimas de origem brasileira. Alencar (2022) explica que a partir de então torna-se difícil quantificar o número de agremiações religiosas que foram surgindo, mas pode-se notar que o uso do transe religioso e de línguas diferentes (quase ou nada reconhecidas) passaram a ficar mais reduzidos em relação aos discursos de curas, milagres e exorcismos, cada vez mais difundidos com o suporte de transmissão midiática em espaços alugados<sup>7</sup>.

No final da década de 60, enquanto o culto transmitido por rádio surgia como uma grande novidade no Brasil, os Estados Unidos já estavam bem mais na vanguarda. Naquele país, os programas religiosos transmitidos pela televisão já eram um fenômeno. Mas o que explicaria esse sucesso? Gomes (2004) argumenta que a maioria destes religiosos precursores nas mídias tem uma história em comum: “(...) tiveram uma experiência religiosa que mudou radicalmente o rumo de suas existências. Como consequência, resolveram dedicar-se à pregação missionária” (p. 9). Sentindo-se chamados, foram movidos a ampliar sua pregação para o anúncio do Reino de Deus. Estaria neste fato a gênese do berço da chamada Igreja Eletrônica: a igreja vai até os/as seus/suas fiéis. O espaço limitado dos templos, as restrições de acesso ou de tempo para ser um fiel *in loco* foram substituídos por um espaço aberto, composto por um público anônimo e heterogêneo. Para atrair esse alvo, os televangelistas vão se adequando à performance, à oratória e à cultura daquelas novas mídias para atrair a atenção. Os “fiéis deixam de ser atores do evento religioso para se tornarem assistentes” (Gomes, 2006, p. 4) – ou público-alvo, no jargão do mercado publicitário.

Na terceira onda, a partir dos anos 80, Alencar (2022) assinala que o prefixo “neo” utilizado antes do termo pentecostal passa a não dar mais conta de enumerar a quantidade de denominações religiosas com suas complexidades teológicas que

---

<sup>7</sup> Na década de 60, surgiu na hegemônica Igreja Católica o movimento da Renovação Carismática Católica, um “grupo renovado”, que apesar de afirmar não ser pentecostal, também possuía marcas da pentecostalidade – ou seja, os dons do Espírito Santo. Além de outros grupos “renovados” como a Igreja Presbiteriana Renovada (1975), a Igreja Metodista Wesleyana (1967), a Convenção Batista Brasileira (Alencar, 2022).

foram surgindo neste momento pós-ditadura militar (1964-1980) no Brasil, período no qual o país viveu uma profunda crise econômica. Devido à presença nas mídias e o número significativo de fiéis, Freston (1993) destaca como principais representantes do neopentecostalismo a Igreja de Nova Vida (1960), a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) – esta já como uma dissidência da IURD, sob a liderança do ex-sócio e cunhado do Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como o midiático Missionário R. R. Soares – Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986) e Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra (1992).

A Igreja Universal do Reino de Deus pode ser entendida como um exemplo bem-sucedido e bastante claro do uso consubstancial dos dispositivos midiáticos e o neopentecostalismo. Seguindo o modelo do seu antigo líder religioso, o pastor Robert McCalister na Igreja de Nova Vida, o fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo, logo após abrir sua primeira sede, quis rapidamente ganhar espaço nas mídias em busca da propagação do seu movimento religioso e de reconhecimento.

O acesso a um horário alugado em uma estação de rádio, seis meses após a fundação da IURD, em 1977, aumentou a visibilidade e impulsionou o número de fiéis. Nos programas radiofônicos ao vivo, os ouvintes se impressionavam com os rituais de cura. Assim, a sede do templo passou a receber a alcunha de “igreja dos milagres”, tornando-se cada vez mais frequentada. Em seu programa de rádio, “Pastor Macedo”, como era conhecido, passou a evangelizar de forma firme e agressiva. Na luta contra os demônios, Macedo buscava diferenciar seu discurso dos demais pregadores midiáticos neopentecostais. Pois, segundo o próprio, eles “pregam apenas o evangelho ‘chocolate’, o ‘água com açúcar’, e não libertam verdadeiramente as pessoas das influências dos demônios” (Macedo, 1987, p. 113).

Em 1978 – exatamente um ano após a fundação da igreja – um outro grande e ousado passo foi dado: a IURD chega à televisão, mídia que havia se popularizado muito a partir dos anos 70 no Brasil. Os ainda sócios na IURD, Edir Macedo e R. R. Soares, alugaram um espaço de trinta minutos diários na extinta TV Tupi e deram início àquele que veio a se tornar um dos grandes sucessos da sua igreja, o programa “Despertar da fé”. A atração, inspirada em programas religiosos produzidos nos Estados Unidos, era apresentada por R. R. Soares. Macedo tinha apenas um quadro de quinze minutos chamado “Painel da verdade”, no qual entrevistava fiéis e

apresentava seus sofrimentos mundanos. Além do Rio de Janeiro, o programa conseguia atingir redutos católicos no interior de São Paulo, de Minas Gerais e da Bahia, mapeando os locais onde a IURD inauguraria seus próximos templos (Macedo, 2013, p. 63).

Não resta dúvida que os dispositivos midiáticos cumprem com êxito o papel de levar os preceitos dogmáticos aos mais remotos recantos do mundo, mas, especificamente no caso da IURD – da qual faz parte meu objeto de pesquisa – percebo também o talento comercial do seu fundador para adaptar sua igreja às necessidades mais prementes dos/das seus/suas fiéis seguidores/as.

Atualmente, quase 50 anos após a fundação da IURD, a pregação no velho coreto de madeira da praça do Jardim do Méier<sup>8</sup> foi substituída por modernas mídias digitais que podem ser acessadas a qualquer momento e de qualquer lugar arrebatando fiéis em busca de soluções para seus problemas mundanos e de consumidores/as que precisam dar mostra de seu engajamento por meio da compra de produtos anunciados incessantemente em suas mídias: de água a livros; de óleo bento a produções de TV e cinema. Ao entrar nos lares e na vida das pessoas a qualquer momento e de qualquer lugar sem precisar bater na porta ou que elas busquem seus templos físicos, o empreendimento Universal, sob a liderança de Macedo, deixou de ser apenas uma instituição de evangelização para ser um instrumento de propaganda e de *marketing* sob a égide de “Deus”, tornando-se uma *holding* empresarial.

## 2.4. A “fagocitose religiosa” e a Teoria da Prosperidade

Antes de tomar a decisão de fundar sua própria igreja, em 1977, Edir Macedo passou por várias instituições religiosas, como o catolicismo, o espiritismo, centros de umbanda, candomblé e, por fim, chegou à Igreja de Nova Vida, que é neopentecostal. Isto ajuda a entender o fato de que a igreja por ele fundada tenha elementos de todas estas denominações. Conforme afirma o antropólogo Ari Pedro Oro, “é de se perguntar até que ponto todo esse caráter mimético de IURD não tem

---

<sup>8</sup> Subúrbio do Rio de Janeiro, cidade onde o ex-funcionário da Loterj e autodenominado “Bispo” Edir residia.

a ver com a própria trajetória pessoal do seu fundador, que conheceu e transitou por várias igrejas e religiões antes de fundar a sua própria igreja” (Oro, 2005-2006, p. 322).

Além desse, várias/os outras/os pesquisadoras/es (Frestom, 1993; Birman, 2011; Topel, 2011; Alencar, 2022) entendem que a Igreja Universal do Reino de Deus é um grande sincretismo de várias tradições religiosas. Oro chega a dizer que a IURD é “uma igreja ‘religiofágica’, literalmente, ‘comedora de religião” (Oro, 2005-2006, p. 321). Ou seja, desde o seu início, ela adota em seus ritos elementos das várias religiões nas quais seu fundador percorreu. Ora absorvendo elementos de outras religiões, ora utilizando-os como uma forma de fazer críticas.

A fundação da Igreja Universal do Reino de Deus, até por sua primeira sede ter sido no subúrbio carioca da Abolição, começou com a presença de fiéis com menos recursos financeiros e marginalizados na sociedade. A maioria deles era composta por famílias que ganhavam até dois salários mínimos. Conforme explicita Fernandes *et al.* (1998) em sua pesquisa, “(...) a Universal (destaca-se) com a maior porcentagem de pessoas mais pobres, menos educadas e de cor negra (p. 23).

Nesse primeiro momento da IURD, os discursos ministrados pelo “bispo” Edir Macedo eram duramente voltados a críticas e deboches das religiões de matrizes afro-brasileiras, como a Umbanda, o Candomblé e a Quimbanda, quando estas se mostravam muito presentes nas áreas mais periféricas da cidade, sendo comum a presença de despachos, galinhas, farofas, pratos de barro e demais elementos nas encruzilhadas das ruas (Nascimento, 2019). Em seus discursos, Macedo dizia que aqueles ritos não pertenciam a Deus, mas ao demônio, e que ele seria capaz de expulsar “aqueles espíritos ruins” por meio de exorcismo. O que fazia com que sua instituição atraísse mais fiéis e curiosos.

“A mãe de santo diz que o preto velho resolve seu problema? Você crê em orixás, caboclos e guias? Venha aqui na minha igreja. Você vai ser esses orixás dizendo que são fracos, que não resolvem nada. Vai ver o preto velho de joelho, batendo cabeça e dizendo que Jesus Cristo é o Senhor”, desafiava Macedo. “Bate a cabeça três vezes no chão. Diz que quem manda aqui é Jesus”, ordenava, repetidas vezes, até Exu sair do corpo da pessoa possuída pelo espírito (NASCIMENTO, 2019, p. 47).

Em 1997, Macedo lançou pela sua própria editora, a Unipro, o livro “Orixás, caboclos e guias: Deuses ou demônios”, no qual faz severas críticas ao espiritismo

e às religiões e cultos afro-brasileiros. A publicação chegou a vender mais de três milhões de cópias no Brasil, sendo considerado o livro evangélico mais bem-sucedido da história do Brasil<sup>9</sup>. No entanto, adeptos destas religiões entraram na justiça na Bahia e, em 2005, sua venda foi suspensa por ter sido considerada uma obra “degradante, injuriosa, preconceituosa e discriminatória”. Um ano depois, o livro retornou às livrarias porque o Tribunal Regional Federal da 1ª Região entendeu que a proibição contrariava o direito à liberdade de expressão (Nascimento, 2019). Este foi apenas um dos múltiplos casos em que a IURD e o “Bispo Macedo” tiveram que enfrentar em diferentes momentos e esferas da justiça nacional.

Por outro lado, Oro (2005-2006, p. 320), chega a chamar de IURD de “igreja neopentecostal macumbeira” por ter se utilizado de elementos desta religião para basear a sua, com expressões como “sua vida está *amarrada*”, “seu problema financeiro se deve a um *trabalho*”, “este óleo santo vai *fechar* seu corpo” e cultos nos quais era possível conversar e expulsar os demônios por meio de exorcismos (este também um modelo utilizado na Igreja de Nova Vida). “(...) Quanto mais ela [a IURD] constrói um discurso e procede a uma ritualística de oposição às religiões afro-brasileiras, paradoxalmente, mais delas se aproxima e se assemelha” (Oro, 2005-2006, p. 320). A própria Bíblia, segundo Bittencourt Filho (1994, p. 32) chega a ser utilizada apenas em rituais mais extravagantes, como exorcismos, o que é inaceitável nas demais denominações de origem protestante.

Outro grande alvo de críticas, mas que também serviu de base dogmática para a igreja de Macedo foi o catolicismo. Paul Freston (1993) chega a considerar a IURD a mais católica das igrejas evangélicas. A ausência de culto a imagens e adoração a santas e santos, no entanto, marca a austeridade dos templos neopentecostais. Por outro lado, o uso de símbolos católicos como a água e o óleo bentos, são recorrentes.

No entanto, a quebra da imagem católica de Nossa Senhora Aparecida durante um culto televisivo de um pastor da Universal na madrugada do dia 12 de outubro – dia dedicado à padroeira do Brasil, país mais católico do mundo – causou um ruído maior que Macedo poderia imaginar. O fato, que foi amplamente divulgado pelas mídias e indignou a população católica brasileira, foi também

---

<sup>9</sup> Para saber mais:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Orixás,\\_Caboclos\\_e\\_Guias:\\_Deuses\\_ou\\_Demônios%3F](https://pt.wikipedia.org/wiki/Orixás,_Caboclos_e_Guias:_Deuses_ou_Demônios%3F)



levado à justiça e pode-se dizer que maculou um pouco a imagem da IURD, levando o pastor que causou o fato ao afastamento da instituição e fazendo com que as críticas do fundador da Universal ao catolicismo se tornassem um pouco mais discretas.

Mais recentemente, chama a atenção a nova decoração que vem sendo utilizada nos templos da IURD, despertando o interesse de pesquisadoras/es sobre o fato: a utilização de elementos do judaísmo como o *menorá* (candelabro de sete braços), a presença da estrela de Davi, o uso do *talit* (xale usado pelos judeus ortodoxos) e do *quipá* (tipo de touca usada pelos judeus como símbolo de temor a Deus) por parte de algumas lideranças e, ainda, o uso de mensagens em hebraico nos altares dos templos, que imagino que poucos ou quase nenhum fiel saiba o significado. Topel (2011) exemplifica este fato com uma campanha nacional realizada pela IURD, em 2007, para a venda de *mezuzá*<sup>10</sup> (Topel, 2011).

Figura 1: Uso de elementos judaicos no Templo de Salomão



<sup>10</sup> Objeto sagrado do judaísmo que deve ser fixado nas portas de entrada da casa, como sinal de observância aos preceitos da Torá, livro sagrado dos judeus)

Figura 2: Menorás, os candelabros judaicos, decoram as paredes



Figura 3: Edir Macedo na reunião de Godllywood usando o talit



Mas o que levaria uma igreja neopentecostal, cuja frase de posicionamento é “Jesus Cristo é o Senhor” – que marca bastante os princípios cristãos em detrimento ao judaísmo – a ornar-se como uma sinagoga? Muitas/os pesquisadoras/es têm buscado investigar o tema, mas vou apoiar-me no trabalho da antropóloga Marta Francisca Topel (2011) que acredita que esta mudança marca o “retorno” dos protestantes como um todo ao denominado Antigo Testamento, em oposição ao Novo Testamento, livro no qual se apoiam os dogmas católicos. E ainda como forma de oposição ao catolicismo, Topel (2011) entende a austeridade dos templos neopentecostais seja também uma forma de oposição ao culto de imagens e de santo/as da igreja católica.

Diante deste panorama, não surpreende que os líderes das denominações pentecostais encontrem no judaísmo uma fonte de inspiração supostamente legítima para criar rituais e recriar símbolos que dificilmente possam ser rotulados como manifestações de idolatria (Topel, 2011, p. 39).

Uma última observação de Topel (2011) sobre a atração neopentecostal – mais especificamente a IURD – pelos elementos hebraicos se explica pela posição privilegiada que a população judaica ocupa na sociedade. Os judeus são um povo que, historicamente, conseguiu inserir-se tanto nas classes mais abastadas social e economicamente. Topel (2011) descreve que os judeus são vistos como “uma minoria que ‘deu certo’” (p. 44) e isto atrairia a atenção de indivíduos e lideranças neopentecostais. Concordo que esta pode ser uma alternativa interessante para manter viva a Teoria da Prosperidade, na qual ter dinheiro e viver sob um alto padrão de vida são justificados porque “discursos positivos e doações a Deus, aumentam a riqueza material” (Nascimento, 2019, p. 40). Mais que isto, este discurso de riqueza e empoderamento social também poderia ser uma forma de atrair fiéis de classes sociais mais elevadas. É mais uma fatia do “mercado” que precisa ser atraída.

Apesar de toda a “religiofagia” da Universal, o que não muda desde sua fundação é a propagação da Teoria da Prosperidade. Segundo Topel (2011) este modelo é um protestantismo de saúde e prosperidade abençoado por Deus. Na IURD, o discurso de Edir Macedo e seus liderados é voltado a aumentar a

autoestima, a ter saúde, felicidade e prosperidade. Suas prédicas apresentam a causa de problemas físicos, emocionais e financeiros e encorajam os/as fiéis a uma tomada de decisão. Nelas, o demônio é sempre a causa de todos os males e o remédio para a cura é a contribuição financeira para a obra de Deus, por meio de dízimo e da aquisição de objetos colocados à venda.

Mas, como afirma Oro (2005-2006), (...) “a fagocitose iurdiana não está completa, mas ela é suficiente para reforçar a hipótese de que a IURD alimenta-se dos elementos de crenças existentes no pluralismo religioso brasileiro” (p. 322), além de contar hoje também com vultuosos recursos financeiros para a aquisição de qualquer dispositivo midiático que se faça necessário para não parar de crescer nos mais complexos segmentos sociais e territoriais.

A “fagocitose religiosa” aliada à presença ostensiva na mais diversa esfera midiática faz com a Igreja Universal do Reino de Deus já marque sua presença nos cinco continentes por meio canais de rádio, o segundo maior canal de televisão em audiência no Brasil, a Rede Record (com quase uma centena de emissoras), a presença ativa em diversas mídias digitais – incluindo *streaming*, tecnologia de transmissão online onde vende produtos e divulga todos os tipos de entretenimento produzidos por sua equipe a fim de promover seus princípios religiosos – além de empresas nos mais variados segmentos (inclusive um banco) e tem o controle de um partido político no país.

## 2.5. A (in)significância do gênero nas mídias (neo)pentecostais

Apesar da adequação ao uso dos dispositivos midiáticos e dos discursos religiosos às necessidades mais afligentes da sociedade, o patriarcalismo<sup>11</sup> sempre se mostrou presente nas mais diversas denominações religiosas. O processo histórico das instituições religiosas também reforça o marcador social da diferença que sujeita a mulher ao trabalho oculto e invisibilizado do cuidado e enaltece o homem como o arquétipo do provedor, do protetor da família, o qual deve ser respeitado como uma liderança inquestionável. Conforme argumenta Saffioti

---

<sup>11</sup> A origem do termo Patriarcalismo, instituição em que o homem exerce autoridade preponderante na sociedade, se origina em *pater familiae* (pai de família), proprietário de todos os bens; esposa, filhos, escravos, animais, edifícios, terra e tudo que girava em torno dele (FUNARI, 2015, p. 99).

(1987) é o “poder do macho” legitimando a hegemonia dos homens, dos brancos, dos ricos e dos heterossexuais.

Cada instituição religiosa, por meio da sua simbologia, conceitos normativos, tradição e doutrina, constrói uma relação diferenciada entre os gêneros. Seguidores e seguidoras de uma religião articulam suas subjetividades, adquiridas ao longo da vida, com o modelo que a religião quer representar socialmente. Por conta disso, a religião reforça condutas e papéis sociais para homens e mulheres que se submetem à sua convenção (Baldini, 2014, p. 113)

Considerando que as pessoas que se declaram evangélicas somam mais de 25,3% da população brasileira – este número tende a crescer exponencialmente – e este grupo é composto 56% pela representação feminina<sup>12</sup> (Fernandes, 1998), o surgimento da presença das mulheres nas mídias religiosas passou a tornar-se uma necessidade. Além desta disparidade de gênero presente nos templos, tornou-se urgente refletir em suas esferas midiáticas o reconhecimento que a mulher passou a ocupar na sociedade contemporânea, impulsionada cada vez mais pela força dos movimentos feministas.

Com o aumento do nível de escolaridade, da presença no mercado de trabalho e do crescimento dos lares chefiados por mulheres fez-se imperativo destacar que a força feminina vai muito além do trabalho reprodutivo e do cuidado. Nesse sentido, apesar da hierarquia androcêntrica e patriarcal das instituições religiosas, um novo passo para o sentimento de pertença e alinhamento à nova realidade precisava ser dado. Mas Gouveia (1988) lembra que uma “reengenharia do feminino pentecostal” começou a ser discutida apenas no final no século XX.

Na pesquisa coordenada pela Maria das Dores Campos Machado, em 1999, analisando a produção das mídias pentecostais, a socióloga aborda o surgimento de programas midiáticos relacionados ao público feminino nas igrejas Universal do Reino de Deus e da Assembleia de Deus. Temas como o planejamento familiar, a saúde e a sexualidade feminina, a forte presença da mulher no mercado de trabalho e uma discussão sobre a posição feminina na hierarquia religiosa começaram a surgir, especialmente no jornal Folha Universal e na Revista Plenitude, ambos da IURD (Machado, 1999, p 171).

---

<sup>12</sup> Especificamente na IURD esta representação chega a uma proporção de 81% de mulheres contra 19% de homens (FERNANDES, 1998)

No caso da Igreja Universal do Reino de Deus, as mulheres, inicialmente “esposas dos bispos”<sup>13</sup> da IURD, começaram a fazer parte dos programas de televisão nos bastidores. Reforçando o trabalho do cuidado – que por uma questão doutrinária nesta denominação religiosa sempre coube à mulher – elas ocuparam funções de atender os telefonemas das pessoas aflitas em busca de solução para os seus problemas, quase sempre ligados a temas domésticos, como adultério, vícios, escassos recursos financeiros, crises em relacionamentos amorosos e de drogadição.

Estas mulheres, segundo Machado (1999), reforçavam a imagem da igreja como “restauradora” e defensora da “família sanguínea”, buscando evitar separações, violência doméstica e resgatando a união entre o casal, destacando a solidez do “lar cristão” e dos seus próprios núcleos familiares. As lideranças iurdianas começaram a perceber então a importância do papel destas mulheres no processo de evangelização. Mas, reafirmando o papel do cuidado feminino, os pastores/apresentadores se referiam a elas como “enfermeiras de Deus”, destacando a contribuição feminina na função de aconselhamento e oração pelos/as ouvintes e suas famílias.

Paralelamente ao trabalho feminino, por meio dos dispositivos midiáticos, filmes e minisséries respaldavam este trabalho em uma dimensão religiosa, espiritual e doutrinária no reforço às soluções para os problemas humanos. O objetivo desta programação era mostrar que “tudo pode ser transformado” por meio da religião, independentemente da dimensão do problema.

O sucesso da colaboração feminina no trabalho de evangelização e fidelização dos fiéis mostrou-se tão eficiente que um passo ainda mais ousado dentro no seio patriarcal iurdiano preciso ser dado. Três esposas de lideranças da IURD ganharam o papel inédito de apresentar um programa de rádio chamado “SOS Mulher”. Temas como saúde feminina, anticoncepção, aborto, depressão e estética eram tratados na transmissão que acontecia ao longo de duas horas, aos sábados. O passo seguinte foi inseri-las na redação de colunas direcionadas às mulheres em seus periódicos para abordar temas como a saúde feminina no que se

---

<sup>13</sup> Baldini chama a atenção para uma expressão recorrente que eu mesma presenciei ao longo da minha pesquisa: “esposa do pastor”. Segundo esta socióloga, este termo representa uma categoria de mulheres pentecostais que não foram renomeadas na “família de fé”; é uma “mulher sem nome”, submissa ao cargo ocupado por seu marido.

refere aos cuidados com o corpo e a estética. Dentre estas colonistas, estava Cristiane Cardoso, com a coluna *Godllywood*, que deu mais visibilidade ao movimento homônimo.

Mas, conforme Machado (1999), a assimetria de gênero sempre esteve presente, pois a subalternidade das mulheres era sempre colocada e elas nunca podiam estar em situações de conflito com os homens. Esta opressão é mascarada pela necessidade da união familiar, do papel feminino dentro da sociedade e pela necessidade de criar elos de pertencimento àquele grupo religioso. De acordo com discurso do fundador da IURD, Edir Macedo: “a maior responsabilidade das mulheres é com a família e com os filhos, enquanto a do homem seria amá-la da mesma forma como o Senhor Jesus amou a sua igreja” (Macedo, 2001b, p. 20 apud Baldini, 2014).

O argumento de Macedo ajuda a justificar o porquê de o casamento sempre ter sido um dos temas mais abordados nas mídias iurdianas, seguido por assuntos como adultério, prostituição, homossexualidade<sup>14</sup> e saúde feminina – incluindo questões ligadas aos cuidados com o corpo e com a estética, segundo a pesquisa. As mulheres da Igreja Universal do Reino de Deus precisam se orgulhar de sua condição feminina, valorizando para isto a aparência (Machado, 1999).

Deve-se manter “bonita e cheirosa” para seu esposo, para seus filhos, para Jesus e para sua família de fé. Assim, a osteoporose, a tensão pré-menstrual, o câncer de mama etc. são tratados juntamente com a lipoaspiração, o alisamento do cabelo e as massagens faciais em programas como o SOS Mulher (Machado, 1999, p. 180).

Outras duas temáticas em relação à mulher nos programas midiáticos iurdianos estão relacionadas à comunidade religiosa e ao mercado de trabalho. São parte das pautas o debate sobre a representação feminina nos meios de comunicação, o engajamento da mulher no cenário político, na hierarquia religiosa (mesmo que ainda de uma forma bastante sutil) e na economia formal e informal (com embasamento na Teoria da Prosperidade).

À guisa de conclusão deste capítulo cabe ressaltar que a representação de gênero feminino nas mídias iurdianas como boas mães e esposas, passivas,

---

<sup>14</sup> Embora combata o homossexualismo, a IURD mostra-se pouco aberta ao debate com membros da sociedade civil e militantes do movimento LGBTQIA+, segundo a pesquisa (MACHADO, 1999).

amorosas, submissas e dedicadas também contribui para o encobrimento de violências e rotinas de abuso nas relações conjugais e reforça o lugar de submissão da mulher, ações que ajudam na perpetuação de práticas patriarcais em nossa sociedade.

## **2.6. A construção cultural dos corpos femininos**

Em concordância com Max Weber, Clifford Geertz (1978) reafirma que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (p. 15). Neste sentido, pretendo mostrar aqui neste capítulo que o corpo humano, longe de ser um fenômeno biológico, em termos de natureza, é uma construção cultural. Os corpos trazem em si a representação de discursos e práticas. O antropólogo José Carlos Rodrigues ensina que esta dimensão cultural do corpo já havia sido apresentada por Marcel Mauss em 1936, com o clássico artigo “As técnicas corporais” e, atingiu o seu ponto mais definitivo em 1975, com a obra de Michel Foucault, “Vigiar e punir”, comprovando que o corpo humano é a expressão simbólica de uma sociedade. “Descobriram que qualquer sociedade se faz construindo corpos daquele em que ela se materializa” (Rodrigues, 2016 apud Braga, 2016, p. 6). Ou seja, no corpo biológico coexiste um corpo social.

Sendo os corpos apropriados pela cultura, Rodrigues (2006) considera que ele é afetado pelos grupos familiares e religiosos, pela classe, pelo gênero e por todos as inferências sociais, cumprindo também um papel ideológico. Nesse sentido, pretendo historicizar agora em diferentes épocas e lugares algumas interferências impingidas aos corpos com base na filosofia, na religião, na medicina, na educação e na sociedade. Importa dizer que estas culturas que determinam os corpos, sempre colocam a mulher no lugar de submissão, reforçando todo o tempo o *locus* da desigualdade de gênero.

Na Grécia Antiga, os pensadores – que ainda influenciam muito o pensamento ocidental – já deixaram registrados a inferiorização dos corpos



femininos em seus papéis sexuais e sociais. Considerado o grande médico<sup>15</sup> da Antiguidade, ainda hoje reconhecido como o “Pai da Medicina”, Hipócrates (460-377 a.C.) já reitera o conceito do homem forte e da mulher como um sexo frágil. Colling (2014) cita Hipócrates: “A semente macha é mais forte do que a semente fêmea. É da semente mais forte que nascerá o produto. Eis como isso se passa: se a semente mais forte vem dos dois lados, o produto é macho; se a semente é mais fraca, o produto é fêmea” (Hipócrates apud Joaquim, 1997, p. 81).

Além de ocupar o espaço a fraqueza, o fato de menstruar é também colocado pelo médico grego como um fator de subalternidade em relação ao homem regulador desta condição, conforme reforça Colling (2014):

(...) se elas têm relação com os homens, a saúde delas é melhor, menos boa se não têm. Com efeito, por um lado, no coito, as matrizes humidificam-se e deixam de estar secas; ora, quando elas estão demasiado secas, contraem-se fortemente, e esta contração forte causa dores no corpo. Por outro lado, o coito, aquecendo e humidificando o sangue, torna o caminho mais fácil para a menstruação; ora, se a menstruação não se dá, as mulheres tornam-se doentias (Hipócrates apud Joaquim, 1997, p. 83).

Alinhado ao pensamento hipocrático, Platão (427-347 a.C.) reforça a sujeição do corpo feminino com a teoria da mulher como uma matriz, sendo seu útero um animal raivoso com desejo de procriar e, isto não acontecendo, este corpo poderia ser vítima de enfermidades diversas.

É por isso que a natureza das partes íntimas dos homens é desobediente e autônoma, semelhante a um ser vivo desobediente da razão, e empreende dominá-lo por meio destes apetites acutilantes. Pelas mesmas razões, aquilo a que nas mulheres se chama “matriz” ou “útero”, um ser vivo ávido de criação, quando está infrutífero durante muito tempo além da época, torna-se irritado – um estado em que sofre terrivelmente. Em virtude de vaguear por todo o lado no corpo e bloquear as vias de saída do sopro respiratório, não o deixando respirar, atira-o para extremas dificuldades e provoca-lhe outras doenças de toda a espécie até que o apetite e o desejo amoroso de cada um deles se reúnam para colherem o fruto, como de uma árvore, e semearem na

---

<sup>15</sup> Michel Foucault: “como o filósofo, o médico era o conselheiro do paterfamilias. Consultava-se tanto o médico sobre uma questão de filosofia, como o filósofo sobre uma questão de medicina” (FOUCAULT, 1985, p. 154).

matriz, como num campo lavrado (...). Assim nasceram as mulheres e todas as fêmeas (Platão, 2011, p. 219).

Percebe-se nestes textos de Hipócrates e de Platão um reforço à cultura da mulher como um indivíduo criado para a reprodução e uma censura a liberdade feminina pela opção da não-maternidade e do celibato. Assim como a necessidade de uma completude pela heretossesexualidade. Ou seja, a maternidade é a razão de ser do corpo feminino, que só se torna realizado se se relaciona com um homem.

Em seu tratado “História dos Animais” (2006), Aristóteles dedica-se a um longo exame dos corpos femininos, reforçando a nulidade do seu papel e retirando da mulher o trabalho de criadora. Para este filósofo grego, a mulher é um “homem incompleto” e é o sêmen masculino que desempenha a função principal na geração do ser humano porque ele é que possui em si a forma. Tanto em Platão quanto em Aristóteles, a mulher é vista como um desvio, uma “deformidade natural” em relação ao homem.

Em sua analogia entre estes dois pensadores tão significativos para a cultura ocidental, como matrizes para outros discursos, funciona a mesma estrutura da diferença na oposição *presença- ausência*, onde a mulher aparece como “macho mutilado” (Colling, 2014, p. 99).

Comparando a mulher com uma criança, Aristóteles afirma que seu envelhecimento é mais acelerado porque “tudo o que é pequeno chega mais rapidamente ao seu fim, tanto nas obras de arte como nos organismos naturais” e insiste em afirmar que as fêmeas são mais fracas e mais frias e, por natureza, apresentam uma deformidade natural.

O tamanho do cérebro e da capacidade intelectual – que ainda hoje suscita discussões visando a delimitar a capacidade feminina<sup>16</sup> – também foi abordada por Aristóteles.

Entre os animais, é o homem que tem o cérebro maior, proporcionalmente ao seu tamanho, e, nos homens, os machos têm o

---

<sup>16</sup> Em 2005, o reitor da Universidade de Harvard sugeriu que as mulheres têm menos capacidade em ciência e em matemática do que os homens. <  
[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/01/050118\\_harvardcl](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/01/050118_harvardcl)>

cérebro mais volumoso que as fêmeas. (...) São os machos que têm o maior número de suturas na cabeça, e o homem tem mais do que a mulher, sempre pela mesma razão, para que esta zona respire facilmente, sobretudo o cérebro, que é maior (Aristóteles, 1957, p.41 apud Colling, 2017, p. 57).

Aristóteles, como Hipócrates, também aborda a menstruação, afirmando que por se a mulher um ser impuro, ela sofre esta catarse por meio da menstruação. O filósofo justifica o sangramento feminino por uma falta de calor e da frieza feminina e chega a afirmar que o próprio nascimento de uma mulher já é considerado um desvio.

Em consequência da sua juventude, da sua velhice ou de qualquer outra causa(...) dá forma a um produto imperfeito, defeituoso, de segunda escolha(...)Aquele que não se assemelha aos pais é já, em certos aspectos, um monstro (teras): porque, neste caso, a natureza afastou-se, em certa medida, do tipo genérico (*genos*). O primeiro desvio é exatamente o nascimento de uma fêmea em vez de um macho (Aristóteles, 1957, p. 167 apud colling, 2014 p. 59).

A importância de destacar o pensamento dos filósofos gregos neste capítulo se justifica pela influência de suas obras em filósofos iluministas do Século XVIII, como Voltaire e Rousseau, que também colocaram em dúvida a aptidão dos corpos femininos para as questões de liderança e insistiram na fraqueza da mulher.

No físico, a mulher é, pela sua fisiologia, mais fraca do que o homem, as emissões periódicas de sangue que enfraquecem as mulheres e as doenças que nascem da sua supressão, os tempos da gravidez, a necessidade de amamentar os filhos e de os vigiar assiduamente, a delicadeza dos seus membros, tornam-nas pouco capazes para todos os trabalhos, todos os ofícios que exigem força e resistência (Voltaire, 1973, p. 143).

Para Jean-Jacques Rousseau, as mulheres deveriam ser educadas na vergonha e no pudor. E ele deixa isto bem claro ao indicar o lugar que elas deveriam ocupar na sociedade.

Quase todas as raparigas aprendem com repugnância a ler e escrever, mas quanto a segurar a agulha, é o que elas aprendem sempre de boa vontade. Antecipadamente imaginam-se crescidas e sonham com

prazer que estes talentos poderão um dia servir-lhes para se enfeitar. Aberto este primeiro caminho é então fácil de seguir: vêm por si mesmos a costura, o bordado, a renda (Rousseau, 1992, p. 178).

Mas, ainda mais que inspirar iluministas, cabe ressaltar que esses pensamentos filosóficos que apontam a subalternidade dos corpos femininos e sua capacidade intelectual ainda norteiam normas jurídicas e de condutas moral, social e religiosa. Cabe destacar aqui a importância do pensamento aristotélico na teologia e na filosofia escolástica da igreja Católica, uma vez que ele será o modo de compreender o mundo, os seres e a relação entre eles (Colling, 2014).

Ancorada nestes ensinamentos, a mulher será sempre marcada pelo mito da Eva, portadora do “pecado original”, que foi condenada por Deus, uma tradição judaico-cristã que colabora ainda hoje para a reiteração da inferioridade feminina e seus corpos nos mais amplos aspectos culturais e sociais. A ideia da impureza da mulher – especialmente nos períodos menstruais e de parto – provém da condenação bíblica, segundo Colling (2014).

Este discurso religioso que respaldará a submissão feminina em relação ao homem é legitimado durante séculos na sociedade ocidental por meio dos escritos de muitos santos católicos. Dentre eles, São Paulo é veemente no reforço da subalternidade da mulher, conforme ele escreve na Carta aos Efésios:

O homem (é) a cabeça da mulher... O homem é a imagem e a glória de Deus, (...) a mulher a glória do homem. (...) As mulheres sejam sujeitas a seus maridos como ao Senhor; porque o marido é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja, seu corpo, do qual ele é o Salvador. Ora, assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres a seus maridos em tudo (Efésios, 5: 22-33).

Na Idade Média, especialmente nos séculos XVI e XVII, o mito de Eva está vinculado à força do mal, representado pela prática de feitiçarias, praticadas por mulheres detentoras de saberes e que buscavam ampliar seus saberes e conhecimentos. Esta “caça às bruxas” perseguiram até mesmo as parteiras, detentoras do saber no campo da sexualidade.

A partir do século XIX, após a Revolução Industrial (1760-1840), uma constante vigilância sobre os costumes levou a mulher ao confinamento do

ambiente doméstico, especialmente nas classes médias. A designação de impureza e condenação dos corpos femininos passa a dar lugar à mulher passiva e submissa, o “anjo do lar”. O mito da Eva entra em desuso neste momento para dar espaço ao mito do Virgem Maria. A mulher passa a ter uma imagem purificada e exaltada pela maternidade. A nova ordem capitalista vai configurando um modo de ser e de viver dos indivíduos, inculcada pelos discursos religiosos. É o ideal reformista de um “lar honrado e limpo, sem bastardos e sem preguiça”.

Uma mulher piedosa e temente a Deus é um bem raro. Esta mulher dá plena satisfação ao seu marido: trabalha o linho e a lã, gosta de se servir das mãos, ganha a vida em sua casa. De manhã, levanta-se cedo. À noite, não atinge as suas faculdades. Limpeza e labor são as suas joias, os seus adornos (Lutero, 1995, p. 173).

Também na religião, é possível perceber que o discurso vai se adaptando às grandes mudanças sociais, econômicas e culturais. Nesta construção mítica de Eva, a mulher débil, doente, pecadora, impura e de malignidade inata, agora precisa se tornar pura e casta para estar apta ao casamento e sua imagem passar a ser purificada para a maternidade e, é claro, a aceitação do trabalho reprodutivo. Maria tornou-se uma imagem imutável desde sempre e para sempre, (...) “talvez porque neste mito da Virgem e Mãe se diga quase tudo o que o imaginário masculino desejou e produziu sobre o corpo das mulheres” (Joaquim, 1997, p. 131 apud Colling, 2014, p. 73).

Somente em 1963, a publicação da Encíclica *Pacem in Terris*, rompeu com a doutrina tradicional da igreja, defendida desde São Paulo, da submissão da mulher ao marido. O documento publicado pelo Papa João XXIII aceita a emancipação da mulher e consagra a igualdade de direitos e obrigações do casal na vida familiar: “Torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana, não merece mais ser tratada como um objeto ou um instrumento, reivindica direitos e deveres (Papa João XXIII, 1964, p. 143).

Na Carta Apostólica *Mulieris dignitatem*, no capítulo “A dignidade da mulher”, publicada em 1988, o Papa João Paulo II apresenta com fontes bíblicas a igualdade da mulher junto ao homem, visando a buscar uma reparação histórica para a inferioridade ao qual o gênero feminino foi submetido. Mas apesar de ser um grande e necessário passo, o pontífice da igreja Católica – religião de maior número

de adeptos na sociedade ocidental – deixa claro que recuperar a dignidade da mulher é buscar a igualdade, mas não uma igualdade de “masculinize” a mulher, mas que recupere sua feminilidade.

Como já disse acima, a representação dos corpos femininos vão se adaptando de acordo com as necessidades impostas pelas mudanças socioeconômicas e culturais, mas conforme apresentarei nesta pesquisa, ainda estamos longe de uma equidade total de gêneros à medida que o movimento *Godllywood* propõe o regresso à imagem da “Mulher Vitoriosa” do profeta Salomão, no Antigo Testamento – e mesmo a igreja Católica, que ainda arrebanha o maior número de adeptos no Brasil, propõe uma igualdade restritiva da mulher em relação ao homem e ainda não permite que o gênero feminino assuma papéis de liderança em seu quadro de religiosos.

Sob o olhar da Medicina, os corpos femininos também sofreram os impactos dos pensamentos hipocrático e aristotélico. Até o século XVII, para a ciência médica, a mulher era como um animal faminto que só se acalmava quando grávida. Este fato justifica que o útero era o órgão que dava identidade à mulher, que explicava sua fisiologia e psicologia vulneráveis. A histeria passa a ser considerada uma doença feminina a partir do final do século XVIII<sup>17</sup>. O pensamento médico sujeita a mulher a uma submissão necessária ao homem ao reduzir a feminilidade à realidade de que a felicidade e a sanidade da mulher estão no cumprimento do seu papel social de ser uma mãe de família, guardiã dos valores sociais.

Mediante esta pressuposição, naquele momento a Psiquiatria entendia a maternidade como a verdadeira essência feminina e um dos caminhos mais seguros para prevenir e curar distúrbios mentais. Assim, aquelas mulheres que não podiam – ou não queriam – engravidar eram consideradas incapazes física, moral e psiquicamente e estariam mais sujeitas a doenças psiquiátricas ao longo de suas vidas, conforme a construção ideológica da feminilidade naquele período da história (Fernandes, 2009, p. 60).

As bases filosóficas, religiosas e médicas ajudam a reforçar o discurso de pensadores sociais sobre as diferenças inatas entre os corpos femininos e masculinos e, conseqüente, ajudam a definir condutas sociais e morais. No século

---

<sup>17</sup> A histeria foi banida do Manual Estatístico de Doenças Mentais (DSM-IV) somente em 1994.

XVIII, os elementos biológicos masculinos dariam aos homens o predomínio da razão e da inteligência, e às mulheres, a emoção e as frivolidades. Assim, enquanto a Revolução Industrial aumentava a produção de mercadorias, o homem firmava cada vez mais sua posição no espaço público e a mulher no privado. Ao homem cabia o papel de criador, descobridor, defensor e provedor. À mulher, o de cuidadora, preservadora, veículo e salvaguarda da tradição. Retirada do trabalho produtivo, a mulher de classe média passou a ocupar-se do “ócio” dentro de casa (McClintock, 2010). Todas essas mudanças redefiniram a posição das mulheres em relação aos homens e à sociedade abrindo espaço para a criação do papel de “dona de casa” em tempo integral.

Michelle Perrot (2017) ressalta que essa evidência fica clara na Declaração Francesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, ao excluir as mulheres dos direitos civis e políticos devido à sua natureza e debilidade intelectual. Na Revolução Francesa, a igualdade entre homens e mulheres foi anunciada como um princípio geral. Era uma promessa de que todos os indivíduos seriam considerados iguais para a participação política e a representação legal. No entanto, a cidadania acabou sendo concedida somente àqueles que possuíam propriedade. Ela foi negada aos escravos porque eles eram propriedade de outros e às mulheres porque seus deveres domésticos e de cuidado com os filhos eram um impedimento à participação política (Scott 2005). E esta condição ainda se mantinha no século XIX:

É por isso que esse velho discurso retoma no século XIX um novo vigor, apoiando-se nas descobertas da medicina e da biologia. É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas “espécies” com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos (Perrot, 2017, p. 161).

Associadas a uma anatomia particular, surge também normas de comportamentos morais específicas para as mulheres mediante à vida social. No século XIX, auge da industrialização, a família “moderna” – leia-se classe média – centrada no trabalho reprodutivo e não remunerado da dona de casa em tempo integral, se generalizou, inclusive entre as classes menos abastadas. Também nesse

período houve uma grande remodelação do espaço urbano. Os comerciantes se mudaram do segundo andar de suas lojas, os industriais levaram suas fábricas para longe de suas casas e os banqueiros montaram suas casas bancárias separadas de suas residências criando redutos residenciais, os subúrbios, distantes das áreas comerciais. Fortaleceu-se ainda mais a divisão do espaço público ocupado pelo que Nancy Armstrong chamou de “homem econômico” e o espaço privado ocupado pela “mulher doméstica” (Armstrong, 1987 apud McClintock, 1995, p. 241). “Submetidas à lógica da produção capitalista, a família e o trabalho separam-se como atividades humanas no tempo (a jornada de trabalho) e no espaço (a fábrica)” (Gama, 2014, p. 41).

A demarcação de fronteiras e a delimitação de regras entre o espaço público e o privado passaram a disciplinar todos os aspectos da vida cotidiana. O culto da domesticidade foi responsável por agregar um grupo de pessoas formando uma classe média com normas e valores bem definidos como a monogamia, a classificação, a quantificação, a ordem e a acumulação do capital visando à expansão comercial. O relógio passou a regular a vida do lar fazendo com que a comida fosse servida em horários definidos, seguindo uma sequência ordenada de pratos; o espaço doméstico tornasse disciplinado pela arrumação e pelo ordenamento dos móveis e dos ornamentos; o tempo passou a definir a rotina das crianças e de trabalho dos empregados. Enquanto os homens se firmavam cada vez mais no espaço público, o ócio – disfarçado de trabalho doméstico – deveria ser a atividade das mulheres dentro de casa. Ao homem cabia o papel de provedor e defensor da família. À mulher era destinada a função de preservadora da família e salvaguarda da tradição (McClintock, 1995).

Mas no espaço público, a “gata borralheira”<sup>18</sup> precisava se transformar na Cinderela para figurar ao lado do seu marido como um troféu. Cabia a ela acompanhar a moda para vestir-se e adornar-se de forma a demonstrar o sucesso financeiro do seu marido. Segundo Perrot (2003) afirma que a beleza era um capital simbólico relevante. “O homem rico gosta de ostentar a beleza de sua(s) amante(s):

---

<sup>18</sup> Este significado surgiu justamente por ser a Cinderela uma “gata borralheira”, ou seja, uma jovem muito bonita que tinha que se submeter aos serviços domésticos forçados, ficando sempre suja e mal vestida. Borralheira é o nome dado para o local onde se guardavam as cinzas ou lixo dos fornos a lenha (borralhas) < [https://www.significados.com.br/gata-borralheira/#:~:text=Este%20significado%20surgiu%20justamente%20por,fornos%20a%20lenha%20\(borralhas\).>](https://www.significados.com.br/gata-borralheira/#:~:text=Este%20significado%20surgiu%20justamente%20por,fornos%20a%20lenha%20(borralhas).>)



um luxo que ele se pode permitir e que lhe glorifica a virilidade” (p. 14). Mas as roupas da sua mulher deveriam ser austeras, sem expor nenhuma parte do corpo que evocasse sensualidade – naquela época, os seios, a cintura, os tornozelos, as pernas e os cabelos (que deveriam estar sempre disciplinados e até com véu) eram objetos do desejo masculino. Além de uma estética impecável, a mulher era submetida também a normas de conduta exigentes – a começar pela discrição. A mulher não deveria erguer a voz nem sorrir muito. Podia chorar discretamente, em determinadas ocasiões – emoção nunca permitida aos homens, “cabeça da família, símbolo da razão e da fortaleza.

Até mesmo o sangramento menstrual da mulher – ou a interrupção dele marcava a importância da mulher na sociedade. Na adolescência, a menstruação marcava a passagem da infância para a vida reprodutiva porque era proibido à mulher o sexo prazeroso e o coito. O ciclo menstrual também deveria ser tratado com muita reserva porque, sendo considerada perigosa e nociva, era um sinônimo de impureza e sujeira, a prova da debilidade feminina e trazia com ela vários tabus como envenenar o leite materno, por exemplo. A chegada da menopausa também era um momento desonrante para os corpos femininos porque uma vez que não poderia mais ser um reprodutor, passava a ser considerado um corpo velho, incapaz de seduzir (Perrot, 2003, p. 16).

Nesta vasta esfera de possibilidades filosóficas, científicas, sociais e culturais aos quais o corpo feminino pode ser afetado, é preciso reconhecer que ainda hoje eles continuam sendo moldados por interesses. Mas agora ele está sendo estratégico no campo democrático, conforme descreve Perrot (2003, p. 26):

"Nosso corpo, nós mesmas": direitos do corpo, conhecimento do corpo, livre disposição do corpo na procriação e na relação amorosa. O silêncio vencido. Uma forma de revolução em suma. Em muitos aspectos: nós vivemos uma revolução. Mas isso não significa que tudo esteja resolvido. Continuam existindo imensas zonas de sombra e de silêncio.

Por isso, acredito que torna-se necessário que as mulheres pesquisadoras, nos mais diversos segmentos da sociedade, ressaltem a importância feminina e colaborem na supressão de arquétipos que nunca representaram o verdadeiro papel

e a legítima importância da mulher na história para que possamos ter um corpo social mais justo e menos androcêntrico.

### 3- A REPRESENTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO SOCIAL

#### 3.1. Uma *outsider* em campo: dificuldades em furar a bolha

A minha entrada no doutorado coincidiu com a decretação da pandemia da COVID-19<sup>19</sup>. Após a primeira aula presencial, todas as atividades foram suspensas. A orientação era para ficar em casa. Todas as atividades foram interrompidas até que um novo modo de vida se mostrasse possível: os encontros virtuais por meio de novas plataformas digitais. E este foi o caminho possível para que eu também começasse a trabalhar com o objeto da minha pesquisa: as redes digitais.

O primeiro passo foi a minha inscrição no canal *Godllywood*<sup>20</sup>, no YouTube<sup>21</sup>. À medida que eu comecei a assistir aos vídeos, foi se descortinando um universo de informações para a minha pesquisa junto a referências acadêmicas sobre o tema. A partir de então, busquei a página “Desafios *Godllywood*<sup>22</sup> (Anexo 1), que consistem em 81 tarefas que as frequentadoras do movimento devem seguir e anotar os resultados em um caderno para que percebessem a mudança em suas vidas. Depois de cumprida cada missão, ela deveria ser publicada na rede social da seguidora com a marcação da página do *Godllywood*<sup>23</sup>.

Dentre esses “Desafios”, além de incentivar a assinatura da Univervídeo (plataforma de *streaming* da IURD que transmite apenas suas produções próprias com temática religiosa) e buscar o acolhimento das “esposas dos pastores”, outros também orientam suas participantes quanto à forma de se vestir, de se pentear, de pintar as unhas; motivam elas a cozinhar e fazer a faxina doméstica.

Na leitura desses “Desafios” já comecei a pensar no perfil da mulher *godllywoodiana* como uma ressignificação da mulher vitoriana do século XIX nos

---

<sup>19</sup> A pandemia da COVID-19 foi decretada em 11 de março de 2020 e finalizada em 05 de maio de 2023 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Disponível em < <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>> Acessado em 10 de outubro de 2024.

<sup>20</sup> Para assistir: <https://www.youtube.com/c/GodllywoodCanal>.

<sup>21</sup> Ao contrário do meu imaginava, mesmo tendo que cadastrar meu endereço eletrônico, não tive nenhum contato por parte dos profissionais de atendimento do canal.

<sup>22</sup> Para acessar: <https://www.universal.org/godllywood/desafio-godllywood/>. Também disponível no Instagram: @desafiosgodllywood.

<sup>23</sup> Abordarei de forma mais aprofundada sobre os “Desafios *Godllywood*” no capítulo seguinte.

tempos contemporâneos. Segundo Wright Mills (1975), “a imaginação é levada, com frequência, a reunir itens até então isolados, descobrindo ligações insuspeitadas” (p. 217). E, como pontua Becker, “nós, cientistas sociais, sempre atribuímos, implícita ou explicitamente, um ponto de vista, uma perspectiva e motivos às pessoas cujas ações analisamos” (p. 30). Inicialmente, meu projeto de pesquisa amparava-se na metodologia de relatos de vida. Meu objetivo era entrevistar as mulheres que integram o *Godllywood* para entender o que as motivou a fazer parte deste movimento e a se submeterem às regras impostas, uma vez que estas estão na contramão das conquistas feministas em nossa sociedade. Gostaria de ouvir relatos de vida ou parte da experiência vivida e estas histórias constituíram possibilidades para o estudo de mundos sociais, categorias e trajetórias que Bertaux (1997) denomina “etnosociológica”, ou seja uma investigação empírica cujo trabalho de campo se inspira na tradição etnográfica para suas técnicas de observação, mas seus objetivos são construídos a partir de certas problemáticas sociológicas e não na particularidade de cada informante. Vai-se do particular ao geral graças à comparação e à confrontação de casos particulares.

Ao pesquisar a página dos “Desafios Godllywood” no Instagram, inesperadamente, encontrei um nome conhecido: a de uma assistente de eventos com quem eu já havia trabalhado, a Luciana Gomes<sup>24</sup>. Em nosso contato, apresentei-me agora como pesquisadora, expliquei o objeto da minha pesquisa e ela me disse ser outra mulher depois que começara a frequentar o movimento *Godllywood* e que inclusive já havia feito todos os “desafios” propostos. Perguntei se ela poderia me ajudar como interlocutora na minha entrada em campo. Achei que a minha trajetória seria fácil depois da nossa conversa e ela me apontar o caminho: participar das reuniões ministradas pela *Big Sister*<sup>25</sup> Cristiane Cardoso, que naquele momento ainda eram apenas virtuais devido ao período pandêmico.

### 3.2. Relato de uma *outsider*: o mundo empírico se torna uma representação

---

<sup>24</sup> Nome fictício.

<sup>25</sup> *Big Sister*, ou Grande Irmã *em português*, é como Cristiane Cardoso é chamada pelas fiéis godllywoodianas.

Após o arrefecimento da pandemia e de pesquisar mais sobre o tema, voltei a conversar com a Luciana e novamente perguntei se ela aceitaria colaborar como interlocutora para minha primeira entrevista. Ela desconversou e novamente ratificou o convite para participar das palestras da Dona Cris<sup>26</sup>, pois elas mudariam a minha vida e fariam de mim uma mulher muito mais completa. Senti que para darmos prosseguimento ao assunto, era hora de eu entrar em campo e estar mais próxima do meu objeto por meio de uma “observação participante” (Malinowski, 1922).

Só podemos ver o mundo empírico por meio de um esquema ou imagem. O ato do estudo científico *em sua totalidade*<sup>27</sup> é orientado e moldado pela imagem subjacente do mundo empírico usada. Essa imagem estabelece a formulação dos problemas, a determinação do que são dados, os tipos de relações buscadas entre dados e formas em que as proposições são moldadas. Em face desse efeito fundamental e onipresente exercido sobre todo o ato da investigação científica pela imagem inicial do mundo empírico, é absurdo ignorar essa imagem. A imagem subjacente do mundo é sempre passível de identificação na forma de um conjunto de premissas. Essas premissas são constituídas pela natureza dada, explícita ou implicitamente. Aos objetos-chave que compreendem a imagem. A tarefa inevitável do genuíno tratamento metodológico é identificar e avaliar essas premissas (Blumer, Herbert, 1969 apud Becker, H., 2007, p. 28).

Em 28 de janeiro de 2023, fui à minha primeira reunião do movimento *Godllywood*, no templo da IURD localizado na rua São Clemente, em Botafogo no Rio de Janeiro. O tema daquele primeiro encontro do ano seria “Você sabe qual é a fraqueza de toda mulher?”<sup>28</sup>. Para conhecer o espaço e começar a entender o campo onde estava entrando sozinha, decidi que seria importante chegar mais cedo. E assim o fiz.

Cheguei às 17h30 e havia seguranças armados próximos às grades de entrada e pareciam que eles me observavam. Subi as escadas e vi a imensidão daquele antigo cinema. O movimento de mulheres ainda era bem pequeno para

<sup>26</sup> Dona Cris é uma outra forma de chamamento utilizada pelas participantes do Godllywood ao se referirem a Cristiane Cardoso, fundadora do movimento.

<sup>27</sup> *Grifo do autor.*

<sup>28</sup> Aqui confesso que a ansiedade para estar presente neste encontro não me encorajou para que eu fosse direto ao Templo de Salomão, em São Paulo, de onde a Cristiane Cardoso falaria ao vivo, ou mesmo no Templo da Glória do Novo Israel – também conhecido por Solo Sagrado – sede estadual e maior templo da IURD no Rio de Janeiro, localizado em Del Castilho, bairro do subúrbio carioca, próximo do local onde a igreja foi fundada.

aquelas mil e 300 cadeiras. Logo fui abordada por mulheres maquiadas, penteadas e com diferentes vestidos, mas todos pretos. Por todo o espaço, eram vinte delas. Quatro delas me abordaram. Eu me apresentei como pesquisadora de gênero, disse que era a primeira vez que assistiria a palestra de *Godllywood* e gostaria de conversar mais com elas sobre o movimento. Uma delas me levou até a frente, abaixo do palco, onde outras seis mulheres, também vestidas de preto, estavam sentadas em mesas separadas. Ao longo deste trajeto, perguntei qual o papel dela na igreja. Ela me disse que era “mulher de pastor” e que aquelas outras sentadas também eram e, por serem mais experientes, estariam ali para apoiar e orientar as mulheres que precisassem e que uma delas poderia me atender. Enquanto eu aguardava ansiosamente a minha vez, eu olhava para trás e via que o lugar não parava de encher. Uma multidão de mulheres começou a ocupar seus assentos. Muitas delas já se conheciam. E um fato em especial me chamou a atenção: todas elas estavam bem penteadas, maquiadas e bem vestidas, como se fossem participar de uma cerimônia formal, como um casamento.

Chegou a minha vez de conversar com a experiente “esposa do pastor”. Ela perguntou como poderia me ajudar. Eu novamente disse que estava ali como pesquisadora e gostaria de me informar mais sobre o movimento. Claramente o semblante dela mudou de “enfermeira da alma” para desinteresse. Senti que ela não mealaria nada mais do que eu já tinha aprendido nas redes sociais e nos textos acadêmicos. Era melhor não insistir e buscar um assento – que naquele momento já estava se esgotando – e observar tudo o que fosse possível daquele momento.

No palco, com cerca de 1,5m de altura, em sua frente estava a inscrição em metal dourado a frase que identifica a IURD: “Jesus Cristo é o senhor”. Em cima, ao lado direito estava um púlpito de madeira com um crucifixo em seu pedestal. Ao lado esquerdo, uma grande tela parecia apontar onde seria transmitida a mensagem da palestrante. Ao centro, havia uma mesa retangular comprida onde se destacava sobre ela menorá, que se replicava também nas paredes do templo. Exatamente à frente desta mesa, estavam duas peças de pedras claras trabalhadas no formato vertical. Colocadas lado a lado, estas pedras continham inscrições que pareciam estar no idioma hebraico. Sem conhecer este idioma para saber a tradução em português, perguntei à mulher que estava sentada à minha frente se ela sabia o que estava escrito ali. E ela prontamente me respondeu: “são os 10 mandamentos de Deus na língua de Jesus”. Fiquei pensando quantas mulheres ali saberiam seu

significado – uma vez que o hebraico não é um idioma tão fluente assim – e se realmente era isto que estava escrito. Da mesma forma, fiquei tentando buscar um entendimento plausível para entender aquela miscelânea de símbolos: o crucifixo, símbolo máximo do Cristianismo, junto a menorás e às tábuas dos 10 mandamentos entregues por Deus ao profeta hebreu Moisés no Monte Sinai, conforme está descrito no Antigo Testamento.

Enquanto observava cada detalhe daquele espaço tão novo para mim, ao meu lado, ainda havia um lugar vago. Mas ele logo foi ocupado por uma moça jovem que se apresentou como estagiária de jornalismo e queria me entrevistar para as mídias da IURD<sup>29</sup>. Eu me apresentei como jornalista e pesquisadora de gênero e disse que como era a minha primeira visita àquela reunião, não poderia – e nem gostaria – falar nada sobre o tema sem conhecer. Ainda assim ela insistia até que viu que não conseguiria sua entrevista. Mas de longe, eu percebia que ela ainda me observava. Logo em seguida, já não havia mais assentos próximos a mim. Como disse a etnóloga francesa Jeanne Favret-Saada (2005) no relato da sua pesquisa sobre a feitiçaria na região rural do Bocage, na França:

Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, é pela simples razão de que o que ali se passa é literalmente inimaginável, sobretudo para um/a etnógrafo/a, habituado a trabalhar com representações: quando se está em tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidade que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los (p. 159).

Pontualmente às 18 horas, todas as luzes se apagaram e a grande tela se acendeu, sinalizando que o evento já iria começar. Nela começaram a ser transmitidas imagens de natureza, especialmente de jardins floridos, com provérbios<sup>30</sup> ao som de um louvor e mensagens de autoajuda. Em seguida, surgem vistas áreas do Templo de Salomão iluminado parecendo sinalizar que o evento

---

<sup>29</sup> Senti que ela estava ali mais para saber quem eu era, pois parecia estar sendo vigiada o tempo todo.

<sup>30</sup> O Livro dos Provérbios ou Provérbios de Salomão é o segundo livro da terceira seção da Bíblia hebraica e um dos livros poéticos e sapienciais do Antigo Testamento da Bíblia cristã, onde ele é o Vigésimo livro.

começaria em breve. Desde que as luzes se apagaram, o barulho das conversas foi totalmente silenciado. Pareciam que as mulheres ali presentes estavam se concentrando para um ritual. Cinco minutos após o início da transmissão, o maior salão do Templo de Salamão também está escuro. Somente o altar está iluminado de uma luz roxa. Nessa penumbra, é possível ver o vulto de Cristiane Cardoso entrando no palco.

A *Big Sister* entra e se mantém de costas para a plateia, parecendo estar em oração. As mulheres próximas a mim parecem estar vendo uma divindade. Em seguida, todas as luzes se acendem. Enquanto Cristiane se aproxima do microfone, começa a ser entoado um louvor, que todas cantam, seguindo a letra no Power Point que está sendo apresentado. Quando ele termina, a palestrante inicia a palestra “Você sabe qual é a fraqueza de toda mulher?” Ao longo de quase duas horas, Cristiane Cardoso reforçou o cuidado como sendo um trabalho essencialmente feminino; a necessidade da mulher em dar o apoio necessário para que o marido possa dedicar-se ao trabalho produtivo, uma vez que ele é o provedor e ainda discursou sobre a fraqueza (?) da mulher. Em todo esse conteúdo patriarcal ministrado, Cristiane Cardoso, citou passagens bíblicas do Antigo Testamento como respaldo ao que foi dito. No decorrer da palestra, sob um olhar de pesquisadora, observei que Cristiane reforçava a necessidade da submissão da mulher em nome da família – heterossexual – como uma vontade de Deus.

Nenhum conceito se aplicaria melhor ao meu sentimento naquele momento do que “*Outsider*”, do Howard Becker (2008). E neste caso, ainda que fosse apenas uma percepção pessoal e não do grupo de mulheres aos meu redor, naquele momento eu me sentia a própria *outsider* dentro daquele grupo sendo uma mulher nascida em berço católico e feminista.

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um “*outsider*” (p. 15).



Mesmo precisando lembrar a mim mesma que eu estava ali apenas como pesquisadora, aquele ambiente me oprimia. Parecia que a qualquer momento eu seria denunciada como uma “outsider”. Também a partir da obra de Becker (2008, p. 31). Eu sentia-me uma desviante com um comportamento inapropriado para obedecer àquelas regras e que aquele público fiel ali presente me denunciaria a qualquer momento como tal. Segundo DaMatta (1996, p.122), perceber e enfrentar aquela diferença cultural é tomar a diferença como um desvio.

Meu nível de ansiedade já era muito grande quando Cristiane Cardoso abre espaço para a entrada bispo Renato Cardoso, seu marido. O breve discurso dele reforça o que havia sido dito por sua esposa. À guisa de um olhar patriarcal, é como se precisasse ter um homem num encontro somente para mulheres para validar o que foi transmitido.

O processo histórico de cada instituição religiosa está caracterizado pelo trabalho oculto das mulheres e pela solidificação da marca da invisibilidade feminina diante da visão do “poder do macho”, como argumenta a socióloga, legitima a superioridade dos homens, dos brancos, dos ricos e dos heterossexuais (Saffioti, 1987 apud Bandini, 2015).

Logo em seguida, ele começa a apresentar um livro de sua autoria. Usando uma forte técnica de venda, ele afirma que aquela edição já estava quase se esgotando devido ao tamanho sucesso e restavam apenas poucas unidades. Depois isso, a imagem dele passou a ser dividida na tela com um número de PIX e os cartões aceitos se o pagamento fosse feito em crédito. Enquanto isso, as obreiras<sup>31</sup> passavam nos corredores vendendo os exemplares como se fosse uma única oportunidade com as máquinas para pagamento digital em mão. Por fim, foi colocado o cântico de encerramento e estava finalizada a cerimônia.

Embora a todo momento tentasse me eximir da minha educação católica e fixar minha atenção como pesquisadora no espetáculo que se apresentava à minha frente, estar ali naquele espaço me causava uma inquietação muito grande. Devereux (1977) descreve sobre as perturbações inevitáveis que sofremos em campo, e realmente elas eram muito incômodas para mim. Ainda mais quando eu

---

<sup>31</sup> Obreira/o é o nome da função dada às/aos fiéis que apoiam os pastores junto ao público ao longo do culto.

sentia a todo momento o que este etnopsicanalista húngaro-francês já havia narrado: eu me colocava como uma observadora, mas sentia que a todo momento que eu também estava sendo observada.

Ao longo das minhas entradas em campo, busquei conversar com algumas mulheres para tentar encontrar as primeiras interlocutoras, mas tive pouco sucesso. Sempre tinha uma estagiária de jornalismo, uma obreira ou uma “mulher de pastor” tentando buscar uma entrevista, saber quem eu era, se precisava de alguma forma de apoio e me acompanhando até a porta da sede da IURD. Participei de outras cinco reuniões do movimento *Godllywood* ao longo dos anos de 2023 e 2024.

Embora, durante a pesquisa de campo, não soubesse o que estava fazendo, e tampouco o porquê, surpreendo-me hoje com a clareza das minhas escolhas metodológicas de então: tudo se passou como se estivesse tentando fazer da “participação” um instrumento de conhecimento (Favret-Saada, 2005, p. 157).

Uma nova proposta metodológica começava a ser descortinar à minha frente. Ao invés de ouvir as trajetórias de vida de mulheres *godllywoodianas* para conhecê-las e compreender o papel das mídias daquele movimento em suas vidas, talvez fosse melhor investigar sob os fundamentos metodológicos da representação. Um universo da representação com muitos signos, discursos, mitos e elementos semióticos se mostravam à minha frente com os espetáculos cênicos e midiáticos que eu havia presenciado: luzes e sombras; músicas louvores e silêncios; os gestos e os “modos de dizer”, as expressões, as roupas, os comportamentos em todo o campo pareciam me apontar um novo caminho de pesquisa. Todo aquele universo estava repleto de uma simbologia que estava carregada de sentidos que me convidavam a uma leitura, uma decodificação e uma interpretação daquelas representações. Segundo Becker (2008) “se os cientistas ignoram o caráter variável do processo de julgamento, talvez, com essa omissão, limitem os tipos de teorias que podem ser desenvolvidas e o tipo de compreensão que se pode alcançar” (p. 17). E ainda, como nos ensina Wright Mills (1975):

A imaginação sociológica, permitam-me lembrar, consiste em grande parte na capacidade de passar de uma perspectiva a outra e, no processo, estabelecer uma visão adequada de uma sociedade total com seus componentes. É essa imaginação que distingue o cientista sociais do simples técnico (p. 221).

### 3.3. Representação e interação sociais: uma angulação teórico metodológica

Por meio de suas estratégias discursivas e simbólicas e sob um forte aparato de dispositivos midiáticos, *Godllywood* é um movimento que visa a legitimar a representação da mulher ideal – ou “vitoriosa” – a partir de contextos religiosos articulados dentro de um universo sociocultural bastante diferente para mim. A partir da minha categoria de pesquisadora, entendi que conhecer aquela cultura à luz das Ciências Sociais poderia ser um bom instrumento para entender melhor aquele universo à minha volta.

(...) a palavra “cultura” passou a ser utilizada para se referir a tudo o que seja característico sobre o “modo de vida” de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social – o que veio a ser conhecido como a definição “antropológica”. Por outro lado, a palavra também passou a ser utilizada para descrever os “valores compartilhados” de um grupo ou de uma sociedade – o que de certo modo se assemelha à definição antropológica, mas com uma ênfase sociológica maior (Hall, 2016, p. 19).

Para Hall (1997), a cultura pode ser observada a partir de representações sociais compartilhadas entre os indivíduos. Assim sendo, o conceito de representação social no campo da comunicação social passou a ocupar um papel de destaque, pois envolve o uso da palavra, de signos, de imagens, de conteúdos de pensamentos e conjuntos de ideias da sociedade e da própria forma representacional dos indivíduos. França e Simões (2014). Hall (1997) atesta que:

(...) o sistema de representação se refere ao processo pelo qual os indivíduos de uma determinada cultura usam a linguagem no intuito de produzir sentido. Esse fato pode criar duas possibilidades interpretativas para o termo em questão: representar alguma coisa está ligado ao processo de descrição, de retratar algo ou imaginar alguma coisa; e representar também pode ter o sentido de simbolizar, substituir o objeto referente por uma representação sintetizante compartilhada por uma convenção social, p. 21).

O termo “representação” é utilizado como conceito teórico em diversos campos do conhecimento dentro das ciências humanas e sociais, tais como a Psicologia, a Linguística, a História, a Filosofia, a Semiótica, a Sociologia e a

Antropologia. Nesta pesquisa, por uma questão de aprofundamento, limitação de tempo e área de interesse, a investigação terá ênfase no campo antropológico da representação social.

A teoria das Representações Sociais surgiu na Europa, com a publicação do estudo “*La Psychanalyse: Son image et son publique*” (1961) apresentado pelo psicólogo social Serge Moscovici. Tal estudo foi marcante para a sociologia do conhecimento, de acordo com Farr (1995). Em sua pesquisa, Moscovici quis investigar o que acontece quando um novo corpo de conhecimento se espalha dentro da população. Em seu trabalho, este *corpus* seria a psicanálise. Ele começou seu trabalho com métodos mais convencionais como entrevistas semiestruturadas e de opinião pública. Mas foi além. Moscovici começou a selecionar imagens de todas as publicações em jornais e revistas da França, entre os anos 1952 e 1953, que abordassem o tema psicanálise. Para este teórico, “as representações estão presentes tanto na ‘mente’ quanto no ‘mundo’” (Farr, 1995, p. 46).

Moscovici (2007) reconhece que sua teoria teve o amparo cultural de fundadores das ciências sociais na França, especialmente Émile Durkheim. No entanto, ele deu um passo à frente ao substituir as representações coletivas – propostas por Durkheim – por representações sociais, que ele julga serem mais adequadas em mundo moderno, com sociedades mais complexas e pluralizadas e rápidas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2007, p. 41).

No processo do suporte teórico-metodológico para esta pesquisa, além da representação social, ao longo das minhas análises, observei também ser importante a convergência com o interacionismo simbólico, teoria que trouxe uma nova perspectiva para as relações humanas. Esta linha de pesquisa sociopsicológica e sociológica que começou a ser desenvolvida entre os anos 1930 e 1940, sendo ainda mais aprimorada nas duas décadas seguintes. Seu nome foi cunhado pelo sociólogo estadunidense Herbert Blumer, em 1937, em sua obra “*Symbolic Interactionism*:

*Perspective and Method*". Segundo os preceitos do interacionismo simbólico, o significado é um dos elementos mais importantes na compreensão do comportamento dos indivíduos, das interações e dos processos. Para a compreensão plena do processo social é preciso entender os significados que são vivenciados pelos participantes em um contexto particular.

Blumer explica que a natureza do interacionismo simbólico – que nesta pesquisa será investigada pela perspectiva da Escola de Chicago<sup>32</sup> – tem como base a três premissas:

A primeira é que o ser humano orienta seus atos em direção às coisas em função do que estas significam para ele. Ao dizer coisas, nos referimos a tudo aquilo que uma pessoa pode perceber em seu mundo: objetos físicos, como árvores ou cadeiras; outras pessoas, como uma mãe ou um balconista de comércio; categorias de seres humanos, como amigos ou inimigos; instituições como uma escola ou um governo; ideais importantes, como a independência individual ou a honradez; atividades externas como as ordens ou solicitações de outros/as e as situações de todo tipo que um indivíduo enfrenta em sua vida cotidiana. A segunda premissa é que o significado destas coisas se deriva de ou surge como consequência da interação social que cada indivíduo mantém com o próximo. A terceira é que os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao se enfrentar com as coisas que vão encontrando pelo seu caminho (Blumer, 1969, p. 2)<sup>33</sup>.

Erving Goffman – que nesta minha pesquisa será um referencial teórico na análise das representações – é um dos expoentes do interacionismo simbólico. O sociólogo canadense reconhece em suas obras que as interações são essenciais uma vez que os indivíduos selecionam a representação mais adequada a ser desempenhada de acordo com o momento social. Para Goffman a representação pode ser considerada como uma espécie de imagem na qual o indivíduo se esforça para mostrar ao seu público – ou à sociedade – o papel que ele/a deseja quer desempenhar (Goffman, 1985).

### **3.4. Amostragem: um recorte em meio a infinitas possibilidades**

---

<sup>32</sup> Existe também uma linha do interacionismo simbólico representada pela Escola de Iowa sob a orientação de Manford Kuhn, influenciada fortemente pelo positivismo lógico, e que defende uma postura mais quantitativa da teoria.

<sup>33</sup> Tradução minha.

Conforme eu descrevi no início deste capítulo, ao iniciar a pesquisa sobre o movimento *Godllywood* uma infinidade de informações se abriu à minha frente. A cada leitura ou vídeo assistido, novos dados iam surgindo e era necessário buscar novas referências e novos conteúdos para que meu entendimento sobre este movimento pudesse ir se completando. Como num quebra-cabeças, quando eu acreditava que parte daquele conteúdo estava compreendido, era preciso dar um passo atrás para buscar novas compreensões.

Isso porque *Godllywood* não se limita a palestras de autoajuda realizadas pela Cristiane Cardoso a cada dois meses no Templo de Salomão, em São Paulo, transmitidas em tempo real para todos os templos da Universal espalhados no Brasil<sup>34</sup> e depois disponibilizadas integralmente em canais como a rede social YouTube e a UniverVídeo, *streaming* que pertence à própria IURD e que para acessá-lo é preciso fazer a assinatura paga. Mas além destes, existe ainda um aparato de dispositivos midiáticos que sustentam o propósito do movimento e catequizam as mulheres participantes no dia a dia, dando suporte e orientação de como elas devem se portar, se comportar, se vestir, se arrumar e se dedicar à Deus, à religião e ao trabalho do cuidado com seu marido, seus/suas filhas e familiares e até do autocuidado.

Conforme afirma Rosa *et. al* (2010), a midiatização tem se firmado como uma das mais eficientes formas de operacionalização das religiões – assim como acontece nos mais variados campos sociais. Seja qual for a nova mídia que se apresente, o *Godllywood* se faz presente como uma forma de manter a sua conexão com seu grupo de fiéis e – por que não? – conquistar novas. Do tradicional website ao mais recente Threads<sup>35</sup>, passando pelo Facebook, pelo Instagram, pelo X (antigo Twitter), pelo TikTok ou qualquer outra plataforma digital, a comunicação e a representação do *Godllywood* se fazem presentes.

Afora todo o arcabouço midiático, existe ainda a interlocução feita de forma presencial entre as lideranças do movimento e suas seguidoras por meio de projetos sociais ligados ao *Godllywood*, tais como o “T-Amar” (pronuncia-se Tamar), que atende a mães em dificuldade no relacionamento com seus filhos; o “Raabe”, que

---

<sup>34</sup> A escolha de pesquisar *Godllywood* somente no Brasil já é o primeiro recorte da minha pesquisa, pois, como foi descrito no início deste trabalho, o movimento já está presente em mais de 100 países, nos cinco continentes.

<sup>35</sup> Plataforma de microblogging que é acessado por meio do Instagram. Nele é possível postar pequenos textos, links, fotos, vídeos ou uma combinação deles.

recebe mulheres vítimas de relacionamentos abusivo e vítimas de violência doméstica; e o “Mães em Oração”, que é composto por mulheres que rezam por seus/suas filhas<sup>36</sup>.

Nesse universo quase intangível de possibilidades, como buscar um recorte que pudesse embasar cientificamente o meu estudo? Toda gama de variação pode ser considerada um fenômeno. Por isso, a amostragem é o grande problema de uma pesquisa. Não podemos – e nesse quase infindável universo midiático que temos hoje à nossa disposição em tempo integral seria impossível – dar conta de tudo. É preciso buscar uma amostra representativa para provar pelo meio da ciência que conseguimos provar alguma coisa sobre determinado objeto. Mas nunca conseguimos dar conta de tudo. Conforme explica Becker (2017) citando Harold Garfinkel:

(...) Ciência social é, afinal, uma “atividade prática”, o que quer dizer, entre outras coisas, que o trabalho deve terminar em algum momento. Como ninguém pode passar a eternidade fazendo seu estudo, é preciso tomar atalhos, e estes levam invariavelmente a violações “da maneira como a pesquisa deveria ter sido feita” (p. 89)

Mesmo com a certeza de que não é possível dar conta de todos os dados disponíveis no campo, retorno à afirmação de Mills (1975) de que ciência social é como um ofício no qual precisa se ter método, teoria e dedicação de uma forma ordenada. Mills (1975) explica ainda que é a busca da ordem que nos levar a observar padrões e tendências e encontrar relações que possam ser típicas e causais. Desta forma, é que poderemos relacionar esse modelo com tudo o que estamos procurando explicar.

Num esforço de buscar uma total isenção ou qualquer forma de pré-conceito com o meu objeto, decidi nesta pesquisa realizada dentro do campo da Comunicação Social, analisar cinco vídeos que retratam a construção e a representação do padrão de uma mulher *godllywoodiana*. Em todos esses vídeos que serão analisados, a personagem central é a *Big Sister* Cristiane Cardoso, fundadora e idealizadora do movimento. Mas por que cinco vídeos? Porque além

---

<sup>36</sup> Na descrição de todos esses projetos sociais, é citado de forma explícita a necessidades deles como uma forma de oposição às “influências” das mídias. Para saber mais: <https://www.universal.org/godllywood/post/conheca-os-projetos-sociais-que-apoiamos/>

do recorte necessário para uma investigação mais aprofundada, os vídeos a serem apresentados compreendem exatamente o início do meu interesse pelo meu objeto, em 2018, até 2024, ano dedicado ao início da escrita desta tese.

Considero importante relatar também que todos esses cinco vídeos que serão analisados foram pesquisados no canal *Godllywood* no YouTube e são acessíveis de forma gratuita a qualquer pessoa que tiver disponível uma rede de *wi-fi*. Este foi outro recorte em minha pesquisa. Todos os vídeos do *Godllywood* são disponibilizados na plataforma de *streaming* Univervídeo, quase imediatamente após as palestras. Mas este serviço, é pago. Meu interesse, no entanto, é analisar os vídeos das palestras disponíveis, sem qualquer custo, a qualquer mulher que se interesse pelo movimento ou pelos temas das palestras, independentemente das suas designações religiosas.

Ainda sobre o desenho da amostragem, os vídeos analisados não seguem uma ordem cronológica na análise de suas representações. A escolha foi por temas que parecem mostrar com mais clareza a construção da mulher *godllywoodiana* e como ele vai acontecendo em forma crescente: da mulher fiel da IURD até a representação em forma de autoajuda, na qual tudo – signos, discursos e mitos têm respaldo na palavra de Deus.

Com o objetivo de situar o/a leitor/a acerca do meu objeto de pesquisa, a primeira peça a ser analisada será o “*Vídeo institucional sobre Godllywood*”<sup>37</sup>, no qual a sua fundadora e a co-fundadora Evelyn Higginbotham – que não por acaso é a “esposa do bispo” David Higginbotham – explicam o que é o movimento. Além delas, surgem outras declarações de mulheres *godllywoodianas*, no formato testemunhal, explicando as mudanças em suas vidas desde o ingresso no grupo. Este vídeo possui uma duração de sete minutos e foi publicado no canal *Godllywood* no YouTube em 03 de novembro de 2015. A veiculação deste vídeo supre a necessidade de esclarecimentos sobre o grupo, que já dava sinais de grande crescimento em todo o país. O projeto *Godllywood* foi trazido para o Brasil em 2011 e até o ano 2016, era fechado. Somente as mulheres integrantes da Igreja Universal do Reino de Deus podiam frequentá-lo.

A partir de 2016, *Godllywood* passou por uma grande mudança: o grupo foi aberto a todas as mulheres que quisessem participar, independentemente de sua

---

<sup>37</sup> Para assistir o Vídeo 1: [https://www.youtube.com/watch?v=b\\_RwDUF6nkc](https://www.youtube.com/watch?v=b_RwDUF6nkc)



religião. A partir desse momento, ele deixa de ser um grupo fechado e passa a ser chamado de “movimento”. Conforme está descrito na página *Godllywood*, disponível dentro do portal da Igreja Universal do Reino de Deus<sup>38</sup>, quando era apenas um grupo algumas exigências eram necessárias, tais como: fazer um cadastro, ter o acompanhamento de alguma *sister*<sup>39</sup> e dar satisfação esta sua líder. Ao se tornar um movimento, tais rigores deixaram de ser necessários. A mulher que quisesse fazer parte teria apenas que viver segundo os conceitos e princípios do *Godllywood*.

Considero a análise desse vídeo uma pista importante para entender como posso pesquisar a construção desta mulher *godllywoodiana* – que busca a santidade nas virtudes da “mulher vitoriosa” do profeta Salomão – desde quando o grupo era fechado e frequentado apenas por mulheres que comungavam dos princípios apregoados da Igreja Universal do Reino de Deus. Para depois fazer um comparativo com outros vídeos em que *Godllywood*, agora com o complemento “auto ajuda” já estava aberto ao público feminino, conforme vou descrevê-los abaixo.

“*Perguntas sobre o Movimento Godllywood*” é a segundo vídeo analisado. Neste material publicado em 4 de fevereiro de 2020, diferentemente do filme institucional, Cristiane Cardoso aparece de forma bastante informal, num cenário doméstico, fazendo ela mesma a gravação. De forma pouco cerimoniosa, a líder de *Godllywood* se propõe a responder as dúvidas apresentadas previamente por suas seguidoras. Mas ao contrário da docilidade e da subserviência desejadas para se tornar uma mulher agradável a Deus, ao longo da gravação, a *Big Sister* vai dando sinais de impaciência, intolerância e até deboche com as seguidoras que não se dedicam com afinco a entender seus propósitos.

Dando sinais da extensão de *Godllywood* pelo território brasileiro, o terceiro vídeo intitulado “*Quer aprender a ser uma mulher moderna à moda antiga? Participe do Godllywood!*”<sup>40</sup> é uma peça publicitária de 49 segundos filmada na cidade Presidente Tancredo Neves, no interior da Bahia. Neste anúncio, postado em 20 de fevereiro de 2024, seguidoras *godllywoodianas* – sem a presença da

<sup>38</sup> Para saber mais: <https://www.universal.org/godllywood/perguntas-e-respostas/>

<sup>39</sup> Sister é o nome dado à “mulher de pastor” que possui alguma posição de liderança dentro de *Godllywood*.

<sup>40</sup> Para assistir: <https://www.youtube.com/shorts/xCL5WRAC5uo>

fundadora – convidam outras mulheres a participarem do movimento para aprenderem os padrões antigos de comportamento. Em outras palavras: serem doutrinadas para ser submissas aos seus parceiros e devotadas esposas “belas, recatadas e do lar”<sup>41</sup>.

O quarto vídeo<sup>42</sup> investigado foi o do primeiro encontro virtual do Godllywood Autoajuda. A veiculação foi postada no canal no Youtube em 25 de setembro de 2019. Isto parece mostrar que os dispositivos midiáticos utilizados pelo movimento já estavam se preparando – ou já estavam preparados – para o que seis meses depois, com a decretação da pandemia da COVID-19, se tornaria a tecnologia utilizada para todas as pessoas – de qualquer raça, credo, ideologia, posição social ou política – se comunicassem com o mundo: os encontros virtuais.

Esse vídeo, cuja palestra tem como tema “*Primeiro Encontro Virtual Godllywood Autoajuda*”, tem uma hora e quarenta minutos e, diferentemente dos demais suntuosos encontros, ele traz a *Big Sister* Cristiane ao lado de outras *sisters* que ela apresenta como amigas num momento de familiarização com esta nova mídia para encontros virtuais: tanto na maneira de portar, de (se) apresentar e de como se comunicar. Ainda assim, o vídeo teve quase 183 mil visualizações, somente no canal que estou investigando, o *Godllywood* no YouTube. Entendo que ele traz também uma ruptura marcante entre o primeiro vídeo analisado, onde o contato social é mais próximo, para este cuja aproximação é completamente via mídias digitais, à distância.

*Godllywood* – que é um movimento fundamentalmente feminino – é apresentado em sua página na internet como não sendo um movimento ideológico, mas composto por mulheres que “levantam a bandeira da ‘Santidade do Senhor’”. Por isso, seu projeto não surge da cabeça de ninguém, senão de Deus e da Sua Palavra. “Quem faz parte do movimento *Godllywood* pratica a Palavra de Deus, mesmo que isso lhe custe seus achismos, jeito de ser, personalidade, moda, fama, popularidade e até amizades” (Site *Godllywood*). Mas existe alguma linha por trás dessa vontade de Deus? O tema do quinto e último analisado é “*Encontro especial com o Bispo Edir Macedo*”<sup>43</sup>, disponibilizado no YouTube

<sup>41</sup> Para saber mais sobre esta expressão:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2016/04/bela-recatada-e-do-lar-por-que-a-expressao-gerou-tanta-polemica-nas-redes-sociais-cjpl6oxcz009vwscnq3poc9v1.html>

<sup>42</sup> Para assistir o Vídeo 2: <https://www.youtube.com/watch?v=wr6VrdZOIoo&t=268s>

<sup>43</sup> Para assistir o Vídeo 4: <https://www.youtube.com/watch?v=KTB6x2JliJY&t=2825s>

em 27 de outubro de 2018, com quase uma hora e quarenta minutos de duração. Neste período, *Godllywood* estava aberto há apenas dois anos ao público feminino em geral.

Becker (2007) afirma que todo/a pesquisador/a quer descobrir algo “novo”, mas que “revoluções científicas” são raras. Quando mais eu buscava sobre o tema *Godllywood* nas mídias digitais, mais informações sobre este tema chegavam até mim. Ao longo da minha pesquisa descobri que o tema “*Godllywood*” não é uma novidade. Muitos textos acadêmicos já foram publicados a respeito deste movimento, a partir de diferentes objetos. Mas foi com este conjunto de vídeos que eu acredito ter encontrado um recorte possível para estudar a representação social do movimento na construção da mulher *godllywoodiana* – ou na santa “Mulher V”. O que eu pretendo com esta investigação – buscando um estudo que fuja ao senso comum – é aprofundar ainda mais esta discussão à luz da ciência para que estejamos atentos/as à construção desta mulher que está resgatando valores que nós, ainda hoje, lutamos para nos livrar dos seus grilhões.

#### 4- A CONSTRUÇÃO DA MULHER GODLLYWOODIANA: DA GÊNESE À REPRESENTAÇÃO

Início este capítulo fazendo uma descrição do movimento *Godllywood*. Antes de começar a análise dos vídeos que serão objetos de estudo deste trabalho, é preciso saber como e por quê este projeto começou e como seguiu sua trajetória por quase 60 países nos cinco continentes. Mais do que atrair um grande público feminino para os braços da Igreja Universal do Reino de Deus, *Godllywood* revelou grande liderança feminina em suas bases patriarcais. Uma liderança que defende em seus discursos o local de submissão da mulher em relação ao homem em nome da vontade de Deus.

Os cinco vídeos analisados neste capítulo não seguem uma ordem cronológica. Optei por fazer uma pesquisa a partir dos títulos de cada vídeo e, assim, ir apresentando a construção da “Mulher Virtuosa”. O primeiro a ser analisado é o “*Vídeo Institucional de Godllywood*” (2015), que apresenta o movimento quando este ainda era restrito às fiéis iurdianas. O segundo é o “*Perguntas sobre o Movimento Godllywood*”, que mostra a líder em uma condição mais despojada que o primeiro, vestindo-se de maneira pouco formal num ambiente que parece doméstico e respondendo com pouca paciência as dúvidas de suas seguidoras. O terceiro é uma peça publicitária de baixo investimento financeiro e poucos recursos técnicos convidando mulheres a se juntarem a *Godllywood*. O quarto é “*Primeiro Encontro Virtual Godllywood Autoajuda*”, onde pretendo mostrar que apesar do acesso a tecnologias para encontro virtuais – em um período ainda pré-pandêmico da Covid-19 – o contexto remete às antigas revistas femininas do final do século XIX a meados do século XX. O vídeo final traz a presença do próprio líder da IURD “Bispo” Edir Macedo em uma das palestras lotadas do movimento discursando para as mulheres godllywoodianas. Uma fala através da qual vai se descortinando as raízes patriarcais não apenas de *Godllywood*, mas da própria IURD e do seu mosaico familiar.

Figura 4: Templo de Salomão repleto de mulheres na



Godllywood Autoajuda se define como um espaço onde mulheres podem ser acolhidas e ouvidas por outras, por isto é um autoproclamado “movimento” essencialmente feminino. O quarto vídeo investigado, no entanto, tem como tema “Encontro especial com o Bispo Macedo”. O que um homem teria a dizer de autoajuda para as godllywoodianas? No quinto vídeo analisado, Cristiane Cardoso aborda “Como ser uma mulher iluminada?” no qual além de afirmar o local de submissão da mulher ao homem por uma vontade divina, reforça que também é vontade de Deus que elas se distanciem de pessoas e de momentos que se não sejam adequados aos princípios de uma mulher godllywoodiana. O último vídeo pesquisado tem como tema “Como não cometer os mesmos erros”. A referência imagética para palestra é a série “Reis”, uma produção bíblica disponível no Univervídeo. É possível que a maioria das mulheres godllywoodianas tenham a assinatura deste *streaming* da Rede Record por que dos 81 desafios que precisam cumprir o Desafio 55 é “Baixe a assine o Univervídeo”.

#### 4.1. “Um desejo de Deus”: mulheres virtuosas são contra *Hollywood*

Se na igreja católica o celibato é uma exigência para os homens que escolhem seguir a vida religiosa e receber o sacramento da ordem, isto é, se tornarem padres, nas igrejas evangélicas o casamento é quase um requisito para a ascensão masculina dentro da hierarquia religiosa. Isto porque o casamento traz, junto ao padrão de liderança masculina, a figura da mulher “esposa do pastor”, parte constitutiva fundamental para ajudar o marido no trabalho de acolher, de aconselhar, de orientar e de cuidar dos/as seus/suas fiéis. Dentro do campo evangélico, o pastor e sua esposa precisam ser um exemplo de casal e de um modelo de família. Este arquétipo de casal pentecostal heteronormativo ajuda a reforçar uma vez mais a condição de submissão feminina, colocando a figura masculina no espaço produtivo/público e a feminina no reprodutivo/privado. É dentro deste protótipo familiar que está a gênese de *Godllywood*.

O caminho de santidade que as mulheres buscam neste autodenominado “movimento” começou em 2009, em Houston (Texas), nos Estados Unidos, quando a filha primogênita do Bispo Edir Macedo, Cristiane, acompanhava seu marido Renato Cardoso, pastor da IURD, em uma missão de evangelização. Na posição de “esposa de pastor”, ela sentiu a necessidade de criar um programa disciplinador e alinhado aos valores da IURD para atender às adolescentes e jovens fiéis que frequentavam aquele templo. Seu desejo era a criação de uma irmandade inspirada no modelo das *sororities* – também conhecidas como *Sisterhood* – das universidades estadunidenses<sup>44</sup>. Coube à Evelyn Higginbotham – outra “esposa de bispo” que na época trabalhava junto à Cristiane – a responsabilidade de desenvolver este projeto, elaborando a proposta pedagógica para ser implementada dentro daquela unidade de Houston.

Para disciplinar os corpos e os comportamentos das fiéis iurdianas do Texas, Hollywood e o seu padrão de vida glamoroso foi o alvo escolhido. Para isto era preciso enfatizar que os valores divinos precisam e devem estar acima de qualquer estilo de vida secular proposto pela indústria do entretenimento. O antagonismo aos padrões de vida *hollywoodianos* reflete inclusive no nome escolhido para o projeto:

---

<sup>44</sup> Este modelo se parece muito com o que no Brasil é conhecido como “república”, ou seja, jovens universitários/as vindos de outras cidades e/ou regiões do país que compartilham um imóvel geralmente localizado próximo à instituição de ensino, sujeitando-se à obediência de regras de comportamento e de convivência.

*Godllywood*, que vem a ser a junção das palavras *God* (Deus, em inglês) com a contração do nome Hollywood<sup>45</sup>, conforme a própria idealizadora explica:

Muitas pessoas vão ao Google e tentam traduzir [*Godllywood*] e não conseguem entender o porquê. Se você for traduzir ao pé da letra é um nome estranho, né? Mas de onde vem este nome? Por que ele foi escolhido?

*Godllywood* foi criado por causa de uma revolta ao ver o que Hollywood tem feito com nossa sociedade. Desde que eu me conheço como gente, Hollywood tem promovido todo tipo de promiscuidade, de coisas erradas, lançando moda que hoje se tornou comum. Por exemplo, foi Hollywood que incentivou as jovens a engravidarem sem casar; foi Hollywood que incentivou [casais] a morarem juntos sem casar; que incentivou as mulheres a não gostarem de ser mães; não gostarem de ficar em casa e educarem seus filhos. Foi Hollywood que incentivou as mulheres a se divorciarem – e os homens também.

Hollywood tem promovido o divórcio, a separação, a traição, as drogas... Tudo o que é ruim, tudo que não presta... a revolta, a rebeldia dos jovens contra os pais. Tudo que não presta Hollywood tem promovido através dos seus filmes e séries. Hoje não é somente Hollywood, nós temos o YouTube também, né? Vocês gostam de ficar assistindo os *youtubers*, que tem promovido as mesmas coisas que Hollywood: tudo o que não presta estas pessoas têm promovido (...). *Godllywood* tem como raiz [a palavra] *God*, que significa Deus. Então são os valores de Deus que estamos resgatando, os Seus princípios<sup>46</sup>

O objetivo do grupo era formar crianças, adolescentes e mulheres pautadas pela submissão por meio do resgate da figura bíblica da “mulher virtuosa” – que seria agradável aos olhos de Deus – descrita pelo profeta Salomão no Antigo Testamento:

<sup>10</sup> Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis.

<sup>11</sup> O coração do seu marido está nela confiado; assim ele não necessitará de despojo.

<sup>12</sup> Ela só lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida.

<sup>13</sup> Busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com suas mãos.

<sup>14</sup> Como o navio mercante, ela traz de longe o seu pão.

<sup>15</sup> Levanta-se, mesmo à noite, para dar de comer aos da casa, e distribuir a tarefa das servas.

<sup>16</sup> Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com o fruto de suas mãos.

<sup>17</sup> Cinge os seus lombos de força, e fortalece os seus braços.

<sup>18</sup> Vê que é boa a sua mercadoria; e a sua lâmpada não se apaga de noite.

<sup>19</sup> Estende as suas mãos ao fuso, e suas mãos pegam na roca.

<sup>20</sup> Abre a sua mão ao pobre, e estende as suas mãos ao necessitado.

<sup>21</sup> Não teme a neve na sua casa, porque toda a sua família está vestida de escarlata.

<sup>22</sup> Faz para si cobertas de tapeçaria; seu vestido é de seda e de púrpura.

<sup>23</sup> Seu marido é conhecido nas portas, e assenta-se entre os anciãos da terra.

<sup>45</sup> *Hollywood* é um distrito localizado na região central da cidade de Los Angeles, na Califórnia (Estados Unidos), reconhecido por abrigar grandes estúdios de produção cinematográfica.

<sup>46</sup> Para assistir: <https://www.youtube.com/watch?v=UMJf1yMgo94>

<sup>24</sup> Faz panos de linho fino e vende-os, e entrega cintos aos mercadores.

<sup>25</sup> A força e a honra são seu vestido, e se alegrará com o dia futuro.

<sup>26</sup> Abre a sua boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua.

<sup>27</sup> Está atenta ao andamento da casa, e não come o pão da preguiça.

<sup>28</sup> Levantam-se seus filhos e chamam-na bem-aventurada; seu marido também, e ele a louva.

<sup>29</sup> Muitas filhas têm procedido virtuosamente, mas tu és, de todas, a mais excelente!

<sup>30</sup> Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada.

<sup>31</sup> Dai-lhe do fruto das suas mãos, e deixe o seu próprio trabalho louvá-la nas portas (Provérbio 31, 10:31).

A amplitude da faixa etária se justifica, como a própria fundadora explica, para que as crianças e adolescentes não ficassem vulneráveis aos padrões e estilo de vida hollywoodiano. O grupo era dividido conforme a idade das participantes: o *Godllywood Girls*, subdividido entre as Lindas (meninas entre 6 e 10 anos) e as Queridas (11 e 14 anos); o *Sisterhood* é composto pelos subgrupos Dóceis (adolescentes entre 15 e 19 anos) e Graciosas (jovens entre 20 e 25 anos); e, por último o Mulher V para mulheres a partir dos 26 anos. Neste grupo as subdivisões são de acordo com o estado civil: Rutes (mulheres solteiras); Esters (mulheres casadas); Rebecas (noivas de pastor) e Déboras (esposas de pastor)<sup>47</sup>.

Para demonstrar seu envolvimento com o projeto, as participantes precisavam cumprir os “Desafios *Godllywood*” (ver Anexo 1), isto é, elas eram orientadas a escrever suas experiências em seu caderno pessoal, apresentá-las à sua *Big Sister*, publicá-las em um *blog* na página da igreja e, em seguida, postar fotos em formatos de *selfies* no Facebook para comprovar o cumprimento das tarefas propostas. Segundo afirma a fundadora do movimento, estes relatos ganharam tantas seguidoras nas comunidades de línguas portuguesa e hispânica que outras fiéis começaram a solicitar que o programa se estendesse aos templos da Universal em outras cidades e até outros países. A líder Cristiane entendeu estes pedidos como um “desejo de Deus” para seu o programa fosse ampliado (Cardoso, 2011).

---

<sup>47</sup> Os subgrupos da “Mulher V” recebem nomes bíblicos de mulheres que foram modelos de virtude e qualidade.



Em 2010, Cristiane Cardoso e seu marido retornaram ao Brasil. Ela com a missão de expandir este movimento, dando origem à marca *Godllywood*<sup>48</sup> em um sentido mais amplo. Em terras brasileiras, o grupo começou presencialmente apenas nas capitais e cidades de grande porte. Mas com os aparatos midiáticos em mãos, não demorou muito para que o formato digital fosse implementado, alcançando um público cada vez maior e mais diverso, chegando a pontos muito distantes dos grandes centros urbanos em todo o país. É um movimento que apresenta um crescimento de forma silenciosa e vem conquistando mais espaço e público, mesmo se opondo às conquistas obtidas pelo movimento feminista: a luta pela equidade de gênero; o reconhecimento da importância do trabalho reprodutivo; a presença necessária e valorosa que as mulheres vêm conquistando dentro da nossa sociedade.

Mesmo tendo encontrado aceitação do público feminino no Brasil, é importante destacar o estrangeirismo nos termos utilizados dentro do grupo. Para citar alguns exemplos: *Sister*, *Big Sister*, *Sisterhood*, *School* e o próprio nome da comunidade: *Godllywood*. No entanto, a maioria dos/das seguidores/as da Igreja Universal, desde a sua fundação em 1977, era composta por famílias que ganhavam até dois salários mínimos; 50% com o ensino fundamental incompleto e 85% já havia completo este primeiro ciclo básico de educação (Fernandes, 1998) e, conforme explicita Fernandes *et al.* (1998) em sua pesquisa, “(...) a Universal (destaca-se) com a maior porcentagem de pessoas mais pobres, menos educadas e de cor negra (p. 23). Considero importante destacar o quanto essas mulheres godllywoodianas são capazes de entender estas nomenclaturas em inglês e o significado de cada uma delas. E até mesmo se as seguidoras do grupo sabem onde fica e como são os padrões de vida hollywoodianos, cujo padrões *Godllywood* quer combater.

Para atrair um público feminino cada vez mais numeroso e sedento de proteção – espaço que o Estado não se faz presente, considerando os números alarmantes de violência contra a mulher e feminicídios em nosso país – desde 2016 o autodenominado “movimento” passou a se chamar “*Godllywood Autoajuda*” e deixou de ser um grupo fechado às fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. Tornou-se um grupamento aberto a todas as mulheres que precisam de apoio,

---

<sup>48</sup> *Godllywood* também tornou-se uma marca que vende diversos tipos de produtos como livros, DVDs, filmes, roupas e acessórios femininos que reforçam a construção do estereótipo da “Mulher Virtuosa”. Para conhecer: <https://arcacenter.com.br/godllywood>

independentemente de quem ela seja ou de onde ela venha, conforme explica o texto de abertura em sua homepage:

Godllywood Autoajuda: É disto que você precisa!  
Talvez você passe o dia equilibrando trabalho, estudos, saúde e família, enquanto enfrenta cobranças, medos, ingratidão e até rejeição.  
Tem dia que tudo que já está ruim parece ficar ainda pior, e tudo o que você mais quer é alguém com quem desabafar. Alguém que não só irá ouvir o que você tem a dizer, mas também lhe oferecerá o apoio de que precisa.  
Foi pensando em você que surgiu o Godllywood Autoajuda, uma reunião exclusiva para mulheres onde você aprende a enfrentar e superar seus desafios, tornando-se a melhor versão de si mesma. Não importa sua idade, origem ou crença — você será sempre bem-vinda! (Godllywood, 2024).

Na página FAQ<sup>49</sup> (*Frequently Answers & Questions*) do Godllywood, essa mudança estrutural no movimento se justifica por uma inspiração divina para que mais mulheres possam obter “a graça” de pertencer a este movimento – mas também que aquelas que já são integrantes sejam menos “dependentes” uma das outras:

Foi uma inovação inspirada por Deus para darmos tudo o que Ele tem nos dado a mais mulheres no mundo. Essa iniciativa estará também incentivando as mulheres que antes faziam parte do grupo fechado a se tornarem mais dependentes de Deus e menos dependentes uma das outras, pois terão que aprender a cobrar de si mesmas o melhor para Deus.

No mesmo FAQ, *Godllywood* é apresentado como um movimento de autoajuda e que qualquer mulher pode fazer parte independentemente de sua crença. Mas a interessada em participar precisará estar no mínimo disposta a seguir os valores apregoados pela IURD, uma vez que *Godllywood* não é um movimento ideológico, mas “que levanta a bandeira do Senhor”.

Não vemos isso como uma ideologia, pois não vem da cabeça de ninguém, senão da mente de Deus, da Sua Palavra. Hoje em dia, as pessoas dizem crer em Deus, mas não vivem essa santidade ao Senhor; suas vidas não condizem com essa crença. Quem faz parte do Movimento *Godllywood* pratica a Palavra de Deus, mesmo que isso lhe

---

<sup>49</sup> Para acessar: <https://www.universal.org/godllywood/perguntas-e-respostas/>

custe seus achismos, jeito de ser, personalidade, moda, fama, popularidade e até amizades.

Uma outra novidade trazida pelo Godllywood Autoajuda é que as mulheres que pertenciam ao modelo anterior e são fiéis da IURD passaram a não ter mais que justificar suas atitudes, seus comportamentos e suas formas de agir à suas *Sisters* – mulheres mais graduadas dentro da IURD (esposas ou noivas de pastor) que eram mentoras das fiéis *godllywoodianas*. No novo modelo apresentado, o mentor é o próprio Espírito Santo – além da *Big Sister* Cristiane Cardoso.

Quem tem o Espírito Santo já tem essa autocobrança; portanto, cada integrante saberá quem realmente é diante de Deus e poderá buscar a verdadeira independência espiritual, ou então enfraquecerá de vez. A única forma de não se acomodar espiritualmente é reconhecer que precisa se aperfeiçoar diariamente. Quem pensa que já chegou ao topo e não precisa mais mudar já se acomodou e, sem perceber, está indo ladeira abaixo.

No texto das citações acima é possível começar a conhecer o verdadeiro perfil da mentora Cristiane Cardoso e a forma como ela se coloca junto às suas seguidoras. Como será mostrado no decorrer deste capítulo, não são poucas as vezes em que ela se mostra ríspida e impaciente na forma de se relacionar com as mulheres que buscam em *Godllywood* o apoio, o reconhecimento, a força e a ajuda para recomeçar.

Assim como no Capítulo 2 eu me refiro à Igreja Universal do Reino de Deus como uma instituição “religiofágica” (Topel, 2011), ou seja, se apropria de elementos de outras religiões para ir construindo sua identidade e ir arrebanhando novos/as fiéis ao longo de sua trajetória, o mesmo parece acontecer com *Godllywood*, que agora é o *Godllywood* Autoajuda e que desde 2016 se apresenta como um movimento aberto a qualquer mulher que “precisa de alguém para desabafar” (*Godllywood*, 2024). É um posicionamento mais direcionado a mulheres que se sentem exaustas, solitárias, invalidadas e violentadas que precisam ser ouvidas e acolhidas, seja qual for sua faixa etária, sua classe social ou raça<sup>50</sup>.

Junto a estas mudanças conceituais e de perfil deste chamado movimento, alteram-se também as informações. Alguns dados que eu pesquisei nas páginas

---

<sup>50</sup> Para assistir: <https://www.youtube.com/watch?v=YlnWBHbBeU>

digitais sobre *Godllywood* no início da minha investigação, hoje já não estão mais disponíveis. Os *links* que remetiam às informações agora trazem outros dados ou simplesmente não abrem mais. A não ser pelas referências acadêmicas que já abordaram o tema, quando se procura nas mídias do próprio movimento informações antigas é como se elas jamais tivessem existido. Assim como a Igreja Universal do Reino de Deus, *Godllywood* também parece ser uma “obra aberta”, em contínuo processo de busca por uma identidade – ou quem sabe em um contínuo processo de busca por mais adeptos e adeptas em qualquer lugar, a qualquer hora e de qualquer forma.

#### **4.2. A fachada de *Godllywood*: submissão para agradar a Deus**

Para acompanhar o processo de construção da mulher *godllywoodiana*, considero ser necessário voltar no tempo em que o grupo era fechado a fiéis iurdianas e sobre os padrões de representação da sua líder máxima, Cristiane Cardoso. Nesse sentido, escolhi como primeiro objeto de análise o “Vídeo Institucional”, veiculado na mídia *YouTube* em 3 de novembro de 2015 pelo canal *Godllywood*<sup>51</sup>. Este vídeo, que tem sete minutos e um segundo, apresenta o movimento pela voz de sua fundadora, com a validação de sua co-fundadora estudunidense, a “esposa de bispo” Evelyn Higginbotham e o testemunhal de algumas mulheres iurdianas brasileiras, justificando os benefícios trazidos por *Godllywood* para suas vidas.

---

<sup>51</sup> Para assistir: [https://www.youtube.com/watch?v=b\\_RwDUF6nkc](https://www.youtube.com/watch?v=b_RwDUF6nkc)

Figura 5: Evelyn Higginbotham , co-fundadora de Godllywood



O vídeo começa ao som de uma música instrumental que convida à introspecção. A primeira imagem é a plateia vazia de uma sala de espetáculos luxuosa, representada pela prevalência das cores dourada e o vermelho das poltronas. O único movimento é de uma mulher caminhando em direção à câmera – que sugere ser o palco – com passos firmes, mãos unidas em frente ao corpo e a cabeça erguida: signos que representam a firmeza, a segurança e a estabilidade (emocional, inclusive); sentimentos que devem ser inerentes à mulher *godllywoodiana*.

A mulher que surge no vídeo é Cristiane Cardoso, fundadora e *Big Sister* de *Godllywood*. Ela veste roupas com cores sóbrias: uma calça de alfaiataria preta, um paletó branco sobre uma blusa de gola redonda na cor prata, aliando austeridade ao contemporâneo. Esta imagem (figura 6) me remeteu às palestras do *Godllywood* Autoajuda que participei. O momento em que ela entra no altar do Templo de Salomão e fica de costas para a sua plateia, num instante de concentração que também sugere – para quem crê – que ela estaria recebendo a “unção”, a bênção do Espírito Santo antes de começar a pregar. Ou melhor, a ministrar a palestra às suas seguidoras *godllywoodianas*.

Figura 6: Cristiane Cardoso caminhando em direção ao altar: abertura do vídeo institucional



O patriarcalismo, que está na concepção da IURD, não permite às mulheres ascender a cargos de lideranças como o pastorado ou o bispado. Mas sua presença marcante e sua liderança são inegáveis e apoiadas institucionalmente. Sobre a liderança pentecostal brasileira, Ari Pedro Oro (2003) afirma que o carisma dos líderes destas instituições pode ser institucional ou pessoal. O carisma institucional se caracteriza pelo encanto provocado pelo cargo. O carisma pessoal é inerente à pessoa que o possui e está ligada à sua própria capacidade excepcional de influenciar pessoas.

Oro (2003) reconhece em Cristiane Cardoso o carisma institucional. Além de ser “esposa de bispo” - e não qualquer bispo, mas de Renato Cardoso, considerado hoje o sucessor do Bispo Macedo – é, também, a filha primogênita do fundador e líder máximo da Universal. Permitindo o regulamento da Igreja Universal ou não, é inegável que a Big Sister ocupa uma posição de liderança dentro da instituição.

Na imagem seguinte (figura 7), Cristiane Cardoso deixa de lado o perfil “pastora” e assume a atuação da mulher executiva. Sentada em uma cadeira de couro vermelho em um cenário de tons neutros, usando uma maquiagem bem

discreta, ela discorre sobre a criação do grupo *Godllywood*, começando pelo desejo e os desafios de que o movimento fizesse a diferença na vida das mulheres – ainda que fosse apenas as da sua igreja naquele momento.

Figura 7: Cristiane assume um perfil de mulher executiva para explicar o início de Godllywood



Nos primeiros 25 segundos deste vídeo, Cristiane representa com seus movimentos gestuais, sua postura e sua forma de vestir o principal objetivo de *Godllywood* naquele momento que o vídeo foi produzido: “resgatar a essência feminina colocada por Deus em cada mulher”. Para atingir essa virtuosidade, o programa preconizava que a mulher deve obedecer a alguns princípios, tais como:

- Ser exemplar no falar e no comportamento;
- Ser discreta na sua aparência;
- Ser um exemplo positivo em sua casa, no seu trabalho e na escola;
- Ser corajosa e humilde para aceitar correção e mudar;
- Construir uma fé sólida em Deus;
- Sempre olhar o lado bom das pessoas (BARBOSA, 2021).

No parágrafo acima, quando eu escrevo que sobre o objetivo de *Godllywood* “naquele momento”, pretendo novamente chamar a atenção para a “religiofagia” do movimento. Em 2015, o discurso de aceitação da submissão para agradar a Deus era reforçado pela prédica religiosa de uma maneira mais direta e clara. Hoje, o movimento *Godllywood* Autoajuda, aberto a todo o público feminino, segue a mesma ideologia, mas com um posicionamento mais discreto e sublimado, conforme será mostrado ao longo desta pesquisa.

Esses cenários onde Cristiane aparece, pensados estrategicamente por uma equipe de profissionais de Comunicação, é chamado por Goffman (1985) de “região da fachada”.

O antropólogo afirma que “a representação de um indivíduo numa região de fachada pode ser vista como um esforço para dar a aparência de que sua atividade nessa região mantém e incorpora certos padrões” (p. 102). Quando se refere à fachada, Goffman (1985) explica que este conceito não se limita somente ao cenário, mas também ao que ele chama de “maneiras” (p. 103), ou seja, a própria “aparência” da atriz em cena será importante em relação ao decoro<sup>52</sup>. Nesse sentido, Cristiane se posiciona de forma segura e firme ao falar, demonstrando pela conhecimento e segurança sobre o tema que discorre. Ao afirmar que *Godllywood* “são valores do alto, valores de Deus” (2:17), ela o faz de uma forma que uma ouvinte menos cética pode realmente acreditar que tal como Moisés recebeu de Deus as tábuas com os Dez Mandamentos no Monte Sinai, Ele também entregou a Cristiane Cardoso o movimento *Godllywood* para a salvação do gênero feminino.

---

<sup>52</sup> Erving Goffman utiliza o termo “decoro” para expressar a forma como o ator/atriz se comporta quando está ao alcance visual ou auditivo da plateia, mas não empenhado em conversar com ela (p. 102).



Figura 8: Imagens das primeiras jovens e mulheres godllywoodianas em Houston



Figura 9: Godllywoodianas aprendendo a ser virtuosas: roupas e gestos femininos



Aos 50 segundos do vídeo, enquanto são apresentadas imagens das mulheres godllywoodianas sempre em poses e peças de roupa bastante femininas, como vestidos e saias. Ao fundo ouve-se a voz de Cristiane afirmando que “tudo

nesse grupo iria ajudá-las, incentivá-las a se valorizar”. A líder do grupo afirma que “as meninas, que antes se vestiam como um menino, que vestiam roupas indecentes, começaram a se vestir com mais descrição, ficaram mais femininas”. A *Big Sister* é sempre uma referência para as mulheres do grupo no modo de se vestir, de falar, de gesticular e até mesmo no corte do cabelo.

Um dos fatores que disciplinam estas mudanças é o conjunto de 81 tarefas que as seguidoras do grupo precisavam cumprir: os “Desafios *Godllywood*”. As interessadas em participar deveriam cumprir as metas impostas e anotar seus resultados em seus cadernos pessoais<sup>53</sup>. Posteriormente, eram incentivadas a publicarem o resultado obtido em seus perfis pessoais marcando o *Godllywood* nas redes sociais, com uma foto em formato *selfies*.

Os desafios são diferentes e temáticos de acordo com cada faixa etária. Alguns deles são:

Faça uma pesquisa o que é ser discreta e indiscreta, e o que a Bíblia fala a respeito. Escreva em seu caderno. [#desafiogodllywood65](#)

O que você vai fazer para exalar o perfume de Jesus essa semana? Escreva em seu caderno. [#desafiogodllywood71](#)

O que significa a palavra 'tolo' que o livro de Provérbios tanto fala a respeito. Não procure saber o que o Google diz a respeito, mas a Palavra de Deus. [#desafiogodllywood74](#)

Arrume seu armário e suas gavetas por cores. Se há muita coisa, veja o que você pode doar para não ficar com um armário apertado e desajeitado, difícil de organizar e achar qualquer coisa. [#desafiogodllywood75](#)

A sua casa reflete você, se ela não é bem cuidada, é porque por dentro você também não é. Faça uma faxina bem-feita em todos os cômodos de sua casa. [#desafiogodllywood76](#)

Quem ama cuida. Quem cuida quer dar o melhor para quem ama. Quem quer dar o melhor, aprende dar o melhor. Faça uma refeição bem caprichada para sua família ou as pessoas que moram com você. E caso você more sozinha, aproveite para convidar as amigas para essa refeição [#desafiogodllywood77](#)

---

<sup>53</sup> Cada participante deveria ter uma espécie de diário ou “caderno pessoal” para anotar suas evoluções pessoais desde que se ingressaram em *Godllywood*. Quem se interessasse podia adquirir seu “Caderno Pessoal *Godllywood*”, à venda no site de produtos da IURD, o Arca Center. Inclusive existe um link que direciona diretamente para os produtos oficiais do movimento. Para ver: [https://arcacenter.com.br/godllywood?srltid=AfmBOoogLgvSwbktFZiKJsU\\_pIdqukjbnS\\_SPL\\_EgeS1rxd1AiFzvu8](https://arcacenter.com.br/godllywood?srltid=AfmBOoogLgvSwbktFZiKJsU_pIdqukjbnS_SPL_EgeS1rxd1AiFzvu8)

Você não precisa ser uma cabeleireira para ser criativa com o seu cabelo. Faça algo novo hoje, prenda, enrole, amarre, escove, faça uma trança ou um coque, mas faça para glorificar a Deus e não para competir com ninguém. [#desafiogodllywood78](#)

A feminilidade não está só na sua forma de falar ou se comportar, mas também em como você se veste. A saia ou o vestido, que muitas das vezes é associada à mulheres fúteis ou mimadas, é uma das vestimentas mais femininas e discretas quando usada de forma apropriada. Sem transparência, sem decotes fundos, sem marcação, use um vestido ou uma saia essa semana para o [#desafiogodllywood79](#)

Nossos relacionamentos refletem nosso relacionamento com Deus. Mesmo que um não mereça, faça a sua parte neste relacionamento com Deus tem feito com você. Agrade a sua mãe. [#desafiogodllywood80](#)<sup>54</sup>

Ao longo do vídeo, seis mulheres – sendo uma delas uma criança – testemunham os benefícios promovidos pelo *Godllywood* em suas vidas. Pude perceber que para cada história de vida narrada havia um desafio que se encaixava perfeitamente no problema daquela mulher. Para citar um exemplo, Maria Rodrigues da Silva afirma:

(1:56) Eu tive realmente uma transformação através do T-Amar, porque ali elas foram me orientando, e cada orientação eu pegava e colocava aquilo dentro de mim.

(2:10) Eu vou ser assim, eu vou ser melhor, eu vou ser uma mãe melhor para os meus filhos, eu vou ser uma mulher melhor, eu vou me valorizar.

---

<sup>54</sup> Para conhecer outros: <https://www.instagram.com/p/B39T-5dB5em/>

Figura 10: Maria, dificuldade com a criação dos filhos



Maria é mulher branca, na faixa etária dos 30 anos, mãe solteira e em relacionamento conflituoso com os filhos. Dentro de *Godllywood*, ela faz parte do projeto T-Amar<sup>55</sup> (lê-se Tamar), que acolhe mães em dificuldade de relacionamento com os filhos. Esta declaração pode ser uma resposta ao “Desafio *Godllywood* 63”: “Em que você poderia ser melhor? Por quê? Como? Escreva em seu caderno. #desafiogodllywood63”.

Outra a dar seu testemunho é a Vanessa Antonelle, uma mulher branca, na faixa etária dos 40 anos, vítima de violência física e psicológica do marido ciumento.

- (4:01) O que eu recebi nesses aconselhamentos foi força, foi uma palavra de força que eu poderia assumir o controle da minha vida,
- (4:10) fui tratada com respeito, como a mulher que eu era, não como, de acordo com a situação que eu estava vivendo.
- (4:17) Então isso fez toda a diferença para mim.

<sup>55</sup> Tamar, como também se pronuncia o nome do projeto, é uma personagem bíblica que ficou viúva de vários irmãos de uma mesma família e acabou engravidando do sogro para garantir a descendência. O mérito dela é sua história de coragem e de justiça.

Vanessa faz parte do Raabe<sup>56</sup>, projeto multidisciplinar dentro de *Godllywood* que recebe as mulheres vítimas de abuso e qualquer outro tipo de violência. Ela narra em sua declaração no vídeo que foi acolhida com respeito pelo grupo. Mas Vanessa é uma mulher *godllywoodiana* e, como tal, quer ser agradável a Deus. Para isto ela precisa cumprir a lista de desafios em ordem crescente. Isto é, as mulheres – inclusive aquelas vítimas de violência doméstica - precisam passar por tarefas como a de número 16 “Ore por alguém que você evita até falar o nome. Isto vai lhe ajudar a eliminar mágoas que só fazem mal a você mesma. Escreva o nome ou os nomes dessas pessoas no seu caderno”. A de número 19 “Passe tempo com sua família, mesmo se ela não mereça”. Mas o desafio de número 20 seja um dos mais complexos – porque não dizer devastador – para as mulheres agredidas: **“Perdoe a si mesma e a quem te magoou para que Deus te perdoe também”**.

A primeira ação dessa frase já coloca na mulher violentada a culpa. Pois, para se perdoar ela precisa ser culpada de alguma coisa. Em seguida, o desafio orienta a vítima a perdoar quem a magoou, ou seja: absolver seu agressor. Só assim ela estará mais próxima de ser uma mulher que agrada a Deus. Em outras palavras: ser feliz. Analisando este fato à luz da representação do gênero como categoria central de análise é como se uma pessoa torturada tivesse que pedir desculpas ao seu torturador.

Ao refletir sobre o cumprimento destes desafios é preciso ressaltar que no Brasil, uma mulher morre a cada seis horas vítima de feminicídio e um estupro é registrado a cada seis minutos, de acordo com os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FNSP, 2024). Rezar pelo agressor, desfrutar de tempo ao seu lado e perdoá-lo para reatar seu relacionamento afetivo e tentar construir uma família feliz pode, na verdade, fazer com que esta mulher aumente o número das estatísticas.

---

<sup>56</sup> Raabe também é uma personagem bíblica do Antigo Testamento. Prostituta cuja vida inspira fé e coragem devido à sua confiança e obediência a Deus.

Figura 11: Vanessa, perdão para enfrentar a violência doméstica



Todos os testemunhais apresentam relatos bastante marcantes de vidas femininas. Dentre eles, sobressai a declaração da menina Adrielle Rezende, uma criança branca na faixa etária de 10 anos. A fala da criança surge em meio a imagens nas quais ela faz os serviços domésticos com utensílios de brinquedos simulando os reais. Ela “brinca” de servir a mesa, arrumar a cama, passar a roupa etc.): “(1:43) A gente aprende a ser obediente, ela ensina a gente a cuidar da nossa casa, a ajudar nossa mãe e nosso pai, a conhecer mais a Deus”.

A menina é aluna da *Godllywood School*, um lugar preparado para educar meninas, conforme descreve Cristiane Cardoso:

- (6:02) Godllywood School é onde as matérias seriam sobre valores, sobre casa, sobre feminilidade,
- (6:12) sobre saúde, respeito, namorado, tudo o que elas não aprendem em uma escola.
- (6:20) O que elas aprendem na escola normalmente é matemática, esses assuntos...
- (6:23) e muitas coisas erradas sobre relacionamento, sobre família, sobre mãe, ser delicada.
- (6:28) Tudo isso elas estão aprendendo no Godllywood School.



Figura 12: Godllywood School naturaliza o cuidado como trabalho feminino





A representação desta criança de 10 anos no vídeo com a definição da *Godllywood School* por Cristiane Cardoso novamente me leva a questionar a condição de gênero como categoria de análise. A declaração da criança e as imagens apresentadas no vídeo reforçam o trabalho doméstico de limpeza e do cuidado como tarefas essencialmente femininas. Mais que isso, a líder do movimento afirma que as meninas aprendem “sobre família, sobre ser mãe, ser delicada”. Entendo que construir uma família e ser mãe não são as principais atribuições de uma mulher e tampouco a maternidade é o desejo de toda mulher. O *Godllywood School* mostra que a formação da “mulher virtuosa” começa a ser construída desde a infância, mas crianças não tem agência para representar estes papéis.

*Godllywood* normatiza e valida por meios dos mais modernos recursos tecnológicos e aparatos midiáticos a representação de uma mulher do final do século XIX até o início dos anos 60. Isto é, uma mulher da era vitoriana, marcada por uma sociedade patriarcal onde a base é a família e à mulher cabe a responsabilidade de zelar por ela. A representação feminina é a da doçura e da delicadeza, o “anjo do lar” e como tal sua sexualidade é reprimida e seus desejos não importam. Antes de qualquer necessidade ou vontade próprias, estão as prioridades do cuidado: com o marido, com os filhos e as filhas, os familiares e com o lar. Na contramão das conquistas pela equidade de gênero, este trabalho é



colocado como se fosse o mais importante que a mulher poderia almejar e conquistar: o trabalho reprodutivo, não-remunerado. Para *Godllywood*, a mulher pode – e até é sugestionada a estar no mercado de trabalho – mas este espaço não pode ter um papel mais relevante do que o seu papel reprodutivo. Os valores *godllywoodianos* resgatam os mesmos ideais apresentados no século XIX como a libertação feminina: o casamento, a maternidade e a constituição da família. Valores que apenas corroboram a divisão sexual do trabalho.

Carole Pateman (1993) define o casamento como um “contrato sexual” por meio do qual mulheres têm seu papel de trabalhadora ocultado. Por meio deste contrato chamado casamento, elas se limitam a ser mães, esposas, filhas e viúvas. Por outro lado, este contrato dá aos homens o livre acesso sobre o corpo das mulheres e dos/as seus/uas filhos/as; ao trabalho delas e dos seus descendentes. Nesta instituição chamada “casamento”, a mulher se torna o meio de reprodução para o homem, uma propriedade que ele pode ocupar e bem usar de acordo com sua vontade e necessidades. Ocultando a opressão feminina e sua desigualdade de gênero, o casamento passou a ser apresentado para as mulheres das classes sociais mais favorecidas economicamente desde o século XIX como uma “grande oportunidade”.

Assinar este “contrato sexual” era a garantia de ócio, de conforto e de proteção e não da libertação feminina. McClintock (1995) afirma que o casamento se tornou a “grande ideia do século XIX” como uma narrativa vitoriana do progresso e da família humana heterossexual, mas era uma instituição fundamental para sustentar as alianças exigidas pelo sistema capitalista e ajudar a reforçar a assimetria de gênero. Para Pateman (1993, p. 80), na verdade, “todas são ‘servas’ de um tipo especial na sociedade civil, isto é, ‘esposas’”. O casamento, além de valorizar o domínio doméstico, tornando invisível o trabalho das mulheres e negando seu valor econômico, naquele momento também moldava a “nova família burguesa” na qual o marido tornou-se o representante do Estado, encarregado de “disciplinar as classes subordinadas”, categoria que inclui a mulher e os filhos (Federici, 2017).

Obviamente, a relação entre patrão e empregado é encarada como sendo civil, como um contrato ou um acordo puro. Mas o casamento necessariamente difere de outras relações contratuais porque participam

do contrato um “indivíduo” e um subordinado natural, e não dois “indivíduos”. Além disso, quando o estado natural é abandonado, o significado de sociedade “civil” não é atribuído independentemente, mas sim, em contraposição à esfera “privada”, na qual o casamento é uma relação essencial” (Pateman, 1993: 87).

Segundo Fonseca (1995), o ideal de “família moderna” começou a surgir no final do século XVII caracterizando pelo amor romântico, o ideal do “lar doce lar” contra as pressões do mundo, a importância da mulher no papel de mãe como a melhor socializadora dos filhos. Esta antropóloga enxerga nesta construção a mão do Estado controlando e disciplinando os sujeitos. “A família torna-se a ‘arma’ para o Estado à medida que esse modelo nuclear, especialmente nas classes de baixa renda, ajuda a evitar crianças abandonadas, confraria de trabalhadores e estimula a cidadania” (Fonseca, 1995, p. 83). E não apenas o Estado, mas a Igreja – outra potente instituição – contribui fortemente na estruturação desse modelo nuclear da família sem que para isto precisasse se embasar em leis formais – ela utiliza apenas as normas arraigadas no sistema de valores das quais era impossível se esquivar. Aspectos que o retrocesso de *Godllywood* parece resgatar agora por meio do acesso aos mais diversos e potentes artifícios midiáticos e do saber, do controle e do domínio sobre eles.

Na visão de Bourdieu (2008), a família desempenha um papel fundamental na manutenção da ordem social e na reprodução não só biológica como também da estrutura do espaço social e das relações sociais. Sendo uma construção jurídico-política, a família é resultado do privado se tornando um negócio público. “[...] Uma história social do processo de institucionalização estatal da família mostraria que a oposição entre o público e o privado mascara a que ponto o público está presente no privado, no próprio sentido de *privacy*” (Bourdieu, 2008: 135). Mais que “criar” o modelo nuclear de família, foi estabelecido também o modo de existência da “vida em família”, demonstrado por artifícios simbólicos que estimulam a construção do afeto, dos sentimentos de integração e pertencimento, que transformam a obrigação de amar em “espírito de família”. E se amar é cuidar, coube à mulher, no desempenho da sua função de cuidadora, a incumbência de estimular essa relação (Bourdieu, 2008). Ao homem cabia o papel de criador, descobridor, defensor e provedor. À mulher, o de cuidadora, preservadora, veículo e salvaguarda da tradição. Retirada do trabalho produtivo, a principal função da

mulher de classe média passou a ser o cuidado (McClintock, 1995). Todas essas mudanças redefiniram a posição das mulheres em relação aos homens e à sociedade abrindo espaço para a criação do papel de “dona de casa” em tempo integral.

No auge do período pré-industrialização, a família “moderna” – leia-se classe média – centrada no trabalho reprodutivo e não-remunerado da dona de casa em tempo integral, se generalizou, inclusive entre as classes menos abastadas. Fortaleceu-se ainda mais a divisão do espaço público ocupado pelo que Nancy Armstrong chamou de “homem econômico” e o espaço privado ocupado pela “mulher doméstica” (McClintock, 1995, p. 241 apud Armstrong, 1987). “Submetidas à lógica da produção capitalista, a família e o trabalho separam-se como atividades humanas no tempo (a jornada de trabalho) e no espaço (a fábrica)” (Gama, 2014, p. 41).

A demarcação de fronteiras e a delimitação de regras entre o espaço público e o privado passaram a disciplinar todos os aspectos da vida cotidiana. O culto da domesticidade foi responsável por agregar um grupo de pessoas formando uma classe média com normas e valores bem definidos como a monogamia, a classificação, a quantificação, a ordem e a acumulação do capital visando à expansão comercial. O relógio passou a regular a vida do lar fazendo com que a comida fosse servida em horários definidos, seguindo uma sequência ordenada de pratos; o espaço doméstico tornasse disciplinado pela arrumação e pelo ordenamento dos móveis e dos ornamentos; o tempo passou a definir a rotina das crianças e de trabalho dos empregados (McClintock, 1995).

Enquanto os homens se firmavam cada vez mais no espaço público, o ócio – disfarçado de trabalho doméstico – deveria ser a atividade das mulheres dentro de casa. Ao homem cabia o papel de provedor e defensor da família. À mulher era destinada a função de preservadora da família e salvaguarda da tradição. Em outras palavras, entendo que à esposa estava reservada a responsabilidade de resguardar a reputação da família. E o que ela precisaria fazer para cumprir sua missão? Dedicar-se ao trabalho árduo, pesado e sujo de manter em dia a limpeza da casa, do bem-estar da família e a tranquilidade do lar ocultando qualquer forma de cansaço, de tristeza ou de infelicidade. Ao contrário, a mulher deveria mostrar-se sempre bem-disposta e limpa, tranquila e feliz para refletir a felicidade da família – mesmo sem ter voz. Era o homem que ditava as regras. E elas deveriam ser cumpridas sem qualquer objeção.

Uma dona de casa fresca e bonita à cabeceira da mesa negava as horas de trabalho ansiosas e suadas – cozinhar, limpar e polir – mesmo com a ajuda de uma criada com excesso de trabalho. O dilema dessas mulheres era que quanto mais convincente fosse sua performance do trabalho do lazer, maior seria o seu prestígio (McClintock, 1995: 244).

Figura 13: Crianças da Godllywood School: lições de tarefas domésticas



Figura 14: Meninas da Godllywood School aprendendo a se comportar e a se vestir



Figura 15: Jovens modernas à moda antiga



Figura 16: Lições de boas maneiras: delicadeza



Esta figura feminina que está sendo retratada é o mais perfeito exemplar da mulher vitoriana do período pós-revolução industrial, do século XIX até a metade

do século XX. A ressignificação dos corpos e ideais femininos sugerida por *Godllywood* aponta não apenas um retrocesso no esforço pela equidade de gênero, mas também contribui para validar a influência e a penetração dos dispositivos midiáticos, provando que o meio é capaz de mudar o comportamento coletivo através de instituições sociais – neste caso, religiosa – e da maneira como é transmitida a herança cultural de reforço à diferença sexual de trabalho: o espaço doméstico e não reconhecido do cuidado continua sendo romantizado como uma função essencialmente feminina.

#### 4.3. Ternura e a suavidade em prova: um outro lado da *Big Sister*

Além de uma vestimenta sóbria, cabelos bem cuidados e uma maquiagem e unhas de cores suaves, no vídeo institucional, Cristiane Cardoso tem um tom de voz tranquilo e suave. Como uma grande líder de *Godllywood*, ela precisa representar o exemplo da mulher que ela preconiza: uma mulher que aceita todas as condições de submissão em nome da felicidade e bem-estar do marido, da família e da vontade de Deus, segundo o discurso *godllywoodiano* da Igreja Universal. As mulheres que também aparecem neste vídeo dando seus testemunhais demonstram seguir os mesmos padrões de se vestir e se comportar de Dona Cris: se vestem sobriamente e são delicadas e tranquilas ao falar. Mesmo narrando suas histórias de vidas duras, que seus olhos, “janelas da alma”, não conseguem esconder. Aceitar as condições propostas por *Godllywood* parece ser para elas o caminho possível para encontrar dignidade e condições de sobrevivência. E para isto elas fazem o que for necessário.

Neste vídeo institucional, de acordo com os conceitos sociológicos de Erving Goffman, todas elas estariam ali numa condição de atrizes representando papéis num espaço denominado “região da fachada” de *Godllywood*, onde tudo foi especialmente preparado para agradar a plateia. Esta representação visa “exemplificar os valores oficialmente reconhecidos da sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (1985, p. 41). Mas pensar na encenação como uma extensão da realidade de vida do/a ator/atriz pode ser uma concepção limitada e ofuscar diferenças importantes entre a representação e a seu modo de viver no dia a dia, de acordo com Goffman (1985).

Em um outro vídeo, também disponível no Canal *Godllywood*, Cristiane Cardoso parece mostrar sua face menos *godllywoodiana*. O vídeo intitulado “Perguntas sobre o movimento *Godllywood*”<sup>57</sup> parece mostrar um outro lado da dedicada, doce, submissa e modelo de mulher que agrada a Deus. O filme veiculado no *YouTube* em 04 de fevereiro de 2020 tem nove minutos e trinta e um segundos e retrata uma representação completamente diferente daquela interpretada no primeiro. Tendo sido publicado em um canal de mídia público e com o consentimento da instituição, este vídeo também precisa ser considerado, segundo os conceitos *goffmanianos* de “área de fachada”. No entanto, esta fachada poderia facilmente ser exemplificada com o que Goffman afirma ser o “*backstage*”, ou seja, os bastidores do espetáculo. Neste segundo vídeo, “atriz” parece deixar de representar a personagem de líder do movimento *Godllywood*, da “mulher virtuosa” para ser ela mesma.

Mas como estudiosos/as da vida social, estamos menos preparados/as para levar em conta que mesmo as plateias simpáticas podem ser momentaneamente perturbadas, chocadas e enfraquecidas na sua confiança pela descoberta de uma discrepância insignificante nas impressões que lhes são apresentadas (Goffman, 2012, p. 54).

No primeiro vídeo, tudo foi pensado, produzido e assegurado de que todas as técnicas disponíveis foram empregadas e que a equipe cuidou de selecionar as seguidoras mais leais e disciplinadas para dar veracidade ao que estava sendo informado e representado (Goffman, 2012, p. 219). Todas as “atrizes” estão bem vestidas e maquiadas, falam com elegância, demonstram serenidade e realização, especialmente a *Big Sister*, fonte de toda a inspiração para elas e para todas as seguidoras do movimento. No segundo filme, porém, toda esta fachada se mostra de uma forma menos agradável à plateia. Sem qualquer produção estética e profissionalmente preparada, Cristiane Cardoso surge em uma gravação aparentemente amadora, onde ela mesma parece controlar a câmera de um celular. Longe do palco e/ou altar, ela parece estar em um ambiente doméstico. Os cabelos estão presos apenas por um grampo no alto da cabeça. A quase ausência de maquiagem deixa transparecer um aspecto de cansaço e de impaciência. Seu

---

<sup>57</sup> Para assistir: <https://www.youtube.com/watch?v=UMJf1yMgo94&t=105s>

vestuário, sempre tão clássico e discreto, é substituído por uma camiseta cinza com lantejoulas prateadas e douradas que indica já estar bastante usada e desgastada, especialmente em sua gola. A líder *godllywoodiana* inicia a gravação sem fazer qualquer tipo saudação à plateia, nem mesmo religiosa:

(0:00) Bom, nós vamos responder, eu vou responder algumas perguntas de vocês aqui, e para ajudar porque são muitas perguntas que vocês têm enviado.

(0:15) Então, eu vou responder algumas aqui.

(0:18) Bom, começando com a pergunta da Stephanie.

(0:22) A Stephanie quer saber que grupo é esse.

Apesar dessas características que fazem o vídeo parecer estar em uma “área de *backstage*”, de bastidor, a líder *godllywoodiana* começa a gravação tentando representar no tom de voz e na maneira de falar o padrão de gênero *godllywoodiana*: a submissão.

Figura 17: Cristiane Cardoso: o outro lado da líder *godllywoodiana*



Cristiane parece estar em seu ambiente doméstico quando faz a gravação para responder perguntas das suas seguidoras. Sendo assim, a forma de se



apresentar, poderia até não causar grande espanto para a maioria das mulheres acostumadas à rotina do trabalho doméstico. O que merece ser destacado é a forma como ela se apresenta às suas seguidoras. No início, ela tenta se comportar com a serenidade, a docilidade e a subserviência esperada de um *godllywoodiana*. Mas bem antes da metade do vídeo, Cristiane Cardoso começa a se mostrar impaciente, dura e descortês com suas seguidoras – e até com aquelas que poderiam vir a ser. A líder responde às perguntas como se as dúvidas fossem insignificantes, desnecessárias e feitas por mulheres pouco interessadas em pesquisar, em ler e saber mais sobre tudo o que estava sendo colocado.

(4:44) Eu gostaria de responder aquelas também que gostariam de entrar no movimento Godllywood, participar do Godllywood.

(4:53) Vamos de novo aqui falar sobre esse assunto.

(4:56) Primeiro, eu queria dizer que isso já foi falado, essa pergunta já foi respondida “N” vezes nas outras lives, mas porque muitas não gostam de ir lá assistir, não gostam de procurar saber, então ficam perdidas.

(5:12) Então, é como você receber um equipamento e você tem que aprender a usar esse equipamento, mas você não quer aprender, você quer que alguém ensine você.

(5:27) É isso que muitas de vocês fazem quando chegam aqui no Godllywood YouTube.

(5:31) Querem todas as respostas escritas, direcionadas a vocês, mas estão todas as respostas disponíveis a vocês lá nas perguntas e respostas, lá no menu do perfil, tem lá, tem as lives no IGTV que a gente já fez, todas elas, todas que explicam, tem lá o título, como participar do Godllywood YouTube.

(5:54) Mas você tem que querer aprender, porque se você quer uma resposta diretamente para você, que alguém venha responder a sua pergunta diretamente a você, você vai ficar esperando, porque muita gente pergunta, e perguntas mais relevantes, porque nós não respondemos.

Figura 18: A impaciência de Cristiane na forma de olhar e pelo movimento corporal: beliscões



Diferentemente da sua representação no vídeo institucional, nesse segundo filme Cristiane Cardoso parece demonstrar mais a sua personalidade do dia a dia, colocando-se mais à vontade em frente à câmera. Bem antes da metade da filmagem, sua voz e seus gestos corporais passam a demonstrar um lado rude, impaciente e imperativo com quem tem dúvidas sobre o movimento – mesmo sendo um momento de perguntas e respostas sobre *Godllywood* – fazendo uso inclusive do deboche, marcado pela mudança para a cor preta e branca da imagem e do uso da expressão popular “só que não”<sup>58</sup>:

(6:18) Mas eu vou, mais uma vez, pacientemente – *só que não* – dar para vocês a dica de como participar do movimento *Godllywood* *YouTube*.

E a impaciência vai dando espaço à falta de polidez quando suas orientações e regras são contrariadas, sinalizando que a sua vontade precisa prevalecer sem discussão:

(8:04) Então, são os desafios que podem ser feitos a qualquer hora, a qualquer época da sua vida, estão todos lá, ok? Vai lá,

<sup>58</sup> O uso da expressão popular “só que não” significa que o sentido é o contrário do que está sendo dito.

@desafiosGodllywood. “Ah, mas eu quero fazer as tarefas como ofertas, depois que você fizer os desafios *Godllywood*”, (8:28) “ah, mas eu quero, mas eu quero”... Então, mas se você quer, você faz o que você quer, eu estou falando para você como que o movimento funciona, se você não quer fazer parte do movimento, se você não quer disciplina, se você não quer começar a fazer as coisas certinhas, então faz o que você quiser, sabe, a gente não tem como impedir você.

Assim como acontece no final dos encontros de autoajuda, Cristiane Cardoso aproveita a mídia e o contato com suas seguidoras para efetuar a venda de algum produto vendido pela IURD. Nesta gravação especificamente, depois de mitigar as dúvidas sobre seu movimento, ela sugere a leitura do livro de sua autoria “A Mulher V – Moderna à moda antiga”<sup>59</sup>. Este livro que, como o próprio nome sugere, é uma espécie de roteiro para ser uma mulher “agradável à Deus” e sua leitura é uma das tarefas sugeridas por *Godllywood* para o caminho da santidade.

(8:48) Se você quer a nossa ajuda, então faça os desafios e depois você vai lá e começa as tarefas que eu estou falando para você, como ofertas, que são tarefas que demoram três meses. Então você tem três meses para fazer essas tarefas, por exemplo, uma das tarefas é ler o livro “A Mulher V”. Então você tem três meses para ler esse livro, tá.

No capítulo 17 do livro, intitulado “Ela é doce”, Cristiane cita Provérbios 31:26 “fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua” para dissertar sobre a importância da doçura e da gentileza de uma mulher para o sucesso de sua família, de sua casa e seu próprio: “A mulher V é sábia, mas sua sabedoria não faz ninguém se sentir mal, pois ela é também gentil” (Cardoso, 2011, s/n). No entanto, neste segundo vídeo, ela parece contrariar seu ensinamento: “(...) a NÃO ‘Mulher V’ fala tolices, e por isso fala com aspereza; ela é amarga (Cardoso, 2011, s/n).

---

<sup>59</sup> A primeira edição do livro “A mulher V – Moderna à moda antiga” foi publicada em 2011.

#### 4.4. Mulheres submissas à moda antiga: agência para decidir

“Quer aprender a ser uma mulher moderna à moda antiga? Participe do *Godllywood*”<sup>60</sup>. A escolha deste vídeo publicado em 24 de maio de 2024 se justifica para mostrar o crescimento deste movimento no Brasil. Com a duração de 49 segundos, a peça é um convite para a reunião que aconteceu em 24 de fevereiro daquele ano. O que chama a atenção é que o convite vem de um grupo de *godllywoodianas* de Presidente Tancredo Neves, uma cidade com cerca de 30 mil habitantes, segundo o IBGE (2024), localizada a 257 quilômetros da capital, Salvador.

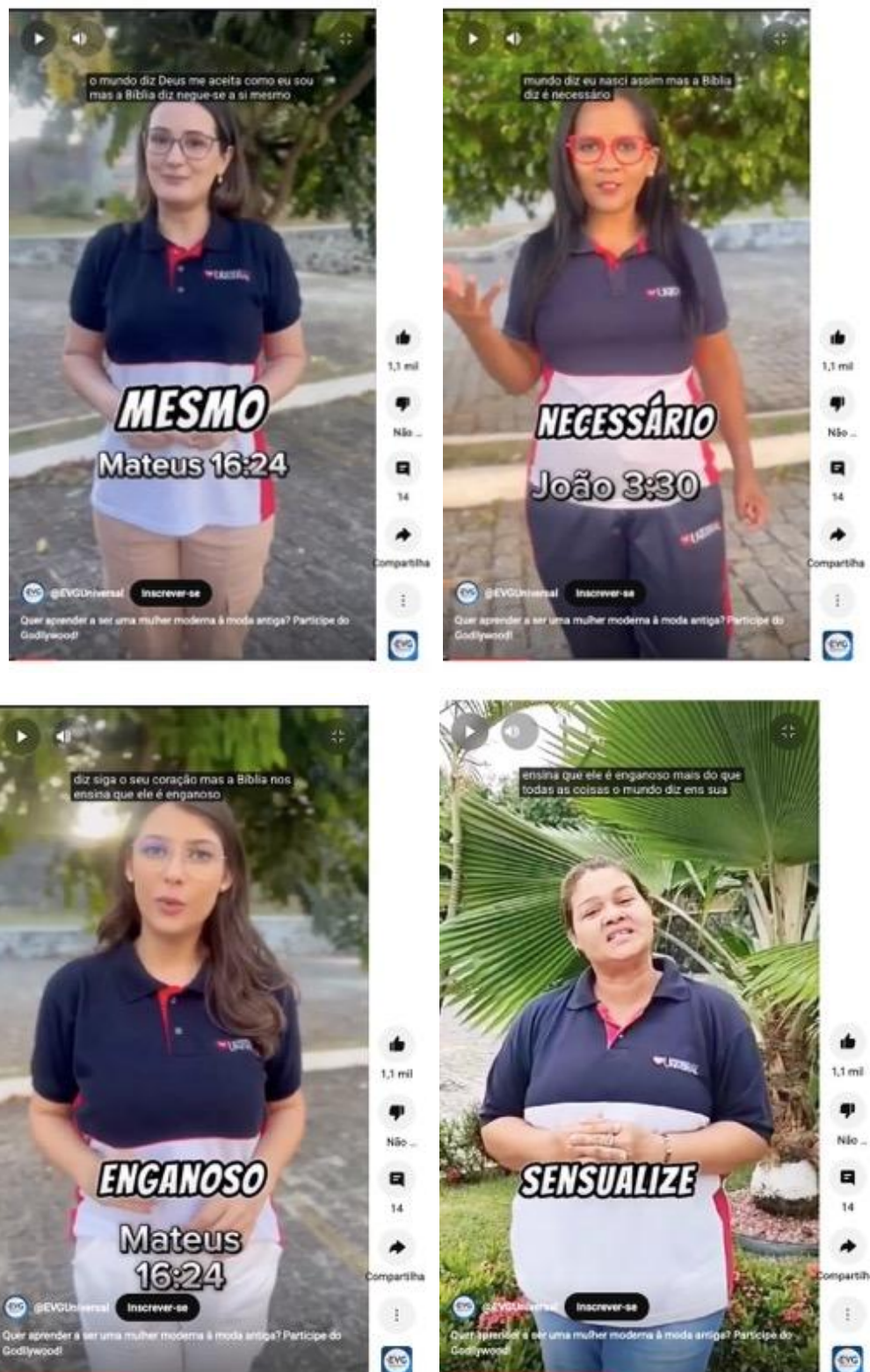
As transmissões virtuais mostram o Templo de Salomão, em São Paulo, recebendo cerca de 10 mil<sup>61</sup> mulheres a cada bimestre. Nas reuniões em que eu estive presente no Rio de Janeiro, pude acompanhar os templos também lotados. Com a análise este vídeo, gravado nessa cidade do interior baiano – que possivelmente a maioria da população brasileira nunca ouviu falar – quero destacar a extensão deste movimento.

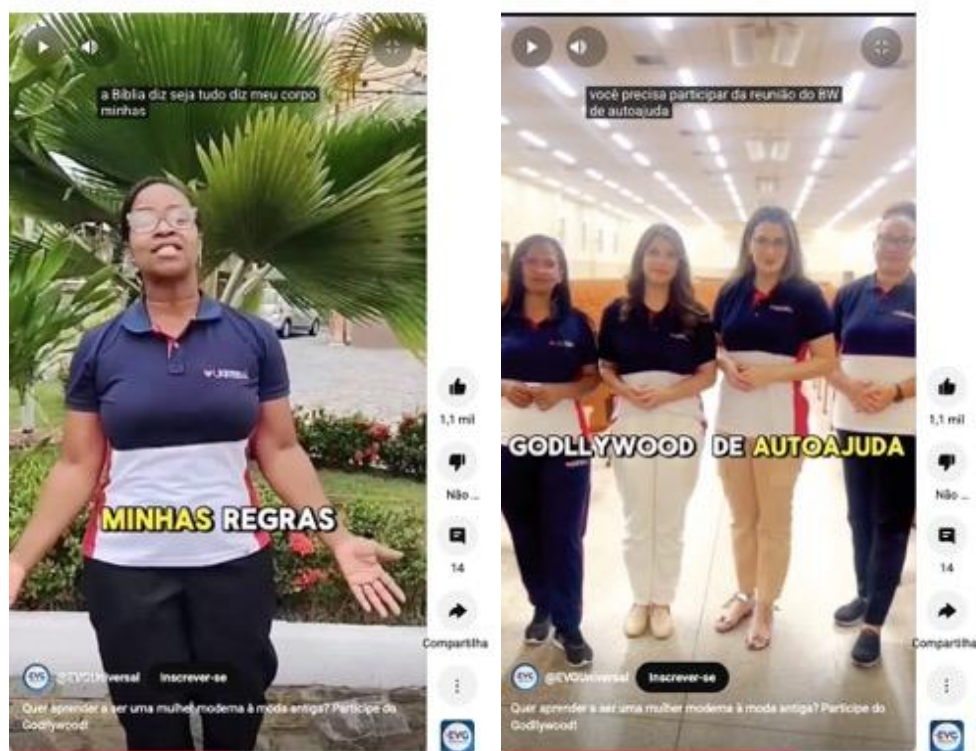
---

<sup>60</sup> Para assistir: <https://www.youtube.com/shorts/xCL5WRAC5uo>

<sup>61</sup> Capacidade de público no espaço onde são realizadas as reuniões de Godllywood

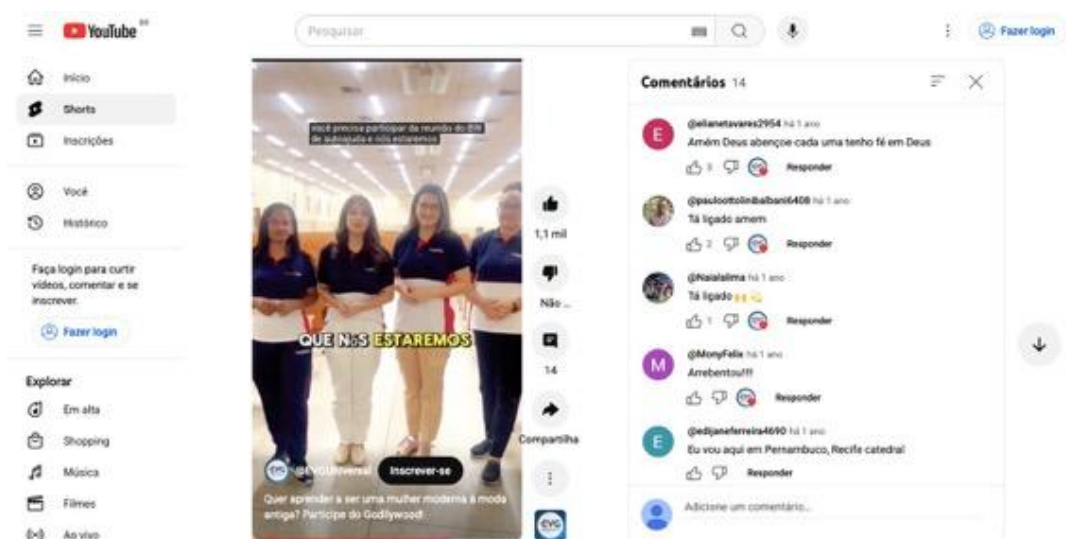
Figura 19: Godllywoodianas de Presidente Tancredo Neves convidam para a reunião



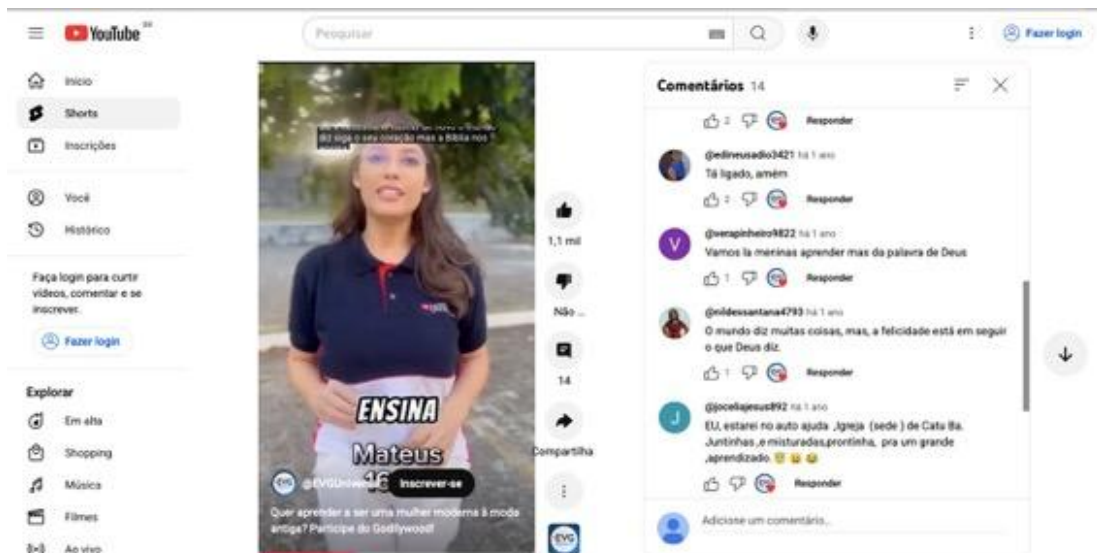


Segundo os dados do Canal *Godllywood*, 1.100 pessoas clicaram no ícone do polegar apontando para cima, sinalizando que gostaram do conteúdo do vídeo. Ninguém fez a notificação de não ter gostado e 14 pessoas fizeram comentários positivos:

Figura 20: Todos os comentários foram positivos: conteúdo aprovado







“Amém Deus abençoe cada uma tenho fé em Deus”<sup>62</sup>.  
 “Eu vou aqui em Pernambuco, Recife catedral”  
 “Vamos lá meninas aprender mas da palavra de Deus”  
 “O mundo diz muitas coisas, mas, a felicidade está em seguir o que Deus diz”.  
 “EU, estarei no auto ajuda. Igreja (sede) de Catu Ba. Juntinhas, e misturadas, prontinha, para um grande, aprendizado”.

As “atrizes” que aparecem no vídeo contrapõem uma frase secular com um versículo bíblico sugerindo que *Godllywood* é o melhor caminho para se tornar uma “mulher virtuosa”, agradável a Deus.

00:00.70 [Atriz 1]  
 O mundo diz: Deus me aceita como eu sou.  
 Mas a Bíblia diz: negue-se a si mesmo.  
 00:05.94 [Atriz 2]  
 O mundo diz: eu nasci assim.  
 Mas a Bíblia diz: é necessário nascer de novo.  
 00:12.16 [Atriz 3]  
 O mundo diz: siga o seu coração.  
 Mas a Bíblia nos ensina que ele é enganoso mais do que todas as coisas.  
 00:20.48 [Atriz 4]  
 O mundo diz: sensualize.  
 Mas a Bíblia diz: seja modesto.  
 00:26.03 [Atriz 5]  
 O mundo diz: meu corpo, minhas regras.  
 Mas a Bíblia diz que eu sou feita com o Espírito Santo.

<sup>62</sup> A grafia dos comentários foi mantida conforme publicado no canal.

É sabido que a Bíblia é um conjunto de livros complexos e a sua interpretação pode permitir leituras de acordo com as mais diferentes denominações religiosas e das variadas culturas – ainda mais se for considerado o período no qual eles foram escritos. Fosse este um estudo teológico talvez coubesse analisar como cada versículo pode estar colocado fora de contexto em resposta à frase secular. Mas aqui importa refletir sobre a construção da mulher *godllywoodiana* e, nesse sentido, torna-se necessária uma análise à guisa do conceito de agência.

Lila Abu-Lugod (2012) em seu artigo “As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros” afirma que é preciso pensar num contraponto para aceitar o conceito de agência destas mulheres que se submetem a preceitos religiosos, considerando a autonomia social e política que elas possuem.

De acordo com Giddens (2003), a noção de agência atribui ao ator individual a capacidade de processar sua experiência social e de demarcar a forma de entender a vida, ainda que sob formas extremas de coerção. Mesmo com seus limites de informação ou qualquer outro tipo de restrição (física, normativa ou político-econômica) que possa existir, os atores sociais são “detentores de conhecimento” e “capazes”. E eles procuram resolver seus problemas, aprendem a intervir no fluxo da sociedade e monitoram continuamente suas ações, observando o modo como os outros reagem ao seu comportamento e percebendo circunstâncias inesperadas que podem ocorrer (Giddens, 2003, p. 16).

Em sua pesquisa sobre o revivalismo islâmico das mesquitas do Cairo, no Egito, Saba Mahmood (2006) contesta o pensamento feminista pós-estruturalista ao situar o conceito de agência em termos de subversão e ressignificação das normas sociais, em entender como agência apenas operações que resistem aos modos dominantes e subjetivantes de poder. Esta antropóloga considera que, sob a perspectiva de gênero, é preciso pensar o conceito de agência “não como um sinônimo de resistência em relações de dominação, mas sim como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas”. À luz deste pensamento de Mahmood, é preciso relativizar que o comportamento das mulheres *godllywoodianas* e a aceitação da condição de ser “uma mulher moderna à moda antiga” é uma demonstração de



agência – ainda que inclua o desejo de submissão a uma autoridade masculina dentro de um sistema patriarcal.

Rodrigues (1979, p. 62) afirma que “o corpo porta em si a marca da vida social, expressa-o a preocupação de toda a sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir”. A participação destas “atrizes” da cidade de Presidente Tancredo Neves convidando outras mulheres para participarem do *Godllywood Auto Ajuda* mostra que elas possuem agência e o fazem porque realmente se sentem engajadas com os valores propostos. Independentemente da figura de sua líder Cristiane Cardoso, elas estão ali, demonstrando vontade própria e interesse em trabalhar pela divulgação do movimento. Este envolvimento com os preceitos godllywoodianos talvez seja reflexo de comportamentos sociais e culturais de gerações anteriores a elas e assim normatizados em suas vidas.

#### 4.5. Estamos *live*? O primeiro encontro virtual Godllywood Autoajuda

(00:00) [Cristiane Cardoso]  
Já tá?  
(00:02) [*Big Sister 2*]  
Já.  
(00:03) [Cristiane Cardoso]  
Ah... Nossa primeira reunião, primeiro encontro do *Godllywood Autoajuda*, um encontro virtual. Tem certeza que tá ligado? Tá?  
(00:15) [*Big Sister 2*]  
Tá! Estamos em *live*.  
(00:16) [Cristiane Cardoso]  
Então... Então, se quer só... Não, acho que é melhor deixar, né?  
Porque se a gente for colocar aqui também, pode atrapalhar até na internet também.  
(00:27) [*Big Sister 4*]  
É... E vamos ver se realmente tá passando...  
(00:30) [*Big Sister 1*]  
Tá passando. Então, vamos fazer uma oração antes da gente começar a nossa reunião virtual.

O diálogo acima foi transcrito do início do vídeo “*Primeiro encontro virtual Godllywood Autoajuda*”<sup>63</sup>. Esta reunião foi transmitida no canal do movimento no *YouTube* ao vivo no dia 25 de junho de 2019. A falta de intimidade e a ansiedade

<sup>63</sup> Para assistir: <https://www.youtube.com/watch?v=wr6VrdZOIoo&t=268s>

que Cristiane Cardoso e outras *três sisters* vivenciaram na interação com este dispositivo, a maioria de nós vivenciariamos somente no ano seguinte, quando a Organização Mundial de Saúde decretaria a pandemia da Covid-19<sup>64</sup> e o encontros virtuais tornariam-se a única forma segura de contatos sociais. McLuhan (1969) afirma que o advento da mídia televisão nas décadas após a segunda guerra mundial permitiu a criação de uma nova galáxia de comunicação. Imaginem o que este teórico da Comunicação diria agora uma vez que hoje, mais que ouvir e ver, os novos dispositivos midiáticos da era digital permitem também a interação em tempo real.

Postman (1994) afirma que “o romancista e o pesquisador social constroem suas histórias com o uso de arquétipos e metáforas” (p. 162). Vou lançar mão desta condição para analisar o vídeo que mostra este primeiro encontro virtual de *Godllywood*. O vídeo, que tem 1h05 de duração, inicia com a Cristiane Cardoso e outras três mulheres: duas brancas e uma negra, todas aparentemente na mesma faixa etária que a líder. Apesar do recurso tecnológico empregado, a técnica é bastante simples: uma câmera de celular ligada em um ponto fixo filmando as quatro mulheres sentadas em um ambiente que remetia à sala de estar de uma casa de classe média, com plantas, um aparador com um quadro sobreposto com a palavra “Love” e, na parede, um espelho/quadro com um reflexo/uma ilustração de um pôr-do-sol. Apesar de as três mulheres que aparecem no vídeo junto à Cristiane não terem sido apresentadas, elas demonstram ser próximas à líder do movimento. Pela oportunidade de estarem ao lado da líder de *Godllywood*, elas possivelmente são também *big sisters* e “esposas de pastor”.

O vídeo começa com as quatro demonstrando insegurança com a tecnologia, sem ter a certeza de que a transmissão realmente está sendo feita. Um sentimento que Cristiane não demonstra quando está no palco/altar frente a uma multidão de milhares de mulheres. Esta vulnerabilidade entre frente à câmera e em tempo real, sem possibilidade de edição, faz inclusive que ela pareça mais dócil e frágil do que demonstra ser costumeiramente em outras mídias.

---

<sup>64</sup> A pandemia da COVID-19 foi decretada pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020 e seu encerramento do declarado em 05 de maio de 2023.

Figura 21: Cristiane olha a câmera não acreditando que está on-line



A representação, como afirma Goffman (1985), é um ato muito delicado e frágil que pode ser quebrado por minúsculos contratempos. No caso deste vídeo transmitido ao vivo e com uma única câmera de celular posicionada em um ponto fixo, a representação é feita sem a possibilidade de edição das imagens ou corte de câmera. Os conceitos *goffmanianos* de “área de fachada” e de “área de *backstage*” se misturam o tempo todo. Nos primeiros segundos do vídeo, Cristiane utiliza a câmera como um espelho para arrumar seus cabelos – em um novo penteado; seu celular está em seu colo sobre um livro que remete a uma Bíblia. Ao longo dos 65 minutos de transmissão, muitas vezes as mulheres mostram-se pouco à vontade, pois estão sendo filmadas sem que estejam fazendo qualquer ação em cena. A mulher que está mais à direita do vídeo inclusive manuseia o seu celular várias vezes, o que de acordo com as regras sociais contemporâneas seria uma impolidez, pois demonstra pouco interesse com o/a seu/sua interlocutor/a.

Figura 22: Cenas de “bastidores” na “área de fachada”: Cristiane arruma os cabelos, amiga olha o celular



A informalidade em decorrência da falta de experiência com a nova mídia desaparece tão logo dona Cris passa a receber as primeiras respostas de suas seguidoras virtuais no início da *live*<sup>65</sup>. Ela retoma sua representação de líder do movimento e inicia a oração que dá início às reuniões:

(00:39) [Cristiane Cardoso]:

E vamos ver se realmente tá passando? Tá passando... Então, vamos fazer uma oração antes da gente começar a nossa reunião virtual. Vamos lá. (...) Então, se o Teu Espírito não dirigir, se o Teu Espírito não falar, se Ele não der a direção, nós estaremos aqui falando da nossa própria vontade, do que a gente quer falar, e isso não vai ajudar. Isso não vai ajudar. (...)

Senhor, é isso, é por isso que nós marcamos esse momento aqui com todas essas mulheres no mundo inteiro que estamos assistindo aqui ao vivo. Elas querem ouvir a Tua voz, não a minha voz, não a voz das minhas amigas, mas a Tua voz, Espírito Santo. Então, venha dirigir em nome do Senhor Jesus é o que eu te peço e eu te agradeço, meu Pai, porque eu sei que quando o Senhor fala, nós somos abençoadas, em o nome do Senhor Jesus.

<sup>65</sup> A expressão *live* significa transmissão ao vivo através da internet.

Nesta oração Cristiane afirma que o que vai ser ministrado neste encontro não é uma orientação e/ou opinião dela própria e/ou das suas amigas, mas um direcionamento que vem de Deus. Ela e suas amigas serão apenas instrumentos para ensinar às mulheres o que elas precisam fazer para agradá-lo. Suas bocas serão assim meras ferramentas para expressar o que o próprio Deus quer dizer. Durante a reza, as quatro mulheres abaixam a cabeça, cerram os olhos num semblante de total concentração e emoção e, às vezes, balbuciam palavras inaudíveis enquanto Dona Cris conversa com Deus. Esta cena remete à passagem bíblica de Pentecostes, que é a descida do Espírito Santo<sup>66</sup> de Deus sobre os apóstolos para passar a eles seus últimos ensinamentos.

Figura 23: Cristiane e suas amigas na oração inicial: referência à Pentecostes



O tema deste encontro será uma resposta a dúvida da maioria das mulheres *godllywoodianas*: Como agradar a Deus? Para isto, Cristiane Cardoso com a participação das três assistentes explica ao longo de quase uma hora como uma mulher agradável a Deus deve se vestir, se comportar, se posicionar e agir. Apesar da tecnologia de ponta, o discurso e a forma como é apresentado mais uma vez

<sup>66</sup> O Espírito Santo possui sete dons: sabedoria, entendimento, ciência, conselho, fortaleza, piedade, temor de Deus.

remete à mulher vitoriana. O conteúdo estava mais próximo daqueles encontrados nas mídias direcionadas ao público feminino a partir do século XIX.

Desde que a impressão passou a ser permitida no Brasil, após o desembarque da Família Real em 1808, começaram a surgir publicações direcionadas ao público feminino – apesar de serem produzidas e escritas por homens porque praticamente não havia mulheres nas redações. Estas mídias traziam reportagens sobre moda (o que e como se vestir); beleza (como se cuidar); casa (cuidado com o espaço doméstico), culinários e educação dos filhos (cuidado com a família) e conselhos (como se comportar) (Luca, 2013). A diferença é que nas chamadas “publicações femininas” o tom quase sempre era de cordialidade, por isto, era escrito em um tom coloquial. A objetivo da escrita era colocar a leitora como se fosse uma pessoa próxima e estimada, quase uma pessoa amiga, mas nas entrelinhas assegurar que os valores socialmente aceitos e consagrados pela sociedade patriarcal vigente fossem mantidos – tanto que as reportagens eram escritas por homens, uma vez que na década de 60 a presença da mulher de classe média no mercado de trabalho era quase inexistente.

O estilo que sugere esta proximidade, que traz emoção e afetividade é, segundo Luca (2013), uma importante ferramenta na transmissão da informação, do convencimento, da imposição que, por meio de enunciados prescritivos e normativos ordenam de forma subliminar o que deve ser feito e como deve ser feito. “Não por acaso, o tempo verbal mais frequente é o imperativo, configurando um discurso bastante próximo do publicitário” (Luca, 2013, p. 448). No caso de *Godllywood*, o uso do tempo imperativo pode se justificar menos por um recurso da publicidade e mais pela garantia de que é a vontade suprema de Deus – e neste caso, não existe condicional. É quase uma ordem.

Luca (2013) cita alguns trechos de artigos publicados em revistas femininas de grande circulação entre as décadas de 1940 e 1960 que, no meu ponto de vista, se coadunam completamente com alguns dos desafios propostos por *Godllywood* no século XXI.

“A desordem no banheiro desperta no marido a vontade de ir tomar banho na rua” (Jornal das Moças<sup>67</sup>, 1945).

---

<sup>67</sup> O Jornal das Moças foi uma revista de maior vendagem nas décadas de 1940 e 1950.

“Toda esposa que deseja conservar seu marido deve dedicar uma boa parte do seu tempo ao estudo e aperfeiçoamento de arte culinária.” (Jornal das Moças, 1957).

“Seu marido está no direito dele quando clama falta de ordem dentro de casa; se você não tem jeito para serviços domésticos, procure adquiri-lo. A mulher que relaxa a ordem dentro de casa dá prova não somente de estar menosprezando o conforto do marido, mas até demonstrando falta de consideração por ele” (Revista O Cruzeiro, 1960).

“Aos homens não agrada ver uma mulher, mesmo sendo uma cozinheira de mão cheia [...] embrulhada num roupão desbotado. Um aventalzinho elegante sobre um vestido simples pode dar um toque de agradável coqueteira” (Revista Claudia, 1962).

Agora destaco abaixo alguns dos 81 desafios que as mulheres *godllywoodianas* precisam seguir para agradar a Deus e que facilmente se encaixam dentro dos padrões das mídias femininas desde o período vitoriano até a segunda metade do século XX:

Desafio 13: *Faça uma limpeza em seu armário* <sup>68</sup>e remova tudo o que você não precisa. #desafiogodllywood13

Desafio 51: *Faça um penteado novo e poste em suas redes sociais* usando #desafiogodllywood51. Caso não saiba fazer um penteado, use um acessório no seu cabelo, faça algo diferente, procure aprender, *use os benefícios da internet para se aprimorar naquilo que você ainda não desenvolveu* em si mesma. #desafiogodllywood51

Desafio 59: *Faça as unhas, mas evite usar cores que não são nada elegantes nem discretas* como ‘azul’, ‘verde’, ‘amarelo’ ou preto. *Evite desenhos* também, pois suas unhas não são acessórios para o seu look<sup>69</sup> e sim um complemento para uma das partes do seu corpo que mais aparece. #desafiogodllywood59

<sup>68</sup> Os grifos são meus para realçar o discurso impositivo na construção da mulher godllywoodiana

<sup>69</sup> No Desafio 59, a palavra “*look*” em inglês reforça o uso de palavras estrangeiras no vocabulário de Godllywood.

Desafio 65: Faça uma *pesquisa sobre o que é ser discreta e indiscreta*, e o que a Bíblia fala a respeito. Escreva em seu caderno. #desafiogodllywood65

Desafio 77: Quem ama cuida. Quem cuida quer dar o melhor para quem ama. *Quem quer dar o melhor, aprende dar o melhor. Faça uma refeição bem caprichada* para sua família ou as pessoas que moram com você. E caso você more sozinha, aproveite para convidar as amigas.

Desafio 78: Você não precisa ser uma cabelereira para ser criativa com o seu cabelo. Faça algo novo hoje, prenda, enrole, amarre, escove, faça uma trança ou um coque, mas *faça para glorificar a Deus* e não para competir com ninguém. #desafiogodllywood78

Desafio 79: *A feminilidade não está na sua forma de falar ou de se comportar, mas também como você se veste.* A saia ou o vestido, que muitas vezes é associada a mulheres fúteis ou mimadas, é uma das vestimentas mais femininas e discretas quando usadas de forma apropriada. *Sem transparência, sem decotes fundos, sem marcação, use um vestido ou uma saia essa semana para o #desafiogodllywood79*

A mesma fala definidora da “verdade”, que se impõe nos textos daquelas mídias femininas, se repete nos 81 desafios que vão desde a ordem para a leitura de textos e estudo de personagens bíblicos; assinatura de streaming e instalação de aplicativo da IURD até a forma como a “Mulher Virtuosa” precisa se comportar, se vestir sem deixar de lado o trabalho reprodutivo do cuidado. O uso do verbo no tempo imperativo no início das frases não deixa margens para questionamentos sobre algo além do que está sendo imposto. E esta verdade não é questionada porque ela está sendo legitimada por uma classificação que Giddens (1991) chama de “sistema perito”. Este sistema é composto por um corpo de especialistas que criam estratégias de produção de sentido. Estes detentores do saber especializado são denominados pelo sociólogo como “peritos” (p. 93). A religião, para Giddens (1991), é uma das organizadoras de confiança de diversas formas. Não apenas pela fé na providência divina, mas também pela crença na força de suas lideranças. “E o que é mais importante, as crenças religiosas tipicamente injetam fidedignidade na



vivência de eventos e situações e firma uma estrutura em termos da qual eles podem ser explicados e respondidos” (Giddens, 1991, p. 93).

Ao longo do bate-papo virtual com suas três amigas – é assim que Cristiane Cardoso se refere às outras três mulheres que aparecem com ela no vídeo – a líder ministra sobre o quanto é difícil conseguir ser uma mulher que agrada a Deus. Para isto ela aborda temas como a forma inadequada de vestir e de se comportar de muitas fiéis.

Olha, você não deve usar fio dental porque é fio dental e tal. Não está falando isso. A gente está falando que o problema é que você não conhece a Deus.

Quando você conhecer a Deus, então você vai saber o que usar, o que vestir, o que é apropriado, o que é adequado, o que é descrição. Você vai ser verdadeira diante de Deus. E por isso, claro, obviamente, você vai ser verdadeira diante das pessoas.

Quando você é verdadeira com Deus, então você não é hipócrita. Você não é hipócrita com as pessoas. É aquilo.

Você não tem nada a perder. Mas quando você não conhece a Deus, você tem tudo a perder. Porque aí não quer passar vergonha, não quer perder o título, não quer perder o uniforme, não quer perder a reputação, não quer que ninguém saiba que, poxa, você deu um testemunho tão bonito e agora descobriram que você não é nascida de Deus.

Para reforçar a necessidade da submissão feminina ao patriarcado usando a autoridade divina, Cristiane Cardoso faz uma metáfora com o pássaro chamado Salomão que ela recebeu de presente do pai para cuidar. Segundo ela narra, certa vez a porta da gaiola ficou aberta e a ave fugiu. No entanto, por ter sido criada em cativeiro, não sabia voar. Ao tentar, caiu e se machucou. Ela o levou de volta para a gaiola. Ele “tem ali a comidinha, fica tudo aí (...). Aí canta pra caramba, fica feliz”. Usando o exemplo da privação de liberdade, a líder do *Godllywood* busca dizer às suas lideradas que uma “mulher de Deus” precisa aceitar o domínio para ser/estar feliz:

Olha, o Salomão, ele é tão feliz, ele canta o dia todo. É, e lindo, né? E eu vejo que quanto mais Deus nos poda, mais feliz a gente fica com a gente mesma, né? Pois é, satisfaz, né? Tudo que Ele faz em nós, ainda que pareça que Ele está nos privando, mas na verdade é para o nosso bem, é para nos guardar. Então, e quando é assim, a Nini tem uma alegria na gente muito grande, de saber assim, poxa, no final do meu dia, poxa, eu fiz aquilo ali, mas eu agradei a Deus.

Assim, é tão gostoso. E quando você analisa o final do seu dia, meu Deus, eu fiz aquilo, desagradei. É triste, a gente sente uma dor, como se, por exemplo, o meu marido, né? Quando eu faço alguma coisa que ele fica feliz, eu fico feliz.

Assim como as antigas publicações femininas, as ordens de Cristiane Cardoso para ser uma mulher que agrada a Deus devem ser cumpridas – e nunca questionadas. A fundadora de *Godllywood* é um modelo a ser seguido. Ela é o modelo da “mulher de Deus”, conforme ela ensina neste terceiro vídeo – mesmo afirmando que somente aos 15 anos ela conheceu Deus, “apesar de ser quem eu sou”. Mas apesar do tema da palestra, depois de quase uma hora de gravação a própria líder explica que não é fácil ser “uma mulher de Deus” e “não é *Godllywood* quem vai ensinar” (41:00): “A gente não quer que você aprenda a ser mulher de Deus. Por favor, não aprenda a ser mulher de Deus. Você tem que ser mulher de Deus, você tem que ser mulher de Deus, você tem que buscar, conhecer Deus, conhecer Ele pessoalmente, sabe? Buscar, ter um encontro com Ele”.

E as consequências podem ser são duras para quem não segue a líder e cumpre suas orientações:

Mas, enquanto isso não acontecer, esquece que o Espírito Santo não vai descer sobre quem não é dele. Não vai acontecer isso. Então, você tem aí quarta-feira, você tem aí vigílias, nós estamos sempre tendo vigílias.

Enquanto você não resolver isso, você vai sempre ser uma religiosa e você vai ter a tendência de ser fanática, bitolada, sem noção. Dependente. Dependente, carente e provavelmente uma ex, que é o pior, uma ex-cristã.

#### **4.6. Bispo Edir Macedo em *Godllywood*: a dominação masculina**

Em todas as reuniões de *Godllywood* que eu participei presencialmente como pesquisadora, conforme expliquei no Capítulo 2, sempre ao final do encontro, a presença de uma figura masculina – quase sempre o Bispo Renato Cardoso, esposo da líder do movimento – parecia ser necessária para validar o que foi dito

por sua cônjuge. Em 27 de outubro de 2018, o próprio líder da IURD esteve presente para falar para as mulheres *godllywoodianas* na “Reunião Especial com o Bispo Edir Macedo”<sup>70</sup>.

Figura 24: Edir Macedo ora de costas para a plateia antes de iniciar a palestra



Acompanhando a participação do fundador da Igreja Universal, pude compreender que o ritual de entrada da Cristiane Cardoso é uma repetição do que o seu pai faz nos cultos que ministra: a entrada com todas as luzes apagadas, a oração de costas para a plateia, o louvor e, finalmente, a palestra. Ouvir o discurso de um homem reafirmando a necessidade da submissão feminina para que a mulher seja agradável a Deus foi para mim, como pesquisadora, ainda mais perturbador do que ouvir sua a sua filha. Mas entendo que estes inc modos e estas perturbações sentidas ao longo da minha pesquisa tenham sido importantes para provar, como afirma Georges Devereux (1977), a dificuldade de manter a impessoalidade do/a pesquisador/a e a não-contaminação do sistema observado pelo observador.

<sup>70</sup> Para assistir: <https://www.youtube.com/watch?v=KTB6x2JliJY&t=2825s>

Além disso, o observador não só precisa entender seu próprio valor de estímulo específico, mas também deve ser capaz de agir adequadamente na situação observacional, experimental, de entrevista ou terapêutica. Isto é algo que até mesmo psicanalistas de alto nível às vezes esquecem (Devereux, 1977, p. 53)<sup>71</sup>.

Ao longo de quase 90 minutos, o discurso do líder iurdiano na reunião de *Godllywood* ratifica a incumbência do cuidado e a culpa feminina quando a mulher não se submete aos valores patriarcais. Esta exortação à responsabilidade já é colocada nos minutos iniciais do vídeo quando Macedo comparando a mulher à Eva em suas duas versões: a obediente, que era agradável a Deus; e a pecadora, que desobedeceu a Deus comendo o fruto proibido e marcou a humanidade com o pecado. Ele pede às mulheres presentes que usem sua inteligência para entender que elas são “fracas” por natureza por serem emocionais. Por tal condição, colocam seus sentimentos à frente da razão e por isto sofrem como Eva, que levou a padecer também toda a humanidade. E ainda afirma que por ser a uma mulher “uma geradora, uma reprodutora” cabe a ela a responsabilidade sobre o futuro da criança que vem a gerar. Mas isenta ele próprio, na figura de homem, qualquer incumbência sobre a paternidade.

(13:44)  
 eu apelo para a sua inteligência para que você preste atenção nesse vídeo, mas  
 (13:53)  
 bem nos mínimos detalhes, para que você possa então construir uma cerca, uma  
 (14:04)  
 blindagem da sua vida porque você mulher,  
 14:10  
 você carrega consigo uma fraqueza que é  
 14:16  
 letal para sua vida mortal para sua vida  
 14:22  
 que se chama emoção, sentimento. Quando se  
 14:29  
 olha para uma mulher, ali está um poço de emoção, de sentimento  
 14:36  
 de coração. E por conta disso ela sofre,  
 14:43  
 ela geme, ela padece. Foi assim que aconteceu com Eva lá  
 14:51  
 no Jardim. Ela viu o fruto proibido e abriu um

---

<sup>71</sup> Tradução minha. No original: *Además, el observador no sólo tiene que entender su propio valor de estímulo específico, sino que también debe ser capaz de obrar en consecuencia en la situación observacional, experimental, de entrevista o terapéutica. Es esto algo que incluso los psicoanalistas de categoría a veces olvidan* (Devereux, 1977, p. 53).

15:00  
 espaço pro diabo agir. E ele soprou,  
 15:07  
 aguçou a sua curiosidade porque ela viu e gostou;  
 15:16  
 ela se encantou com aquela fruta e se  
 15:22  
 deixou levar por ela. E acabou caindo e desgraçando toda sua descendência  
 15:32  
 Você é uma Eva, observa.  
 15:39  
 Mas você pode ser uma Eva caída em  
 15:48  
 pecado ou pode ser uma Eva que ainda está perfeita. Deus a fez perfeita, Deus a  
 15:59  
 Livrou, Deus salvou, Deus fez de você uma nova criatura. Então você é uma nova  
 16:07  
 Eva. É a Eva antes da queda. Mas, de repente, você é uma Eva caída e o  
 16:16  
 Pior: você é uma geradora, uma reprodutora e  
 16:24  
 por ser uma reprodutora, aí que está o maior risco porque não só você vai  
 16:30  
 sofrer consequências das suas emoções, mas você vai gerar crianças que vão  
 16:39  
 também sofrer, colher os frutos das suas emoções. Você entende que eu tô  
 16:46  
 falando? Sim ou não? Só você que você pode dar à luz a filhos  
 16:53  
 eu não posso. Eu não nasci dotado pra isso. Você pense bem se você for uma Eva  
 17:03  
 caída... (...)

Para mostrar a responsabilidade que a mulher tem de ter uma vida ilibada e dentro dos padrões morais do patriarcado e dar credibilidade às suas palavras, Macedo apresenta às *godllywoodianas* presentes o trecho de um antigo vídeo no qual um pastor iurdiano entrevista um homem que demonstra estar “possuído pelo demônio” e este afirma que é desde o ventre da mãe que o diabo busca a alma da criança. Mesmo utilizando um vídeo de representação teatral duvidosa – o que o torna pouco crível – Macedo lança mão desta filmagem para, mais uma vez, colocar a mulher nunca condição de culpada pelas mazelas da sua vida, da sua família e, consequentemente, da sociedade.

17:57 [*o pastor pergunta ao homem endemoniado*]  
 E há quanto tempo você está com ele?  
 18:04 [*o “diabo” responde no corpo do homem*]:  
 Desde o ventre da mãe dele.

Figura 25: Ator (de calça escura) afirma estar “endemoniado” desde o ventre da mãe: culpa feminina



O fundador da Universal reforça em seu discurso androcêntrico novamente os conceitos patricarcais de família, de casamento, de maternidade e do cuidado – este último como um trabalho essencialmente feminino. E, mais uma vez, a presença de um homem – e desta vez a líder supremo da denominação religiosa – torna-se necessária para validar os propósitos godllywoodianos que ensinam a mulher e ser “virtuosa” e agradável aos olhos de Deus.

Entendo ser possível afirmar que Edir Macedo é uma liderança que reflete entre os/as seus/suas seguidores/as o universo familiar misógino no qual foi criado. Nascimento (2019) afirma que Macedo foi o quarto filho de uma família de sete irmãos e irmãs. Cresceu em um ambiente cujo pai, rude e violento, usava de sua força para agredir os filhos. A mãe, mais amável, temia interceder e ser agredida também. Em Rio das Flores, cidade fluminense onde nasceu em 1945, foi vítima de *bullying* na infância por ter os dedos indicadores atrofiados e os polegares muito avantajados, o que reduzia a mobilidade de suas mãos. Para Nascimento (2019) esta vivência em um ambiente violento pode ajudar a explicar a visão assertiva e imperativa de Edir Macedo em relação ao mundo: “Ou você mata, ou você morre. Não tem violino” (Nascimento, 2019, p. 23). Aliás, o próprio Edir Macedo reconhece que sempre teve um “gênio ruim”, o que o torna incapaz de perdoar quem

o prejudica. (Macedo, 2013, p. 82-83). Este pode ter sido o motivo que o levou de forma obsessiva a construir sua própria igreja: o desejo de se destacar profissionalmente e financeiramente sem precisar ser submisso a ninguém. Apesar de ter nascido em família católica e participar de sua doutrina até a juventude, Macedo passou por diversas denominações religiosas antes de fundar a sua, sem precisar responder a nenhuma autoridade acima dele próprio. Depois do catolicismo, ele frequentou religiões de raízes africanas e o espiritismo antes de chegar ao evangelismo neopentecostal da Nova Vida. Nesta instituição, ele conheceu sua esposa Ester Eunice Rangel Bezerra, com quem é casado há 54 anos, e para quem ela reconhece de forma tênue em sua biografia “Minha história: a dama da fé” que se calou e se reprimiu muitas vezes para que as vontades do seu marido prevalecessem.

“Se tivesse uma cena capaz de reproduzir com precisão minha relação com o Edir ao longo de décadas, talvez seria a de um homem de atitude, com fé, enérgico, nervoso, por vezes agressivo no falar, e uma mulher o tempo inteiro tentando apaziguá-lo, pacata, silenciosa, mansa (Bezerra, 2016, p. 84).

Ao longo da minha pesquisa consigo enxergar Cristiane Cardoso como sendo de uma segunda geração desta “mulher virtuosa” agradável a Deus, pois tem como referência e busca seguir os padrões da sua mãe Ester Bezerra. Em sua história, a “dama da fé”, Ester narra que sua educação foi cercada de “bons costumes”, expressão que resgata o modo de vida e das relações interpessoais do período vitoriano à primeira metade do século XX. A euforia do pós-guerra e a invasão dos filmes estadunidenses trazidos pelo cinema ensinando os “bons costumes” por meio do “*american way of life*” (PINSKY, 2014; ALMEIDA, 2014) colocavam a mulher num papel de submissão aos homens. Nos anos 40, quando Ester nasceu, observava-se uma relação de poder hierárquico do homem sobre a mulher.

As relações entre os sexos eram indubitavelmente generificadas e os papéis sociais claramente definidos quanto às expectativas de protagonismo social para homens e mulheres. As relações de alteridade fundamentavam-se num princípio solidamente alicerçado: as mulheres eram frágeis e deviam ser submissas, mesmo sendo inteligente e

educadas; na sua atuação se edificavam os valores da família e da sociedade (ALMEIDA, 2014, p. 350).<sup>72</sup>

Até a segunda metade do século XX, a mulher de classe média no Brasil era criada e educada para ocupar um papel de subordinação em relação ao pai e depois ao marido. A atribuição mais comum e natural para uma mulher era o casamento. Seu papel considerado mais importante era o de se casar, gerar e educar filhos, dedicar-se aos trabalhos domésticos e zelar pela boa infraestrutura familiar. Caso não desempenhasse com excelência sua função desejada, toda a culpa era dedicada a ela. Para isto, era necessário “‘provar’ que é ‘boa moça’, pura, recatada, fiel, prendada, boa dona de casa e futura boa mãe” (BAZANESSI, 1996, p. 73). Ao seu pai cabia avaliar se o pretendente era “‘honesto, responsável, trabalhador e ‘respeitoso’ em relação à eleita, enfim, ‘um bom partido’” (BAZANESSI, 1996, p. 73). Após sua aprovação, este deveria ser informado de todos os passos do relacionamento por sua esposa a fim de proteger a honra da filha perante à sociedade como uma “moça de família”. A mãe era a responsável por preparar a filha para ser esta boa esposa, dona de casa e, uma vez aprovado o namoro, deveria vigiar o comportamento da filha para zelar por sua reputação e começar a prepará-la para o casamento (BAZANESSI, 1996).

Paz em casa. Essa era minha missão número um para contribuir com a difícil tarefa de Edir em ajudar a salvar inúmeras pessoas diariamente. Desde o princípio da igreja, eu precisava assegurar ao meu marido a perfeita tranquilidade no seu retorno para o descanso do lar. Paz no seu casamento, paz na relação com seus filhos, paz em casa minuto no convívio conosco (Bezerra, 2016, p. 177).

Em “O tráfico de mulheres: Notas sobre a ‘Economia Política’ do Sexo” – considerado um texto clássico nos estudos de gênero e sexualidade – a antropóloga Gayle Rubin (1993), para justificar os princípios estruturais do parentesco, recorre

---

<sup>72</sup> Como Almeida (2014) ressalta em seu texto, aqui estou me referindo à mulher recorte de classe social privilegiada, como Ester se apresenta, e não às mulheres de todas as classes sociais.



a duas teorias preconizadas por Marcel Mauss<sup>73</sup> e Lévi-Strauss<sup>74</sup>: a dávida e o “tabu do incesto”, respectivamente. À luz da teoria da reciprocidade de Mauss, Lévi-Strauss justifica o casamento como uma “troca de presentes” entre os homens, na qual a mulher é a dádiva. Segundo Rubin (1993), além de criar laços de parentesco explicitamente concebidos como uma imposição da organização cultural, esta “troca de dávidas” não troca apenas mulheres, mas também possibilita o acesso sexual, os direitos sobre elas e seus descendentes. Nesse sentido, Gayle (1993) deduz que se a “troca de mulheres” é um princípio fundamental do parentesco conforme conclui Lévi-Strauss, a subordinação das mulheres pode ser vista como um produto das relações através das quais sexo e gênero são organizados e produzidos.

Além do casamento, a família é outro conceito trabalhado por Lévi-Strauss para justificar a importância e as condições necessárias para os sistemas de casamento funcionarem. A partir do casamento surge a família, um núcleo fundamental para a sobrevivência dos grupos humanos. E é a família que forma a menor unidade economicamente viável ao exigir a necessidade de um homem e uma mulher – que passam a depender mutuamente um do outro (Rubin, 1993). Segundo Bourdieu (2008), além de ser o “sujeito principal” das estratégias de reprodução, a família é o espaço de acumulação dos mais diversos tipos de capital, incluindo o simbólico hereditário do nome e de patrimônio material. “A casa torna-se importante como o ‘conjunto de bens materiais’ que ‘orienta’ toda a existência da unidade doméstica” (Bourdieu, 2008, p. 131).

Subjugada à desigual e humilhante divisão sexual do trabalho que exaure e reduz a mulher a uma mera “auxiliadora” do lar, Ester Bezerra pode ser o exemplo da “mulher virtuosa” para os padrões *godllywoodianos*, mas sob a perspectiva de estudo de gênero, ela é a próprio modelo da mulher submissa, calada, invisível, desrespeitada e violentada.

---

<sup>73</sup> “Foi Mauss quem teorizou primeiro o significado de um dos mais notáveis traços das sociedades ‘primitivas’: à medida em que o dar, receber e retribuir presentes domina a relação social. Em tais sociedade, toda sorte de coisas circulam como troca – alimentos, feitiços, rituais, palavras, nomes, ornamentos, instrumentos e poderes” (RUBIN, G., 1993, p. 8).

<sup>74</sup> O ‘tabu do incesto’ – que é universal – através da proibição dentro de um grupo, obriga à troca marital entre grupos. Presentear com a troca de mulheres não é apenas reciprocidade, mas cria uma relação de parentesco que liga as famílias e seus descendentes por laços de sangue (RUBIN, G., 1993, p. 9).

Eu me sacrifico o tempo inteiro pelo meu marido (...). Entendo meu papel de auxiliadora<sup>75</sup> (...). Chego a reclamar com meu marido quando ele insiste em viajar nos dias em que não estou totalmente bem de saúde. Já embarquei em voos contrariada, não me sentindo disposta, com dores no corpo e mal-estares. Fiz muitas viagens incomodada, me sentindo mal pra valer, carregando calada meus desconfortos (Bezerra, 2016, p. 282-283).

---

<sup>75</sup> Ester Bezerra define a mulher auxiliadora como aquela que pode até pensar que é inferior ao marido, que se anula para que ele se sobressaia, mas na verdade é quem faz do marido aquele que ele é (Bezerra, 2016, p. 283).

## 5. CONCLUSÃO

Felizmente, os “transtornos” ou as “perturbações” criadas pela presença e as atividades de um observador devidamente aproveitadas são as pedras angulares de uma verdadeira ciência do comportamento e não – como se pode crer – contratempos deploráveis que devem ser ocultados debaixo do tapete (Devereux, 1977, p. 31)<sup>76</sup>.

O objeto de uma pesquisa é sempre algo que desperte o nosso interesse, mas perturbações que esta escolha me causou foram bem maiores do que eu poderia imaginar. Assim como os percalços pessoais – e quase limitadores – que precisei transpor ao longo desta pesquisa, o estudo do meu objeto muitas vezes me causou resistências por abordar questões que envolviam valores, princípios e, especialmente, uma crença bastante diversa à minha. Na perspectiva de George Devereux (1997), os incômodos que essa pesquisa me causou talvez tenham sido as pedras angulares para que eu pudesse evidenciar na construção da mulher de Godllywood a força da dominação masculina e do patriarcado usando o nome de Deus para mascarar sua narrativa misógina, homofóbica, excludente e cruel. E também compreender novas subjetividades que o binômio religião/mídias/gênero tem proporcionado como novas formas de compreender o mundo.

Fica evidente que mídias como o rádio e TV eram veículos que atraíam fiéis para os templos religiosos. Hoje as mídias digitais se transformaram em próprios templos virtuais que chegam à/aos fiéis a qualquer dia, a qualquer hora e em qualquer lugar. As prédicas das mais ecléticas denominações religiosas chegam a este “público-alvo” como produtos de consumo para que ele escolha. E ele pode escolher seu programa favorito nas mídias que tem acesso. O rito de ir ao templo, de estar próximo ao sagrado foi substituído pela pregação religiosa em variadas formatos: shows de música, programa de auditório, bate-papo, filmes, séries, *podcasts*, redes sociais. Seja qual for a mídia, as igrejas estarão se adequando ao formato para disputar fiéis – e também seguidores.

---

<sup>76</sup> Tradução minha. Do original: “*Por fortuna, los llamados “transtornos” o “perturbaciones” creados por la existencia y las actividades del observador devidamente aprovechados, son las piedras angulares de una verdadera ciencia del comportamiento e no – como suene creerse – contratempos deplorables, con los que lo mejor que se puede hacer es esconcerlos apresuradamente debajo de la alfombra*”.

Se as denominações religiosas antes alugavam horários nas mídias radiofônicas e televisivas para divulgarem suas prédicas e convidarem novos/as fiéis para seus templos, hoje elas são as proprietárias destes dispositivos e os utilizam de acordo com os seus interesses em tempo integral. Contrariando sem qualquer temor o segundo mandamento<sup>77</sup>, o nome de Deus virou produto de consumo ofertado das mais variadas formas em todas as mídias. Desde o letreiro na fachada das igrejas até influenciadores/as nas redes sociais: “Deus é pop”, “Deus é 10”, “100% Jesus”. “Deixe aqui o seu *like*”. “Se gostou deste post, compartilhe”. “Me siga para saber mais”. “Jesus te ama”.

Acredito que a mudança expressiva que está acontecendo no campo religioso no Brasil pode se justificar pelo acesso da população aos mais avançados recursos midiáticos e ao cardápio de informações aos quais ela tem acesso. O nome de Deus e os ensinamentos divinos têm deixado o espaço da sacralidade para servir de bandeira para discursos de ódio, de cisma, de xenofobia, de racismo, de misoginia e de morte, colocando muitas vezes em descrédito a ciência e a vida em risco. O nome de Deus vem sendo utilizado de forma exacerbada e sem embasamento para justificar a violência, o genocídio, a corrupção, a ganância e o poder (político, inclusive).

Godllywood se apresenta como um movimento que quer combater o *way of life* hollywoodiano e construir a “mulher virtuosa” descrita por Salomão. Sua idealizadora Cristiane Cardoso justifica que Hollywood impõe modelos que destroem a família, os lares, os padrões morais e éticos às famílias cristãs. A filha do Bispo Edir Macedo não aborda, porém que o profeta Salomão – este mesmo que descreve a “mulher virtuosa” que ela quer construir – “tinha setecentas mulheres princesas e trezentas concubinas” (Reis, 11:3), postura que violava diretamente a Lei de Deus desde o Antigo Testamento.

Nesse sentido é preciso considerar também que as diferenças sociais e culturais da época história em que este livro da Bíblia foi escrito. De acordo com a lei de Moisés no Antigo Testamento, toda a mulher pega em adultério deveria ser morta por apedrejamento. Quando trouxeram até Jesus uma mulher flagrada nesta condição para que fosse morta, Ele apenas disse: “Aquele que não tem pecado que atire a primeira pedra” (João 8:7). Não é o meu objetivo nesta pesquisa trazer à tona

---

<sup>77</sup> O segundo dos 10 mandamentos da Lei de Deus é “Não usar o Santo Nome de Deus em vão” (Êxodos, 20).

padrões culturais daquela época, mas o próprio Cristo, o “verbo” encarnado de Deus marca o início de um momento com o seu nascimento, a Era Cristã, base das igrejas católica, pentecostais e neopentecostais.

À luz dos estudos de gênero fica evidente que a “mulher virtuosa” descrita por Salomão é o arquétipo do patriarcado: é a mulher trabalhadora invisível, subjugada, submissa, calada, invisibilizada, violentada – e, muitas vezes, morta. É também a mulher precisa ser bem-cuidada para ser o “troféu” do homem bem-sucedido; ser mãe – e boa mãe – zelosa e a guardiã do cuidado. É a mulher cujos desejos e vontades precisam ser sublimados em nome da família e do bem de todos. Essa “mulher agradável a Deus” que Goddlywood constrói é aquela que entrega sua existência nas mãos do homem como provedor e o defensor da família; que aceita sem resistência que tudo a ele pertence e todos/as estão sob suas ordens e desejos, sem qualquer tipo de objeção. Mas não entende que o sucesso deste o homem está diretamente relacionado à ocultação das suas necessidades e dos seus desejos. Estes são sempre ser sublimados em nome da família e do bem de todos.

Esta mulher “moderna à moda antiga”, como a líder Cristiane Cardoso define em seu livro “Mulher V” é a própria descrição da “esposa do bispo” Edir Macedo. Ester Rangel Bezerra, a “dama da fé” – como é reconhecida entre os/as fiéis iurdianos – é a própria referência da “mulher virtuosa” de Goddlywood. Uma mulher que chama de “bons costumes” o que sob a perspectiva dos estudos de gênero pode ser um apagamento em favor da misoginia e do machismo. O que a “esposa do Bispo” Macedo tenta transformar em uma narrativa de “mulher virtuosa” – e vitoriosa – os estudos de gênero e o feminino pode descrever como uma mulher vítima de violência das mais diversas formas. Tal como as mulheres que apresentam suas histórias de vida no primeiro vídeo analisado, Goddlywood constrói mulheres que suprimem seus sofrimentos em forma de submissão camuflada de amor-próprio.

A *Big Sister* Cristiane Cardoso é a personificação da segunda geração desta “mulher virtuosa”, porém com mais recursos e acessos a dispositivos midiáticos que sua genitora. As reuniões de Goddlywood reproduzem padrões discursivos e comportamentais do patriarcado que se entrecruzam as tecnologias avançadas e dão ao retrocesso um aspecto de contemporaneidade. A forma como a Big Sister de Goddlywood corta os cabelos, se veste, se maquia e se comporta é sempre um referencial para as candidatas a “mulheres virtuosas”, que tentam repetir seus

padrões em busca de autoestima. Todas se espelham na autoridade e na personalidade de Dona Cris, mas não percebem que a mulher que elas reproduzem é a própria Ester Bezerra, uma mulher que se sujeitou a todas as vontades do marido em nome de uma família formada dentro dos “bons costumes” e “temente a Deus”. Acreditar que a submissão será recompensada porque agrada a Deus é uma forma de absorver a dor da desigualdade.

O que talvez estas mulheres adeptas de Godllywood não consigam entender é que Cristiane Cardoso, a líder do movimento, é a própria voz feminina do patriarcado dentro do Godllywood Auto Ajuda. A *Big Sister* é a representação feminina da IURD, uma instituição que traz em sua gênese a misoginia, o patriarcado, a apropriação de capitais simbólicos de outras denominações religiosas e o desejo desmedido de dominar as mídias. Informação é poder – financeiro inclusive.

Desde que comecei minha pesquisa sobre Godllywood percebo que o movimento também passa por processos de “fagocitose” para abranger um número cada vez maior de adeptas a este propósito de construir mulheres agradáveis a Deus. Essa “irmandade” que começou localmente no Texas e atualmente já em todo o planeta disseminando valores misóginos, machistas e patriarcais, vai se adequando às mudanças sociais e aos avanços tecnológicos para se tornar cada vez mais presente e mais potente para arrebanhar mulher que precisam ser cuidadas e não cuidar. Mulheres que precisam serem apoiadas e dar apoio. Que precisam ser ouvidas e não caladas.

Assim como é possível identificar agência nas “atrizes” godllywoodianas dos vídeos analisados, hoje cresce nas redes sociais o movimento chamado “*tradwife*”<sup>78</sup> (Prado, 2024; Perdigão 2025) formado por influenciadoras que mostram em seus perfis digitais suas rotinas de dedicação exclusiva aos cuidados com a casa, servindo à sua família. Estas mulheres fazem isto por livre arbítrio, sem qualquer inspiração bíblica ou recompensa divina – mesmo assumindo que a legislação brasileira ainda não assegura a elas direitos para este tipo de trabalho muito invisibilizado que o trabalho reprodutivo, o trabalho do cuidado. Nos dois modelos existe agência, mas também precisa existir a consciência do trabalho

---

<sup>78</sup> Um neologismo em inglês para a expressão “esposa tradicional”.

reprodutivo não-remunerado e desamparado legalmente, da mão de obra gratuita e não reconhecida chamada cuidado. E como toda escolha, também apresenta riscos.

Com este trabalho acredito estar contribuindo para mostrar que a mulher precisa e pode ter agência para fazer suas escolhas – mas também ter consciência das consequências que suas decisões podem acarretar. Também quero destacar que as escolhas precisam ser livres. Elas não precisam ter o nome de Deus banalizado em favor de interesses patriarcais, econômicos e políticos sob o risco de estarmos caminhando para uma sociedade teocrática na qual nós, mulheres, não teremos a submissão como uma opção de agência, mas como um modo de sobrevivência. Desta forma espero que esta pesquisa mostre a importância de nós, mulheres, sermos livres para fazermos as nossas escolhas e que ela sirva de interesse para que novas investigações possam ser motivadas tendo o gênero como uma categoria importante de análise.

## 6. Referências bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila. **As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros.**

Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012.

ALENCAR, Gedeon Freire (2022). **Pentecostanismos no Brasil.** Religião e Poder.

Rio de Janeiro, maio 2022. Disponível em:

<<https://religioepoder.org.br/artigo/pentecostanismos-no-brasil>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres no cotidiano: educação e regras de civilidade (1920/1950).** Dimensões, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, n.33 (2014), p. 336-359.

ARISTÓTELES. **História dos animais – Livros I-VI.** Lisboa: INCM, 2006.

BANDINI, Claudirene. **Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais.** Salvador: Editora Pontocom, 2014. Série Acadêmica, 6.

BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Editora Hucitec, 2007.

BECKER, Howard S. **Outsiders.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERTAUX, Daniel. **Los Relatos de vida: perspectiva etnosociológica.** Barcelona: Ediciones Belaterra, 1997.

BEZERRA, Ester. **A dama da fé: minha história.** São Paulo: Editora Planeta, 2016.



BIRMAN, Patricia. **Mediação feminina e identidades pentecostais**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 6/7, p. 201–226, 2010. Disponível em: <>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2024.

BITTENCOURT FILHO, José. **Remédio amargo**. In: MARIZ, Cecília Mariz; ANTONIAZZI, Alberto (orgs.) Nem anjos nem demônios. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 24-33.

BLUMER, H. **El interaccionismo simbólico: perspectiva y método**. Barcelona: Hora, 1969.

BORELLI, V.; REGIANI, H. **O processo de midiatização e a natureza midiática da religião**. Comunicação & Inovação, n.49, vol.22. São Caetano do Sul, SP, 2021, p. 97-117.

BORELLI, Viviane. **Comunidade de recepção e os sentidos do religioso e do midiático**. Encontro anual da Compós, Anais (2009). Disponível em: <>. Acessado em: 25 de janeiro de 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BRAGA, Adriana (2011). **Comunicação On-line: uma perspectiva ecológica**. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Informação da Comunicação e da Cultura. Sergipe, 2007, n.9, v.3. Disponível em <>. Acessado em: 10 de agosto de 2024.

BRAGA, Adriana (2011). \_\_\_\_\_. **Corpo Verão: Jornalismo e discurso na imprensa feminina**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

CARDOSO, Cristiane. **A mulher V: moderna à moda antiga**. Rio de Janeiro: Unipro, 2011.

CARDOSO, Cristiane. \_\_\_\_\_. **Melhor que comprar sapatos**. Rio de Janeiro: Unipro, 2011.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino**. Dourados: UFGD, 2014.

DEVEREUX, Georges. **De la ansiedad al método en las ciencias del comportamiento**. Mexico: Siglo XXI, 2003.

FARR, R. M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). Textos em Representações Sociais. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 30-59.

FAUSTO NETO, Antônio. **Fragmentos de uma “analítica” da midiaticização**. Revista Matrizes. São Paulo, ano 1, n. 2, 2007, p. 89-105. Disponível em: <>. Acessado em: 12 de janeiro de 2024.

FAVRET-SAADA, J. (2005). “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada (P. Siqueira, Trad.). Cadernos De Campo. São Paulo - 1991), 13(13), 155-161. Disponível em: <> Acessado em: 18 de maio de 2018).

FEDERICI, SILVIA. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017

FERNANDES, Maria das Graças M. **O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência**. Physis Revista de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, vol. 19, n. 4, outubro-dezembro, 2009, pp. 1051- 1065

FERNANDES, R. **et al.** Novo Nascimento – Os evangélicos em casa, na igreja e na Política. Rio de Janeiro, ISER/MAUAD, 1998.

FERREIRA, Dôuglas A. **Os estudos das representações sociais e suas contribuições para o entendimento das estratégias de interação no contexto das organizações**. In: Anais do XI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Abrapcorp 2017), 15 e 19 de maio de 2017.

FONSECA, Alexandre Brasil. **Um império midiático**. In: CORTEN, A., ORO, A.P., DOZON, J. Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 259-280).

FONSECA, **Claudia**. Amor e família: vacas sagradas da nossa época. IN: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres (orgs.) Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995.

FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. **Interação**. In: FRANÇA, VERA; MARTINS, Bruno; MENDES, André. (Org.). Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação. 1a ed. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2014, p. 99-102.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment**. 1993. 308 p. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1993.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em <<https://publicacoes.forumseguranca.org/>>. Acessado em 18 de março de 2025.

GAMA, Andréa de Sousa. **Trabalho, família e gênero: impacto dos direitos do trabalho e da educação infantil**. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIDDENS, Anthony. \_\_\_\_\_. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

GODLLYWOOD, 2025. Disponível em: < > Acessado em: 24 de novembro de 2024.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Pedro Gilberto. **A chama ‘Igreja Eletrônica’ – conceitos envolvidos.** In: SIERRA GUTIÉRREZ, Luis Inacio (org). *Religião da mídia: credibilidades em tensão.* Unisinos, São Leopoldo (RS), 2006, p. 9-27.

HALL, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, 22(2). Disponível em: < >. Acessado em: 15 de fevereiro de 2024.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.

Igreja Universal. **São Paulo: Companhia das Letras, 2019.**

JOAQUIM, Teresa. **Menina e moça: a construção social da feminilidade.** Lisboa: Fim de Século, 1997.

LEVINSON, Paul. **Digital McLuhan: a guide for the information millennium.** London: Routledge, 1999.

LUCA, Tania Regina de. **Mulher em revista.** In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2013.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas.** v. 5. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

MACEDO, Edir. **Nada a perder: momentos de convicção que mudaram minha vida.** São Paulo: Unipro Editora, 2013. V.1

MACEDO, Edir. **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios? São Paulo: Unipro Editora, 1987.**

MACHADO, Maria das Dores Campos. **SOS Mulher – A identidade feminina na mídia pentecostal.** *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, ano 1, n.1. Porto Alegre, setembro 1999, p. 167-188.

MAHMOOD, Saba. **Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no egito.** *Etnográfica*, Vol. X (1), 2006, p.121-158.

MALISNOWSKI, Bronislau. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélogos da Nova Guiné.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTÍN-BARBERO. **Jesús.** Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade midiaticizada.* Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

McCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial.** Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

McLUHAN Marshal. **The medium is the message.** In: \_\_\_\_\_. Os meios de comunicação como extensões do homem. Rio de Janeiro: Cultrix, 1964, p. 21-27.

McLUHAN, Eric; McLUHAN, MARSHAL. **Laws of media.** In: \_\_\_\_\_. *Laws of media: The new science.* Toronto: University of Toronto Press, 1988, p. 93-128.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place: The impact of electronic Media on Social Behavior.** New York: Oxford Press University.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975).

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NASCIMENTO, Gilberto. **O reino: a história de Edir Macedo e uma radiografia da**

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra.** Campinas: Papirus. 1988.

ORO, Ari Pedro. **Igreja Universa: um poder político.** In: CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre; ORO, Ari Pedro. (Orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé.* São Paulo: Editora Paulinas, 2003.

ORO, Ari Pedro. \_\_\_\_\_. O “neopentecostalismo macumbeiro”. *Revista USP.* São Paulo, n.68, dezembro/fevereiro 2005-2006, p. 319-332.

PAPA João XXIII. **Pacem in Terris**. Disponível em: <>. Acessado em: 12 de março de 2024.

PAPA Paulo II. **Carta Apostólica: a dignidade e a vocação da mulher – Mulieris Dignitatem**. Braga: A O, 1988. Disponível em <>. Acessado em: 12 de março de 2024.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PERDIGÃO, Letícia. **Conheça o movimento “tradwife”, das esposas recatadas e de direita**. Metrópolis, 12/03/2025. Disponível em: <>. Acessado em: 12 de março de 2025.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

PERROT, Michele. \_\_\_\_\_. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Zilda Santos de; SOIHET, Rachel (orgs.) O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PINKY, Carla B. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos Edição: 1a/2011.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.

PRADO, Carol. **'Tradwife': Quem são as mulheres que fazem sucesso mostrando rotina de dedicação exclusiva ao lar**. G1, 29/05/2024. Pop & Art. Disponível em <>. Acessado em: 12 de março de 2025.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Experiência, modernidade e campo dos media**. Portugal: Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação 1999.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O paradigma comunicacional: história e teorias**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

RODRIGUES, Adriano Duarte; BRAGA, Adriana. **A natureza midiática da experiência.** In: BARRETO, E. et al. *Mídia, Tecnologia e Linguagem Jornalística*. João Pessoa: Editora do CTTA, 2014, p. 188-202.

RODRIGUES, José Carlos. **Homogeneidade e heterogeneidade na comunicação contemporânea.** In: *Comunicação e significado: escritos interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Mauad/Editora PUC-Rio, 2006.

ROSA, J. Pires da; SEVERO, K. ; BORELLI, Viviane. *Mídia e Religião: o Ponto de Luz no discurso midiático iurdiano*. Revista Anagrama, ano 3, ed. 4. São Paulo, USP, 2010, p. 1-16.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo.** Recife: SOS Corpo, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do Macho.** São Paulo. Ed. Moderna. 1987.

SANCHOTENE, Carlos Renan S.; BORELLI, Viviane. **Mídia e Religião: estratégias de cura financeira pela IURD, 2009.** Disponível em: <>. Acessado em: 15 de janeiro de 2024.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, v. 20, n.2, Porto Alegre: UFRGS, 1995.

STRATE, L; BRAGA, A.; LEVINSON, P. **Introdução à Ecologia das Mídias.** Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio, 2019.

TOPEL, Marta Francisca. **A inusitada incorporação do judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões.** Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, ano IV, n. 10, maio, 2011. Disponível em: <>. Acessado em: 18 de março de 2024.

## ANEXO A – Desafios Godllywood

### Desafios Godllywood



**Desafio 01:** Quem Deus vê quando olha para você?



**Desafio 02:** Quem as pessoas que moram com você veem quando olham para você?



**Desafio 03:** Quem as pessoas que trabalham ou estudam com você veem quando olham para você?





**Desafio 04:** Quem você vê quando se olha no espelho?



**Desafio 26:** O que você aprendeu sobre si mesma?



**Desafio 06:** Medite em Provérbios 13:17



**Desafio 07:** Ajoelhe-se e converse com Deus hoje



**Desafio 08:** Pare de seguir quem te atrapalha na fé



**Desafio 09:** O que sua vida tem pregado?



**Desafio 10:** A quem ou a quê você tem resistido?



**Desafio 11:** Diga “Eu te amo” a quem nunca ouviu isso de você



**Desafio 12:** Ore o “Pai Nosso” hoje



**Desafio 13:** Faça uma limpeza em seu armário e remova tudo o que você não usa mais



**Desafio 14:** Faça algo corajoso hoje



**Desafio 15:** Medite em Provérbios 13:20



**Desafio 16:** Ore por alguém que você evita até falar o nome



**Desafio 17:** Faça o desafio que você ainda não fez direito de novo



**Desafio 18:** Medite sobre “Eva”.



**Desafio 19:** Passe tempo com a sua família



**Desafio 20:** Perdoe a sua mesma e a quem te magoou



**Desafio 21:** Onde e como você tem sido indefinida?



**Desafio 22:** Fale o que você tem que falar com quem você tem que falar  
hoje



**Desafio 23:** Faça algo pela sua saúde física nos próximos dias



**Desafio 24:** Lembra-se, pois, de onde caíste



**Desafio 25:** O que você pode fazer para mostrar o seu arrependimento



**Desafio 26:** Você está precisando de um conselho? Agende hoje mesmo um horário com a esposa do pastor de sua igreja



**Desafio 27:** Pratica as primeiras obras



**Desafio 28:** O que é espírito excelente?



**Desafio 29:** O que lhe falta para ter um espírito excelente?



**Desafio 30:** Faça uma nova amizade essa semana



**Desafio 31:** Conte sobre uma experiência sua com Deus a sua nova amizade que você fez no desafio anterior



**Desafio 32:** Dê algo seu que você gosta e tenha a sua cara para a sua nova amizade



**Desafio 33:** O que a passagem de Tiago 4:4 quer dizer?



**Desafio 34:** Leia sobre Jezabel



**Desafio 35:** Ore pelos servos de Deus





**Desafio 36:** Ame alguém hoje



**Desafio 37:** Faça um carinho em alguém da sua família



**Desafio 38:** Procure no dicionário o que significa a palavra “hipocrisia”



**Desafio 39:** Procure na Bíblia passagens que falam sobre os hipócritas



**Desafio 40:** Onde e como você tem sido hipócrita?



**Desafio 41:** O que você precisa mudar, deixar de fazer ou começar a fazer para não ser mais hipócrita nesse mundo?



**Desafio 42:** Baixe o aplicativo da “Igreja Universal”



**Desafio 43:** Durma umas horinhas a mais hoje



**Desafio 44:** Você tem sido uma pessoa emotiva?



**Desafio 45:** Quais as desvantagens em ser uma pessoa emotiva?



**Desafio 46:** Que tipo de música você ouve?



**Desafio 47:** Comece a fazer a “Terapia do Amor” pela sua vida amorosa



**Desafio 48:** Tome uma atitude de fé acompanhada de sacrifício



**Desafio 49:** Medite no Salmo 40



**Desafio 50:** Onde e como você tem deixado de confiar em Deus?



**Desafio 51:** Faça um penteado novo



**Desafio 52:** Ore pela igreja de Jesus



**Desafio 53:** Decida não se lembrar do que precisa ser esquecido na sua vida



**Desafio 54:** Chegue mais cedo na próxima vez que você for à igreja



**Desafio 55:** Baixe e assine Univervideo



**Desafio 56:** Procure no dicionário a definição de vaidade



**Desafio 57:** O que significa entregar o seu passado, presente e futuro nas mãos de Deus?



**Desafio 58:** Escreva uma carta de amor para o senhor Jesus



**Desafio 59:** Faça as suas unhas



**Desafio 60:** O que Deus tem falado com você ultimamente?



**Desafio 61:** Em que você poderia se atualizar mais?



**Desafio 62:** Em que você tem se acomodado na sua vida?



**Desafio 63:** Em que você poderia ser melhor?



**Desafio 64:** Você reconhece o valor da igreja que o senhor Jesus estabeleceu para nós?



**Desafio 65:** Faça uma pesquisa: o que é ser discreta e indiscreta



**Desafio 66:** Medite sobre Salmo 103



**Desafio 67:** Escreva em seu caderno uma lista dos benefícios que Deus te deu





**Desafio 68:** Medite sobre Noé



**Desafio 69:** O que significa andar com Deus?



**Desafio 70:** Peça perdão a alguém que você magoou recentemente



**Desafio 71:** O que você vai fazer para exalar o perfume de Jesus essa semana?



**Desafio 72:** Ore por alguém especialmente por quem você não ora normalmente



**Desafio 73:** O que você pode fazer hoje para agradar o Espírito Santo?



**Desafio 74:** O que significa a palavra “Tolo” que o livro de Provérbios tanto fala a respeito?



**Desafio 75:** Arrume seu armário e suas gavetas por cores



**Desafio 76:** Faça uma faxina bem-feita em todos os cômodos de sua casa



**Desafio 77:** Faça uma refeição bem caprichada para sua família ou as pessoas que moram com você



**Desafio 78:** Faça algo novo hoje com seu cabelo



**Desafio 79:** Use um vestido ou uma saia essa semana



**Desafio 80:** Agrade a sua mãe



**Desafio 81:** Escreva em seu caderno sobre sua mudança através do desafio